



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB
DEPARTAMENTO DE TECNOLOGIA E CIÊNCIAS SOCIAIS - DTCS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM ECOLOGIA
HUMANA E GESTÃO SOCIOAMBIENTAL - PPGEcoH



ZULENILTON SOBREIRA LEAL

AS DIMENSÕES MÍTICAS E SIMBÓLICAS DA TRANSPOSIÇÃO DAS
ÁGUAS DO RIO SÃO FRANCISCO E SEUS ASPECTOS ECOLÓGICOS
E SOCIOCULTURAIS

JUAZEIRO-BA

2024

ZULENILTON SOBREIRA LEAL

**AS DIMENSÕES MÍTICAS E SIMBÓLICAS DA TRANSPOSIÇÃO DAS
ÁGUAS DO RIO SÃO FRANCISCO E SEUS ASPECTOS ECOLÓGICOS
E SOCIOCULTURAIS**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental da Universidade do Estado da Bahia, Campus III, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental.

Linha de Pesquisa: Gestão Socioambiental

Orientador: Dr. Juracy Marques dos Santos

Coorientador: Dr. Geam Karlo Gomes

JUAZEIRO-BA

2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
por Regivaldo José da Silva/CRB-5-1169

L435d Leal, Zulenilton Sobreira

As dimensões míticas e simbólicas da transposição das águas do Rio São Francisco e seus aspectos ecológicos e socioculturais / Zulenilton Sobreira Leal. Juazeiro-BA, 2024.

121 fls.: il.

Orientador(a): Prof. Dr. Juracy Marques dos Santos.

Coorientador(a): Prof. Dr. Geam Karlo Gomes.

Inclui Referências

Tese (Doutorado) – Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Tecnologia e Ciências Sociais – DTCS. Programa de Pós-Graduação em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental – PPGecoH, Campus III. 2024.


1. Transposição do Rio São Francisco. 2. Arquetipologia. 3. Mitocrítica. 4. Imaginário coletivo. 5. Interações socioambientais. I. Santos, Juracy Marques do. II. Gomes, Geam Karlo. III. Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Tecnologia e Ciências Sociais – DTCS. IV. Título.

CDD: 981.5


FOLHA DE APROVAÇÃO

AS DIMENSÕES MÍTICAS E SIMBÓLICAS DA TRANSPOSIÇÃO DAS ÁGUAS DO RIO SÃO FRANCISCO E SEUS ASPECTOS ECOLÓGICOS E SOCIOCULTURAIS


Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental – PPGEcoh, em 06 de dezembro de 2024, como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental pela Universidade do Estado da Bahia, conforme avaliação da Banca Examinadora:

Documento assinado digitalmente
 JURACY MARQUES DOS SANTOS
Data: 06/12/2024 17:53:52-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>


Prof. Dr. Juracy Marques dos Santos
Doutor em Cultura e Sociedade pela Universidade Federal da Bahia (UFBA),
Universidade Federal da Bahia - UFBA

Documento assinado digitalmente
 HELOISA JUNCKLAUS PREIS MORAES
Data: 09/12/2024 10:20:08-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>


Profa. Dra. Heloisa Junklaus
Dra. em Comunicação Social
Universidade do Sul de Santa Catarina - UNISUL

Documento assinado digitalmente
 MARIO DE FARIA CARVALHO
Data: 10/12/2024 12:46:23-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Mário de Faria Carvalho
Doutor em Sciences Sociales
Université René Descartes - Paris

Documento assinado digitalmente
 ELIS REJANE SANTANA DA SILVA
Data: 09/12/2024 16:55:52-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Elis Rejane Santana da Silva
Doutorado em Ciências
Universidade de São Paulo - USP

Documento assinado digitalmente
 GEILSON FERNANDES DE OLIVEIRA
Data: 07/12/2024 09:57:45-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Geilson Fernandes de Oliveira
Doutor em Estudos da Mídia
Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN

DEDICATÓRIA

Dedico esta tese a todos aqueles que, mesmo diante das adversidades, ainda se encantam com a melodia da poesia e reconhecem a força divina que emana do universo, nos moldando como seres racionais e simbólicos, capazes de sonhar e construir novas realidades.

EPIGARAFE

A imaginação é mais importante que o conhecimento. Pois o conhecimento é limitado, enquanto a imaginação abrange o mundo inteiro, estimulando o progresso e dando origem à evolução.

(Albert Einstein)

AGRADECIMENTO

A vida, em sua dinamicidade, nos revela o quanto somos seres que sempre precisamos uns dos outros. Nesse sentido, as conquistas e realizações ganham dimensões coletivas, nos fazendo reconhecer que cada passo dado é fruto não apenas do nosso esforço individual, mas também do apoio e da colaboração daqueles que caminham ao nosso lado. Nesse quadro, não podemos deixar de lembrar das pessoas e do lugar de onde viemos da nossa caminhada, da nossa ancestralidade, e daqueles que, embora não estejam mais neste plano, contribuíram significativamente para esta conquista.

Em especial, à minha querida avó, Dona Maria Sobreira, (in memoriam.) que foi mãe, inspiração e guia em todos os momentos da minha vida. Sua sabedoria e amor moldaram quem sou e continuam a me inspirar diariamente. Também não posso deixar de expressar minha profunda gratidão a todos os familiares e amigos que sempre estiveram presentes, contribuindo para minha formação individual, que, de certa forma, reflete o coletivo.

Neste momento são tantos os nomes que vêm à mente, tantas mãos estendidas, palavras de conforto e momentos de descontração que me ajudaram a trilhar este caminho. Em particular, agradeço à minha amiga e irmã de vida, Patrícia Costa, e a Jair Ventura, pelo acolhimento e por estarem comigo desde o início desta jornada.

Agradeço ao meu orientador Dr. Juracy Marques, pela disposição em abraçar uma pesquisa que valoriza a fluidez do conhecimento, proporcionando-me a liberdade de explorar além dos cânones positivistas, descobrindo, assim, o verdadeiro significado de construir novos caminhos na academia.

Sou profundamente grato ao Professor Doutor Geam Karlo Gomes, meu coorientador, cuja sensibilidade e profunda paixão pela ciência abriram caminhos para que eu pudesse explorar com mais profundidade a Antropologia do Imaginário. Agradeço aos professores Heloysa Junklaus e Mário de Faria Carvalho por aceitarem o convite para integrar esta banca, contribuindo significativamente para minha formação e para a solidez da pesquisa. Expresso minha sincera gratidão aos professores membros da banca interna, Dr. Geilson Fernandes e Dra. Elis Rejane Santana da Silva, pela presença e valiosa contribuição para a formação de mais um pesquisador brasileiro.

Aos meus colegas e professores do doutorado em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental, que, mesmo diante das dificuldades impostas pela vida, souberam me auxiliar, estimular e apoiar em cada etapa desta jornada, expresso meu sincero agradecimento, agradeço também à FAPESB, cuja iniciativa em financiar esta pesquisa e promover a inclusão do conhecimento é fundamental para o avanço científico e para a democratização das ideias dentro e fora do estado da Bahia. Por fim, agradeço ao dom da vida em todas as suas dimensões, aos seres materiais e imateriais que permeiam nossa existência, e a todos aqueles que enxergam no conhecimento muito mais do que seu caráter utilitário.

LEAL, Zulenilton Sobreira. Universidade do Estado da Bahia. Programa de Pós-Graduação em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental, Setembro de 2024. *As Dimensões Míticas e Simbólicas da Transposição das Águas do Rio São Francisco e Seus Aspectos Ecológicos e Socioculturais*

A transposição das águas do Rio São Francisco vai além de um simples projeto de engenharia; ela tece uma complexa rede de significados míticos e simbólicos que reverberam profundamente na cultura brasileira. O problema central desta tese é investigar como as imagens produzidas pelo telejornalismo, relacionadas à transposição do Rio São Francisco, refletem e moldam o imaginário coletivo, integrando-se às dimensões míticas e simbólicas no contexto socioambiental brasileiro. Dado que os mitos e as narrativas culturais influenciam atitudes e práticas socioambientais, estas podem ser reinterpretadas diante das crises ecológicas contemporâneas, à luz da Ecologia Humana (EH) e da Antropologia do Imaginário (AI). O objetivo principal da pesquisa foi compreender como as dimensões simbólicas e míticas associadas à transposição das águas do Rio São Francisco refletem e influenciam as percepções ecológicas. Nesse sentido, os objetivos específicos incluíram: discutir os pontos de convergência entre a Antropologia do Imaginário e as concepções da Ecologia Humana; analisar como o conteúdo midiático é permeado por mitos e símbolos que impactam as práticas socioambientais; e refletir sobre como essas imagens, captadas por câmeras e dispositivos móveis, são fruto de uma imaginação criativa e profunda, enraizada em arquétipos universais e atemporais. A pesquisa adotou uma abordagem comparativa conceitual, seguindo o modelo de Niz et al. (2016), que analisa temas ou conceitos em diferentes autores, com ou sem afinidade. Além disso, utilizou uma metodologia qualitativa, descritiva, bibliográfica e documental, associada ao método indutivo. A perspectiva teórico-metodológica da Mitocrítica e da Arquetipologia, desenvolvidas nos estudos da Antropologia do Imaginário, mostrou-se eficaz na identificação de mitos e símbolos em produtos culturais, dada sua afinidade com as ciências do texto e sua capacidade de analisar produtos midiáticos. Os resultados da pesquisa destacaram a importância dos estudos que conectam a Ecologia Humana às dimensões simbólicas do Homo sapiens, evidenciando como essas perspectivas ajudam a compreender as interações entre o ser humano e o meio ambiente. Nesse contexto, as imagens geradas pela técnica não apenas registram a realidade, mas também servem como um elo que integra as dimensões simbólicas às representações do mundo físico, traduzindo significados profundos que moldam nossas percepções. A pesquisa revelou que as narrativas de desenvolvimento econômico muitas vezes conflitam com as preocupações ambientais, influenciando de maneira complexa os valores e crenças coletivas. Esse conflito expõe a existência de um ecossistema simbólico, onde mitos e símbolos não só influenciam percepções, mas também dão origem a uma Ecologia das Imagens.

Palavras-chave: Transposição do Rio São Francisco, Arquetipologia, Mitocrítica, Imaginário coletivo, Interações socioambientais

LEAL, Zulenilton Sobreira. State University of Bahia. Graduate Program in Human Ecology and Socioenvironmental Management, September 2024. The Mythical and Symbolic Dimensions of the Transposition of the Waters of the São Francisco River and Its Ecological and Sociocultural Aspects

Abstract: The transposition of the waters of the São Francisco River goes beyond a simple engineering project; it weaves a complex web of mythical and symbolic meanings that deeply resonate in Brazilian culture. The central problem of this thesis is to investigate how the images produced by television news, related to the transposition of the São Francisco River, reflect and shape the collective imagination, integrating themselves with the mythical and symbolic dimensions in the Brazilian socio-environmental context. Given that myths and cultural narratives influence socio-environmental attitudes and practices, these can be reinterpreted in the face of contemporary ecological crises, in the light of Human Ecology (HE) and Anthropology of the Imaginary (AI). The main objective of the research was to understand how the symbolic and mythical dimensions associated with the transposition of the waters of the São Francisco River reflect and influence ecological perceptions. In this sense, the specific objectives included: discussing the points of convergence between Anthropology of the Imaginary and the concepts of Human Ecology; to analyze how media content is permeated by myths and symbols that impact socio-environmental practices; and to reflect on how these images, captured by cameras and mobile devices, are the fruit of a creative and profound imagination, rooted in universal and timeless archetypes. The research adopted a conceptual comparative approach, following the model of Niz et al. (2016), which analyzes themes or concepts in different authors, with or without affinity. In addition, it used a qualitative, descriptive, bibliographic and documentary methodology, associated with inductive and comparative methods. The theoretical-methodological perspective of Mythocriticism and Archetypology, developed in studies of the Anthropology of the Imaginary, proved to be effective in identifying myths and symbols in cultural products, given its affinity with the sciences of text and its ability to analyze media products. The research results highlighted the importance of studies that connect Human Ecology to the symbolic dimensions of Homo sapiens, showing how these perspectives help to understand the interactions between humans and the environment. The images generated by the technique not only record reality, but also incorporate universal archetypes, revealing the depths of the human imagination in its interaction with the world. The study showed that narratives of economic development often clash with environmental concerns, shaping collective values and beliefs in complex ways. This conflict exposes the existence of a symbolic ecosystem, where myths and symbols not only influence perceptions, but also give rise to an Ecology of Images.

Keywords: Transposition of the São Francisco River. Archetypology, Mythocriticism, Collective Imagination, Socio-environmental Interactions.

LEAL, Zulenilton Sobreira. Universidad del Estado de Bahía. Programa de Posgrado en Ecología Humana y Gestión Socioambiental, septiembre de 2024. Las dimensiones míticas y simbólicas de la transposición de las aguas del río São Francisco y sus aspectos ecológicos y socioculturales

Resumen: La transposición de las aguas del río São Francisco va más allá de un simple proyecto de ingeniería; teje una compleja red de significados míticos y simbólicos que resuenan profundamente en la cultura brasileña. El problema central de esta tesis es investigar cómo las imágenes producidas por el periodismo televisivo, relacionadas con la transposición del río São Francisco, reflejan y moldean el imaginario colectivo, integrando las dimensiones míticas y simbólicas en el contexto socioambiental brasileño. Dado que los mitos y las narrativas culturales influyen en las actitudes y prácticas socioambientales, éstas pueden ser reinterpretadas frente a las crisis ecológicas contemporáneas, a la luz de la Ecología Humana (ES) y la Antropología de lo Imaginario (IA). El principal objetivo de la investigación fue comprender cómo las dimensiones simbólicas y míticas asociadas a la transposición de las aguas del río São Francisco reflejan e influyen en las percepciones ecológicas. En este sentido, los objetivos específicos incluyeron: discutir los puntos de convergencia entre la Antropología de lo Imaginario y los conceptos de Ecología Humana; analizar cómo el contenido de los medios está permeado por mitos y símbolos que impactan las prácticas socioambientales; y reflexionar sobre cómo funcionan estas imágenes, captadas por cámaras y dispositivos móviles. Sostengo que son el resultado de una imaginación creativa y profunda, arraigada en arquetipos universales y atemporales. La investigación adoptó un enfoque comparativo conceptual, siguiendo el modelo de Niz et al. (2016), que analiza temas o conceptos en diferentes autores, con o sin afinidad. Además, utilizó una metodología cualitativa, descriptiva, bibliográfica y documental, asociada a métodos inductivos y comparativos. La perspectiva teórico- metodológica de la Mitocrítica y la Arquetipología, desarrollada en los estudios de Antropología de lo Imaginario, demostró ser eficaz para identificar mitos y símbolos en productos culturales, dada su afinidad con las ciencias del texto y su capacidad para analizar productos mediáticos. Los resultados de la investigación resaltaron la importancia de los estudios que conectan la Ecología Humana con las dimensiones simbólicas del Homo sapiens, destacando cómo estas perspectivas ayudan a comprender las interacciones entre los humanos y el medio ambiente. Las imágenes generadas por la técnica no sólo registran la realidad, sino que también incorporan arquetipos universales, revelando las profundidades de la imaginación humana en su interacción con el mundo. El estudio demostró que las narrativas del desarrollo económico a menudo chocan con las preocupaciones ambientales, dando forma a valores y creencias colectivos de maneras complejas. Este conflicto expone la existencia de un ecosistema simbólico, donde los mitos y símbolos no sólo influyen en las percepciones, sino que también dan lugar a una Ecología de Imágenes.

Palabras clave: Transposición del Río São Francisco, Arquetipología, Mitocrítica, Imaginario colectivo, Interacciones socioambientales.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Frei Cappio sendo levado ao hospital após quase um mês de jejum contra a transposição das águas do Rio São Francisco	114
Figura 2: Imagem destaca a abundância e a força das águas do Rio São Francisco a poucos metros da residência	115
Figura 3: Canais da transposição levando as águas do Rio São Francisco para o estado do Ceará	115
Figura 4: Vista aérea de áreas verdes em contraste com o árido e desértico clima do semiárido brasileiro	116

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - SÍNTESE DOS ESTUDOS.....	21
-------------------------------------	----

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO	14
2 PROPOSIÇÃO	18
3 INTRODUÇÃO	19
4 O Percursso acadêmico	23
5 REVISÃO DA LITERATURA	26
5.1 Então, o que seria a Antropologia do Imaginário?	26
5.2 A relação entre Ecologia Humana e as dimensões simbólicas do Imaginário	32
6 MÉTODOS	38
6.1 Explicando a Mitocrítica	39
6.2 Tipologia da pesquisa	40
6.3 Caracterização do objeto de pesquisa	41
6.4 Aplicação da Hermenêutica Simbólica	42
6.5 Uso do Método Indutivo	42
6.6 Descrição do Corpus Analítico-Investigativo	42
6.7 Validação das Premissas	43

CAPÍTULO 1

Ecologia humana e antropologia do imaginário: convergências e aproximações	44
1 Introdução	47
2 Ecologia Humana: uma discussão para além das ciências naturais	50
3 A Antropologia do Imaginário	57
3.1 Bases epistemológicas da Escola de Grenoble	58
4 Convergências e aproximações entre a Ecologia Humana e a Antropologia do Imaginário	62
5 Considerações finais	66
Referências	67

CAPÍTULO 2

TELEJORNALISMO E TRANSPOSIÇÃO DO RIO SÃO FRANCISCO: UMA MITOCRÍTICA SOCIOAMBIENTAL	70
INTRODUÇÃO	73
A ANTROPOLOGIA DO IMAGINÁRIO	75
A ECOLOGIA HUMANA NOS TELEJORNALIS	80
O TELEJORNAL COMO UMA TECNOLOGIA DO IMAGINÁRIO	82

METODOLOGIA	84
Tipologia da pesquisa.....	85
A MITOCRÍTICA COMO MÉTODO DE ANÁLISE E AS INTERAÇÕES COM EH	87
APRESENTAÇÃO DO <i>CORPUS</i> ANALÍTICO-INVESTIGATIVO	89
NARRATIVA CANÔNICA.....	95
AS DIMENSÕES MÍTICAS E SIMBÓLICAS E SUAS RELAÇÕES COM A ECOLOGIA HUMANA.....	96
REFERÊNCIAS.....	102

CAPÍTULO 3

ANÁLISE ARQUETÍPICA DAS IMAGENS TÉCNICAS NA TRANSPOSIÇÃO DO VELHO CHICO.....	106
Introdução.....	108
A Antropologia do Imaginário e as Imagens Técnicas	110
A Ecologia das Imagens: um ecossistema simbólico	111
Arquetipologia e os <i>Schèmes</i>: desvendando os Símbolos e Mitos na cultura.....	111
Os regimes de imagens.....	111
Metodologia.....	113
Aplicação Metodológica	113
Tipologia da pesquisa.....	113
Apresentação do corpus analítico-investigativo: primeiras leituras	113
A inter-relação das Imagens Técnicas e a Produção Simbólica em Pautas Socioambientais	117
Considerações finais.....	118
Referencial Bibliográfico.....	118
6 DISCUSSÃO GERAL	120
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	121
REFERÊNCIAS.....	125

1 APRESENTAÇÃO

A transposição das águas do Rio São Francisco, uma das maiores intervenções hídricas da história do Brasil, vai muito além de suas dimensões técnicas e operacionais. Esse projeto, cujas raízes remontam ao século XIX, com Dom Pedro II, e que só começou a ser efetivamente implementado em 2007, durante o governo de Luiz Inácio Lula da Silva, não apenas altera o curso das águas, mas também impacta profundamente as comunidades, o meio ambiente e o imaginário coletivo em torno do desenvolvimento e da conservação dos recursos naturais (Castro, 2010). A ideia do projeto de transposição foi beneficiar diretamente quatro estados do Nordeste brasileiro: Pernambuco, Ceará, Paraíba e Rio Grande do Norte, regiões historicamente afetadas pela seca, melhorando o abastecimento de água e impulsionando o desenvolvimento econômico e a qualidade de vida de milhões de pessoas.

No entanto, a execução da obra enfrentou inúmeros desafios, como atrasos, protestos, dificuldades financeiras, além de gerar impactos ambientais e sociais. Essa complexidade demanda que a transposição seja analisada por perspectivas que vão além das abordagens puramente físicas, utilitárias e econômicas. A Ecologia Humana, nesse contexto, proporciona uma compreensão das dinâmicas entre as comunidades humanas e seus ambientes, reconhecendo que cada intervenção tecnológica, como a transposição, carrega implicações profundas para as relações sociais, culturais e ecológicas.

Analisando a Transposição do Rio São Francisco a partir dessa perspectiva, é possível entender como as comunidades afetadas interagem com o novo cenário ambiental, adaptando-se às mudanças e ressignificando suas práticas e modos de vida, de maneira coexistente com a abordagem da Antropologia do Imaginário, que nos permite explorar os aspectos simbólicos e míticos que cercam essa obra.

O Rio São Francisco, conhecido como "Velho Chico", possui uma carga simbólica significativa na cultura brasileira, sendo reverenciado em canções, lendas e tradições populares. Sendo assim, a transposição de suas águas não é apenas uma alteração física no território, mas também uma intervenção no imaginário coletivo. Por isso, é fundamental estudar esse processo por meio dos mitos, símbolos e arquétipos, que podem revelar as narrativas culturais que moldam e são moldadas por essa obra. Neste cenário, ao analisar a Transposição das Águas do Rio São Francisco sob as perspectivas da Ecologia Humana e da Antropologia do Imaginário, não apenas se enriquece a compreensão desse fenômeno, mas também se propõe uma reflexão crítica sobre como as interações entre natureza, cultura e tecnologia moldam nosso presente e futuro.

Esse olhar interdisciplinar, que integra elementos das ciências humanas, biológicas e naturais, é crucial para entender as complexidades desse projeto e para buscar soluções que harmonizem o desenvolvimento humano com a conservação dos recursos naturais e das identidades culturais. Compreender e integrar esses aspectos simbólicos e culturais permite que as políticas públicas sejam desenvolvidas de maneira mais inclusiva e eficaz, garantindo que as intervenções não apenas alcancem seus objetivos de efetividade e aceitação social e utilitária, mas também respeitem e valorizem as identidades e valores das comunidades envolvidas, promovendo uma sustentabilidade que abrange tanto o meio ambiente quanto o patrimônio cultural.

Considerando a complexidade das interações entre sociedade e natureza, a pesquisa justifica-se pela necessidade de integrar abordagens simbólicas e culturais à compreensão das práticas e políticas ambientais. Ao adotar essa perspectiva interdisciplinar, o estudo contribui para um entendimento holístico dessas relações, oferecendo reflexões sobre como projetos de grande impacto, como a transposição, afetam não apenas os aspectos materiais, mas também a cultura e a identidade das comunidades envolvidas.

A combinação desses elementos destacou a importância da pesquisa, que foi além das abordagens cartesianas. Embora necessárias, reconhecemos que essas abordagens não capturam plenamente as complexidades subjetivas e estéticas envolvidas. Ao explorar as dimensões míticas e simbólicas associadas à transposição do Rio São Francisco e seu imbricamento com as visões da Ecologia Humana, o estudo proporcionou uma compreensão mais profunda das representações culturais e socioambientais que tanto moldam quanto são moldadas por esse processo, que envolve a imaginação humana.

Como resultado dessas análises, o primeiro artigo (capítulo) desta tese, foi publicado em 2024 na Revista *Percursos*, *qualis* A4, intitulado *Ecologia Humana e Antropologia do Imaginário: Convergências e Aproximações*. Este estudo explorou a necessidade de compreender as dimensões simbólicas da espécie humana nas questões socioambientais, revelando a convergência entre a Ecologia Humana (EH) e a Antropologia do Imaginário (AI). Através de uma pesquisa conceitual comparativa (Niz et al., 2016), foi possível compreender que ambas as correntes de estudo têm como ponto de convergência a existência de um trajeto antropológico, ligado ao equilíbrio biopsicossocial do *Homo sapiens*. Essa perspectiva ofereceu um debate complexo sobre a relação dos seres humanos com a natureza e seus diversos habitats, em particular o habitat simbólico.

O segundo artigo (capítulo), foi publicado na Revista *Boca*, *qualis* A1, em 2024, com o título *Telejornalismo e Transposição do Rio São Francisco: uma Mitocrítica Socioambiental*,

e buscou compreender como o telejornal é permeado por mitos e símbolos e como esses elementos refletem nossas práticas socioambientais. Para tanto, foram analisadas duas reportagens televisivas sobre a transposição das águas do Rio São Francisco, uma de 2007 e outra de 2017. A escolha dessas reportagens se justificou pela relevância histórica e simbólica que cada uma delas carrega dentro da trajetória da transposição. A primeira, de 2007, aborda a greve de fome de Dom Luiz Flávio Cappio, religioso e figura central no protesto contra a obra, que incorporou elementos de resistência e de questionamento moral, evocando mitos de sacrifício e espiritualidade. Já a segunda, de 2017, marca a chegada das águas do Velho Chico a Monteiro, na Paraíba, a primeira cidade da região Nordeste a ser beneficiada pelo projeto de transposição. Esse momento foi celebrado como um símbolo de esperança, fertilidade, renascimento e abundância. Num intervalo de dez anos, essas duas reportagens refletem momentos cruciais, tanto de oposição quanto de realização, que são fundamentais para compreender as narrativas míticas e simbólicas que permeiam o telejornalismo.

Para aprofundar essa análise, a Mitocrítica permitiu identificar a influência de mitos como o mito grego de Prometeu, o mito indígena de Sumé e o mito iorubá de Exu, que emergem nas narrativas de maneira significativa. Esses mitos, ou “histórias”, ilustram a complexidade das abordagens relacionadas ao imaginário coletivo e à construção de sentidos simbólicos, inserindo-se em um campo vivo e dinâmico que podemos chamar de Ecologia das Imagens

Por fim, o terceiro artigo (capítulo) que foi submetido *Revista del CESLA: International Latin American Studies Review*, qualis A2. Trazendo como título *Análise Arquetípica das Imagens Técnicas na Transposição do Velho Chico*, refletimos sobre como as imagens captadas por câmeras e dispositivos midiáticos, mais do que simples registros técnicos dos fatos, como apontado por Vilém Flusser (1985), podem ser compreendidas como resultado de um imaginário coletivo que tanto influencia quanto é influenciado por fatores políticos, históricos, naturais e socioculturais.

O material empírico analisado incluiu quatro imagens extraídas de reportagens exibidas em telejornais brasileiros nos anos de 2007, 2017, 2020 e 2021 sobre a transposição das águas do Rio São Francisco, o que revelou como esses elementos simbólicos permeiam a representação visual e reforçam a construção de narrativas culturais e socioambientais.

Assim, a partir das perspectivas da Ecologia Humana e de seu diálogo com a Antropologia do Imaginário, oferecemos um campo amplo e interdisciplinar para compreender as interações entre os elementos simbólicos e as realidades construídas pela sociedade.

Nos três capítulos deste estudo, destacou-se a existência de um ecossistema simbólico, dinâmico e interligado, onde mitos, arquétipos e símbolos dialogam com questões

socioambientais. Ao nosso ver esse imaginário está inserido na Ecologia das Imagens, contribuindo para a construção de significados que influenciam práticas cotidianas e refletem as interações entre o ser humano e o ambiente.

2 PROPOSIÇÃO

A transposição do Rio São Francisco transcende a mera obra de engenharia; ela se configura como um fenômeno cultural e simbólico que molda e é moldado pelas comunidades locais. Ao interferir em um rio que carrega um profundo significado cultural e histórico, essa intervenção demanda um reconhecimento abrangente da necessidade de políticas que integrem dimensões técnicas, sociais, culturais e simbólicas.

Nesse sentido, a transposição deve ser compreendida não apenas como uma solução para problemas hídricos, mas também como um ato que tem o potencial de fortalecer identidades e preservar narrativas que são essenciais para a coesão social, compreendendo que essas narrativas desempenham um papel vital na forma como as comunidades se percebem e se relacionam com o seu entorno.

Compreende-se, então, que as dimensões míticas e simbólicas não são elementos secundários, mas fatores fundamentais que moldam a promoção e a implementação de políticas socioambientais. Essas dimensões atuam como mediadoras na construção de um entendimento coletivo sobre a importância da água e dos rios para a vida, não apenas em seu caráter utilitário, mas também como elementos centrais da cultura de um povo.

Portanto, é crucial que as políticas relacionadas à transposição do Rio São Francisco considerem esses aspectos, promovendo um diálogo inclusivo entre as comunidades, os gestores e os especialistas. Isso pode garantir que as vozes das comunidades sejam ouvidas e integradas na tomada de decisões. Assim, a transposição das águas do Velho Chico se torna um catalisador para a construção de um futuro sustentável, em que as dimensões ecológicas, culturais e simbólicas caminham juntas.

3 INTRODUÇÃO

No cenário contemporâneo, a interseção entre a Antropologia do Imaginário (AI) e a Ecologia Humana (EH) emerge como um campo promissor para a compreensão das complexas relações entre sociedade, simbologias, cultura e meio ambiente. Esta tese de doutorado integra esses dois campos interdisciplinares para investigar como as dimensões míticas e simbólicas, que acompanham a espécie humana desde o início dos tempos, influenciam as práticas e políticas ecológicas.

Diante desse contexto, consideramos a imaginação uma potência essencial na produção de um conhecimento sensível sobre as questões que envolvem a sobrevivência na Terra. Conforme a definição de Gaston Bachelard (1966), a imaginação não é apenas um reflexo passivo da realidade, mas uma força ativa e criativa que molda nosso dia a dia. Ela nos permite criar símbolos, mitos e imagens que dão sentido ao nosso mundo e à nossa relação com os diversos ecossistemas.

Esses elementos - mitos, símbolos e arquétipos gerados pela imaginação - alimentam o imaginário que consiste no conjunto de representações simbólicas compartilhadas por uma cultura. Para Pitta *et al.* (2023), esse imaginário influencia profundamente nossas práticas culturais e ecológicas, moldando a forma como nos relacionamos com o meio ambiente e interpretamos nossa interação com a natureza.

Nesse contexto, surge a Ecologia das Imagens, um conceito que abrange a maneira como as representações visuais/técnicas e simbólicas/arquetípicas moldam e são moldadas pelas interações entre humanos e o meio ambiente. Dessa forma, o problema de tese consiste em: como as imagens produzidas pelo telejornalismo, relacionadas à transposição do Rio São Francisco, refletem e influenciam o imaginário coletivo, integrando-se às dimensões míticas e simbólicas no contexto socioambiental brasileiro?

Partimos da hipótese de que as imagens produzidas pelo telejornalismo relacionadas à transposição do Rio São Francisco atuam como mediadoras simbólicas. Ao refletirem e influenciarem o imaginário, essas imagens reforçam e ressignificam mitos e símbolos enraizados na cultura brasileira, contribuindo para moldar as percepções e narrativas socioambientais.

É importante destacar que os mitos e narrativas culturais influenciam diretamente as atitudes e práticas socioambientais, podendo ser revisitados e reinterpretados diante das crises ecológicas contemporâneas. Sendo assim, essa investigação integra os campos da Ecologia

Humana (EH) e da Antropologia do Imaginário (AI), explorando como essas dimensões interagem e se refletem nestas práticas.

Dado esse contexto, com vistas a responder ao problema de tese o objetivo geral desta pesquisa é compreender as dimensões míticas e simbólicas associadas à transposição das águas do Rio São Francisco e como essas dimensões refletem e influenciam as percepções ecológicas de uma época. Para alcançar esse objetivo, adotamos uma hermenêutica simbólica da Antropologia do Imaginário, utilizando os métodos indutivo e comparativo conceitual, com uma abordagem qualitativa, descritiva, documental e bibliográfica, aplicando as perspectivas teórico-metodológicas da Mitocrítica e da Arquetipologia.

Os objetivos específicos incluíram compreender as convergências entre a Ecologia Humana e a Antropologia do Imaginário, destacando como mitos, símbolos e arquétipos, especialmente aqueles relacionados ao desenvolvimento e à conservação ambiental, moldam nossas interações com o mundo e influenciam diretamente as práticas cotidianas. Isso nos levou a reconhecer que o *Homo ecologicus* e o *Homo simbolicus* são indissociáveis, revelando a interdependência entre nossas práticas ecológicas e simbólicas.

Outro objetivo específico foi investigar como as narrativas midiáticas e os produtos culturais, como o telejornal, refletem mitos e estruturas arquetípicas associadas ao desenvolvimento e à conservação ambiental. Por fim, exploramos a existência de um ecossistema simbólico - uma Ecologia das Imagens, que influencia a produção de imagens, sejam elas provenientes do campo simbólico/arquetípico ou captadas por câmeras e dispositivos móveis. Essa análise revelou que até mesmo as imagens consideradas técnicas são atravessadas por mitos, símbolos e arquétipos universais, evidenciando a profunda interconexão entre o imaginário coletivo e as representações visuais

Como forma de confirmar nossas premissas, escolhemos reportagens de quatro telejornais brasileiros exibidas nos anos de 2007, 2017, 2020 e 2021. Esses anos foram escolhidos por documentarem momentos emblemáticos e simbólicos do projeto de transposição, permitindo analisar se houve transformação ou permanência dos mitos e símbolos sobre o tema ao longo do tempo.

A reportagem de 2007 inclui o início do projeto de transposição e retratou tanto o começo da greve de fome de Dom Luiz Flávio Cappio, quanto seu desfecho, quando ele foi hospitalizado, simbolizando resistência e sacrifício.

A reportagem de 2017 marcou a chegada das águas a Monteiro, na Paraíba, a primeira cidade da região Nordeste que não estava no curso do rio, beneficiada pelo projeto de transposição, simbolizando renascimento e prosperidade. O momento foi celebrado pela

população, mas também trouxe à tona preocupações ecológicas e sociais, refletindo as complexas interações entre o ser humano e o meio ambiente.

As reportagens de 2020 e 2021 capturaram fases mais avançadas e conclusivas do projeto, refletindo temas de progresso, sustentabilidade e novos desafios. A disponibilidade dessas reportagens em plataformas digitais também facilitou o acesso e a análise detalhada dos mitos e símbolos.

O estudo também optou por analisar as narrativas presentes nos telejornais, considerando que esse produto cultural, com sua linguagem própria que combina texto e imagem, proporciona uma narrativa mais rica e multifacetada dos fatos. Além disso, o telejornal exerce um impacto significativo na formação da opinião pública (Vizeu, 2005) e na construção de realidades sociais, tornando-o um meio crucial para compreender como mitos, símbolos são transmitidos e ressignificados na sociedade contemporânea.

Segundo Juremir Machado da Silva (2012), os telejornais podem ser considerados "tecnologias do imaginário" por sua habilidade em transformar eventos e informações em narrativas simbólicas que ressoam no imaginário coletivo. Essas tecnologias, conforme Machado, (2012) não apenas registram a realidade, mas a interpretam, reorganizando-a em torno de dimensões simbólicas que influenciam profundamente as percepções e emoções das audiências.

Para a análise do nosso material empírico, adotamos uma abordagem fundamentada na hermenêutica simbólica, desenvolvida nos estudos da Antropologia do Imaginário (Durand, 2012). Utilizamos dois métodos principais: o indutivo (Bacon, 2020), que parte da observação de casos específicos para chegar a conclusões gerais, e o comparativo conceitual (Niz *et al.*, 2016), o qual nos permitiu compreender convergências e aproximações entre o ser simbólico e o ser ecológico. Esses métodos possibilitaram a aplicação tanto da Mitocrítica quanto da Arquetipologia, metodologias essenciais para desvendar os mitos, símbolos e arquétipos presentes nas narrativas midiáticas

Ambas as metodologias, desenvolvidas nos estudos da (AI), estão alinhadas com as ciências do texto, que enfatizam a interpretação profunda das representações culturais e simbólicas. Conforme Gilbert Durand (2012), a análise das imagens e narrativas simbólicas permite acessar o imaginário, revelando como os mitos atuam como elementos de coesão social e cultural. Nossa abordagem valorizou também a dimensão estética, buscando captar as emoções e subjetividades expressas nos textos e imagens, alinhando-se à perspectiva de Bachelard (1966) sobre a imaginação poética como uma via para compreender as experiências sensíveis.

Diferente da análise de discurso, que se concentra na estrutura e no uso da linguagem para revelar relações de poder e ideologias implícitas (Foucault, 1972), nossa análise explorou como os elementos culturais e mitológicos (símbolos, mitos) são reinterpretados no contexto midiático. Ao integrar as abordagens da Antropologia do Imaginário e da Ecologia Humana, revelamos não apenas as narrativas simbólicas, mas também as experiências sensíveis que essas narrativas evocam, oferecendo uma compreensão mais complexa das representações do Rio São Francisco nas reportagens analisadas.

Nesse sentido, a Antropologia do Imaginário ofereceu uma lente para examinar as dimensões míticas que permeiam as sociedades humanas, permitindo a investigação das histórias que construímos sobre o desenvolvimento e a relação com a biodiversidade. Essas narrativas são frequentemente moldadas por preconceitos, valores culturais e aspirações coletivas. Simultaneamente, a Ecologia Humana nos estimulou a considerar as interações dinâmicas entre as comunidades humanas e seus ambientes, reconhecendo que as narrativas culturais influenciam diretamente nossas práticas e atitudes em relação à natureza (Machado, 1984).

Em tempos contemporâneos, em que os mitos e narrativas do desenvolvimento estão frequentemente enraizados na busca incessante pelo progresso econômico, as preocupações ambientais emergem com crescente intensidade. A crença de que o desenvolvimento ilimitado é a chave para a prosperidade entra em conflito com a necessidade urgente de conservar o meio ambiente. Esse embate de narrativas não apenas influencia políticas públicas, mas também molda as escolhas diárias e os valores de indivíduos e coletivos.

4 O Percorso Acadêmico

O interesse em estudar as dimensões míticas e simbólicas que moldam nossas interações com o cosmos surgiu da necessidade de compreender como as imagens — simbólicas ou visuais — estabelecem conexões entre nós, o outro e o universo. Como jornalista com experiência no telejornalismo, sempre estive atento ao poder das imagens e das palavras na construção de realidade. Essa vivência prática nas redações de telejornais me proporcionou uma compreensão de que as notícias vão além da mera informação; são, na verdade, veículos que transportam significados culturais e simbólicos.

Esse olhar começou a se consolidar durante o Mestrado em Comunicação e Culturas Midiáticas na UFPB, momento em que direcionei meu foco para as questões do imaginário, buscando compreender como mitos, símbolos e narrativas moldam não apenas as representações midiáticas, mas também as interações humanas com o mundo e com os ecossistemas simbólicos que habitamos.

As leituras de autores como Gilbert Durand, (2012) Gaston Bachelard (1966) e Carl Jung (2000) foram fundamentais para que eu compreendesse o papel crucial dos mitos e arquétipos nas narrativas humanas. Foi nesse período que percebi como as imagens jornalísticas podem ir além de simples representações visuais, assumindo o papel de símbolos que carregam significados profundos e influenciam a produção do conteúdo jornalístico.

Minha pesquisa atual tem como ponto de partida essa base teórica, aplicada à transposição das águas do Rio São Francisco e sua relação com os aspectos simbólico, míticos e ecológicos. Ao longo das investigações, ficou evidente que a transposição não se limita a um empreendimento de infraestrutura: ela transforma profundamente o imaginário das comunidades envolvidas, evocando mitos ancestrais e inspirando narrativas.

Nesse cenário, o doutorado em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental se mostrou um espaço essencial para essa discussão mais fluida e poética, um ambiente que fugia aos cânones extremamente positivistas. Ao invés de uma visão estritamente científica e reducionista, o programa me permitiu explorar as intersecções entre o simbólico, o ecológico e o natural.

Com essa base, desenvolvemos o conceito de "Ecologia das Imagens", inspirado na convergência entre os estudos da Ecologia Humana e da Antropologia do Imaginário. Essa perspectiva revelou que as imagens midiáticas são componentes essenciais de um ecossistema simbólico, interagindo de maneira dinâmica com elementos culturais, sociais e ecológicos.

Percebi que o ser simbólico e o ser ecológico estão intrinsecamente conectados, formando uma teia de significados que molda nossa relação com o mundo natural e as intervenções humanas. Nesse contexto, o telejornalismo se destaca como um agente central, não apenas pela disseminação de imagens, mas também por seu papel na construção e na perpetuação de mitos e símbolos. Essas narrativas visuais influenciam profundamente nossa percepção da natureza e das transformações que a envolvem, mostrando como a mídia participa ativamente na criação de sentidos compartilhados sobre o ambiente e as ações humanas.

Nesse contexto, o conceito de “Ecologia das Imagens” não apenas amplia nossa compreensão do papel das representações visuais na construção de significados culturais, mas também propõe um campo interdisciplinar para investigar as complexas interações entre as imagens, o imaginário coletivo e as práticas socioambientais.

QUADRO 1 - SÍNTESE DOS ESTUDOS

Título	Artigo/Capítulo 1	Artigo/Capítulo 2	Artigo/Capítulo 3
		Ecologia humana e antropologia do imaginário: convergências e aproximações	Telejornalismo e transposição do Rio São Francisco: uma mitocrítica socioambiental
Objetivos geral e específico	Discutir pontos de convergência entre a Antropologia do Imaginário, do antropólogo francês Gilbert Durand, e as concepções da Ecologia Humana.	Compreender como o produto midiático é atravessado por mitos e símbolos e como estes refletem nossas práticas socioambientais.	Refletir sobre como essas imagens, produzidas por câmeras e dispositivos móveis, são fruto da imaginação mais criativa e profunda, enraizada em conceitos e símbolos universais e atemporais chamados de arquétipos.
Metodologia	Adotou-se a pesquisa conceitual comparativa de Niz et al., (2016) que analisa um tema ou conceito em um grupo de autores, que possuem ou não uma afinidade, com o objetivo de apontar a variabilidade entre usos de uma mesma ideia, mostrando os diferentes sentidos atribuídos ao conceito, as diferentes premissas que estruturam uma definição, as virtudes e as fraquezas de cada perspectiva.	O estudo foi de cunho qualitativo, descritivo e documental, analisa duas reportagens televisivas sobre a transposição das águas do rio São Francisco, uma de 2007 e outra de 2017. O método de abordagem foi o indutivo. procedimento técnico, realizamos uma transcrição dos textos das reportagens e, em seguida, através da Mitocrítica, metodologia desenvolvida nos estudos da Antropologia do Imaginário, interpretamos e identificamos os Mitemas, Mitologemas e a Narrativa Canônica presentes na forma como as notícias são produzidas	Hermenêutica simbólica originada nos estudos da Antropologia do Imaginário, empregando uma abordagem qualitativa, descritiva, bibliográfica e documental, utilizando a Arquetipologia como perspectiva teórico-metodológica
Contribuições teórico- práticas	Os resultados sugerem que que não há como dissociar o ser ecológicus do ser simbólicus, pois consideramos as narrativas míticas e simbólicas linguagens essenciais na promoção de um olhar poético e sensível, que traduz a subjetividade e que inclui valores nas condutas dos seres, influenciando suas visões de mundo e das práticas culturais e socioambientais.	Este estudo aponta que as complexas interações entre sociedade e natureza podem fornecer reflexões sobre o papel da cultura e dos símbolos na promoção de ações ecológicas.	O estudo revelou que as imagens técnicas vão além de seu caráter funcional, desempenhando um papel fundamental na atividade criativa e simbólica do imaginário humano. Isso culminou na formulação de uma Ecologia das Imagens, para a qual as representações visuais não apenas refletem, mas também moldam e são moldadas pelas dinâmicas culturais e ecológicas.

5 REVISÃO DA LITERATURA

No contexto atual, múltiplas abordagens ressaltam a necessidade urgente de repensar nossas atitudes e mentalidade em relação ao futuro do planeta Terra, promovendo ações que possam mitigar os impactos ambientais e fomentar a conservação da biodiversidade. Esta revisão de literatura aborda as preocupações com o meio ambiente a partir de uma perspectiva interdisciplinar que integra a Antropologia do Imaginário (AI) e a Ecologia Humana (EH), explorando como esses campos de estudo estão preocupados com as interações entre humanos e natureza, culminando na concepção de uma Ecologia das Imagens.

Então, o que seria a Antropologia do Imaginário?

O imaginário pode ser entendido como o capital pensado e não pensado do Homo sapiens, o "grande denominador fundamental onde se encontram todas as criações do pensamento humano" (Durand, 2012, p. 18); o "museu [...] de todas as imagens passadas, possíveis, produzidas e a serem produzidas" (Durand, 2010, p. 6); "uma re-presentação incontornável, a faculdade de simbolização em que todos os medos, todas as esperanças e seus frutos culturais jorram continuamente desde os cerca de um milhão e meio de anos que o Homo erectus ficou em pé na face da Terra" (Durand, 2010, p. 117); "um conjunto de imagens mentais que permitem ao homem se expressar simbolicamente, tanto na relação com o exterior quanto internamente, no mundo do onírico ou dos devaneios" (Benetti, 2009, p. 287); "o fio que costura os homens uns aos outros, independentemente de suas origens, crenças, agrupamentos sociais ou ideológicos" (Benetti, 2009, p. 288); o cimento social que une os indivíduos em um mesmo clima; uma dimensão ambiental; uma fonte comum de modos de olhar a realidade, de estilos de vida, de ideias de mundo, de sensibilidades, de afetos, de emoções; um substrato "que circula através da história, das culturas e dos grupos sociais" e "alimenta e faz o homem agir" (Legros *et al.*, 2014, p. 10); "uma distorção involuntária do vivido que se cristaliza como marca individual ou grupal" (Silva, 2012, p. 12); "um espírito de época, uma atmosfera existencial, uma impressão no mundo, uma marca registrada pelo existente no corpo do universo, um rastro, efêmero e intenso, na pele da existência" (Silva, 20, p. 50).

Nessas características mencionadas, os estudos da Antropologia do Imaginário (AI), aliados aos da Ecologia Humana (EH), buscam quebrar os discursos tautológicos que prestigiam uma objetividade herdeira do iluminismo, que, no apogeu de suas luzes, eliminou outras formas de conhecimento que não fossem as científicas. Nesse cenário cartesiano, a

imaginação era suspeita de ser amante do erro e da falsidade. Longe dessa corrente de pensamento, concordamos com Maffesoli (1998, p. 78), que diz: “O imaginário está presente em todos os seguimentos da vida, conciliando o que aparentemente é inconciliável”. Mesmo os campos mais racionais, como as esferas política, ideológica e econômica, e até o jornalismo de dados, são recortados por imaginários.

Pressupomos, assim, que o imaginário é um elemento de constituição da função de narrar histórias, ao passo que, ao mergulhar nas narrativas míticas, as notícias, de uma forma geral, abandonam seu discurso retórico de razão/objetividade, impondo nele um quadro de elementos que incluem também a sedução e a emoção. Nesse contexto, é crucial destacar que o imaginário permeia as relações do ser humano com o meio ambiente, influenciando a forma como compreendemos e interagimos com o mundo natural. Os mitos e símbolos ecológicos desempenham um papel vital na construção de narrativas ambientais que, muitas vezes, moldam nossas percepções sobre sustentabilidade, conservação e as relações com o planeta Terra.

As imagens associadas a fenômenos naturais e intervenções humanas na natureza, como as narrativas em torno da transposição do Rio São Francisco, são ricas em significados simbólicos que ecoam profundamente no inconsciente coletivo (Jung, 1964), revelando as complexas relações entre cultura e natureza. Essa interseção entre o imaginário e o meio ambiente torna-se evidente nas representações midiáticas de intervenções tecnológicas em ecossistemas, como a construção de barragens ou a modificação de leitos de rios, que carregam tanto as promessas de progresso quanto os receios de destruição ambiental.

Para compreender a fundo a complexidade dessas representações e a relação intrínseca entre simbologia e meio ambiente, é crucial abordar os conceitos-chave desenvolvidos por Gilbert Durand, fundamentais na Antropologia do Imaginário. Esses conceitos incluem: (a) *schème*; (b) arquétipo; (c) símbolo; (d) mito; (e) estruturas; (f) regimes de imagem; e (g) trajeto antropológico. A compreensão desses termos e dos sentidos que eles carregam é vital para decifrar as camadas de significados presentes nas imagens e narrativas que moldam nosso entendimento do mundo natural e das intervenções humanas nele.

O *schème* representa o esboço inicial do imaginário, uma matriz que direciona de maneira difusa e abstrata, sem uma forma precisa, e que se manifesta como uma “generalização dinâmica e afetiva da imagem” (Durand, 2012, p. 60). Influenciado pelas pulsões motoras mais instintivas e inconscientes do ser humano, o *schème* funciona como um eixo que organiza o imaginário, fundamentado nos três gestos básicos do corpo humano: a dominante postural da verticalidade (movimento de subida, para ficar ereto, e de divisão manual e visual); a dominante digestiva (movimento de deglutição, de descida do alimento); e a dominante copulativa

(movimento cíclico, dos ritmos sexuais), que também se refletem nas relações simbólicas com o meio ambiente.

Esses gestos dominantes (DURAND, 2012) se tornam mais definidos quando interagem com o ambiente natural e social formando as imagens arquetípicas. Segundo Jung (1964), o arquétipo é uma forma primordial e inata, de caráter universal, presente no inconsciente coletivo da humanidade. Ele ressalta que essas imagens ancestrais não devem ser confundidas com mitos específicos, já que os mitos, com sua complexidade, não podem ser transmitidos hereditariamente. Jung (1964) compara os arquétipos a molduras originais, sem substância consciente, determinadas apenas em forma, mas não em conteúdo. Um arquétipo só ganha conteúdo quando se torna consciente, sendo, em sua essência, uma possibilidade pré-formada de representação.

Nesse ponto, Durand (2012) aprofunda o conceito de arquétipo, originalmente proposto por Jung (2000), ao introduzir o conceito de *schèmes*, que são estruturas fundamentais do imaginário. Para Durand, os *schèmes* não são simples moldes ou recipientes, mas elementos universais e atemporais que orientam e organizam a produção simbólica humana, funcionando como matrizes que sustentam e dão direção ao imaginário.

Durand (2010) também destaca que os arquétipos, embora universais e estáveis, são fundamentados em estruturas antropológicas, como os *schèmes*, que organizam os gestos e as representações simbólicas do imaginário humano. Contudo, ao interagirem com diferentes ambientes socioculturais, os arquétipos se manifestam como imagens arquetípicas, adaptadas às especificidades de cada contexto. Essas imagens refletem a complexa relação entre o instinto humano e as condições externas que moldam o imaginário.

Os arquétipos, portanto, funcionam como modelos primordiais que conectam nossas emoções e pensamentos, (aspecto biopsicossocial) às influências externas, como o ambiente social e natural em que vivemos. Embora existam de forma pré-histórica e universal, os arquétipos ganham expressão concreta por meio das imagens e símbolos que emergem de nossas experiências culturais e históricas.

Em resumo, os arquétipos são formas universais, enquanto as imagens arquetípicas representam suas manifestações específicas, moldadas pelo contato com o mundo ao nosso redor. Essa interação entre o universal e o particular dá origem aos símbolos que movem e estruturam nossa imaginação. Segundo Durand (2012), o símbolo é a expressão concreta e cultural do arquétipo, preenchendo-o com significado e gerando múltiplos sentidos. Enquanto o arquétipo permanece como uma estrutura universal e abstrata, o símbolo é sua concretização tangível, conferindo-lhe forma e visibilidade dentro de um contexto específico.

Um símbolo pode ser qualquer elemento que carregue um significado que transcenda sua mera presença física — seja uma pessoa, uma peça de roupa, um objeto, uma bandeira ou qualquer outro item que represente ideias, valores ou arquétipos maiores.

Essas associações simbólicas são fundamentais para a maneira como interpretamos e nos conectamos com o mundo, pois permitem que o imaginário transforme conceitos universais em expressões culturais, enriquecendo nossa percepção e nos ajudando a construir sentidos compartilhados sobre a realidade.

Em outra obra (1988), Durand compara o processo de simbolização a uma espiral, sugerindo que, a cada volta, o símbolo se aproxima de um núcleo central, mas sem repetir exatamente o mesmo percurso. Esse movimento é dinâmico, em constante evolução, e busca continuamente novos significados. O processo de simbolização é moldado e influenciado pelas características específicas do ambiente físico, como a fauna, a flora e o clima, bem como pelo ambiente cultural, incluindo costumes, tecnologias e a organização social. Por exemplo, o símbolo do fogo, que em culturas antigas podia representar tanto destruição quanto purificação, hoje também pode simbolizar a energia industrial e tecnológica. Embora a essência simbólica do fogo permaneça, seu significado evolui ao longo do tempo, adaptando-se às novas realidades físicas e culturais.

Nesse contexto, o mito surge como uma forma inicial de racionalização que organiza símbolos e arquétipos em narrativas estruturadas. Enquanto o arquétipo sugere uma ideia universal e o símbolo a concretiza culturalmente, o mito transforma esses elementos em histórias. O mito pode originar doutrinas religiosas, sistemas filosóficos ou narrativas históricas e lendárias, funcionando como um alicerce para as crenças e valores de uma cultura.

Durand (1988) defende que os mitos acompanham a sociedade desde o início dos tempos e estão permanentemente circulando nas relações humanas, ficando em maior ou menor evidência. É nessa lógica que nossa pesquisa se encontra, pois isso significa que temos mitos dominando o pensamento em cada fase da humanidade, inclusive em nossas concepções e práticas socioambientais. Dessa forma, o imaginário, que surge dessa capacidade única da espécie humana de imaginar, se revela não apenas como um meio de compreensão, mas como um elemento vital para a construção de novas formas de pensar e agir em relação ao mundo em que vivemos, promovendo uma sustentabilidade que abraça tanto o material quanto o simbólico.

As estruturas do imaginário são compreendidas como diretrizes dinâmicas que organizam os elementos simbólicos, permitindo a formação de narrativas, mitos e outras expressões culturais que ressoam emocionalmente. Para Durand, (2012) essas estruturas não

devem ser vistas como rígidas ou imutáveis; em vez disso, são "formas transformáveis, motivadores e agrupamentos de imagens" que refletem a fluidez do imaginário humano.

Embora invisíveis, essas estruturas exercem uma influência profunda sobre a forma como percebemos e interpretamos o mundo ao nosso redor. Dentro desse sistema dinâmico, os símbolos se organizam em "constelações," agrupamentos simbólicos interrelacionados que fazem sentido dentro de um contexto cultural específico. Essas constelações criam um mapa simbólico compartilhado que é reconhecido e compreendido, muitas vezes de forma inconsciente, pelas comunidades.

Por exemplo, a estrutura do herói, uma das mais comuns em muitas culturas, organiza a narrativa de um protagonista que enfrenta desafios e realiza feitos extraordinários. que enfrenta desafios, passa por provações, e retorna transformado. Dentro dessa estrutura, diferentes símbolos se agrupam em constelações para contar a história: a espada representa poder e coragem; a armadura simboliza proteção e invencibilidade.

Essas “constelações” de símbolos trabalham juntas para dar forma e profundidade à narrativa, tornando-a reconhecível e significativa para aqueles que a vivenciam. Na mitologia grega, o herói Hércules é uma representação dessa estrutura. Sua narrativa é organizada em torno dos símbolos do herói: as doze tarefas que ele deve completar representam os desafios a serem superados; o leão de Nemeia que ele derrota simboliza a força bruta; as peles de animais que ele veste são símbolos de sua invulnerabilidade.

A estrutura organiza esses elementos de maneira que a história faça sentido e toque profundamente os ouvintes/telespectadores ou leitores, evocando emoções e reflexões sobre coragem, superação e destino. Esses princípios envolvem a dimensão mais instintiva da formação de imagens – os *schèmes* – isso porque em que cada gesto dominante do corpo se estende uma estrutura específica do imaginário

Estrutura esquizomórfica ou heróica: Relacionada à dominante postural da verticalidade, essa estrutura está ligada aos simbolismos de ascensão e dicotomia, como divisão, exclusão e oposição. **Estrutura mística:** Conectada à dominante digestiva, essa estrutura é marcada por figuras de quietude, inclusão, intimidade e adesão, além da inversão de valores simbólicos negativos. **Estrutura sintética ou dramática:** relativa à dominante copulativa, esta estrutura integra as duas anteriores e está associada a símbolos de ciclos, dramatização e harmonização dos contrários, refletindo o conceito de *coincidentia oppositorum*¹.

¹ Dentro da Antropologia do Imaginário, particularmente nas obras de autores como Gilbert Durand (2010) e Carl Jung, (2000) a "coincidentia oppositorum" é frequentemente associada à ideia de que o imaginário humano tem a capacidade de integrar contradições e criar sínteses que transcendem a lógica binária do "ou isto ou aquilo". Por

A estrutura **esquizomórfica ou heróica** corresponde ao regime diurno, caracterizado por tensão polêmica, dualismo, antítese entre luz e trevas, distinções e a luta pela vitória. Já a segunda e a terceira estruturas estão ligadas ao regime noturno, onde predominam imagens de união dos opostos, suavização, descida, conciliação e transformação.

Os regimes de imagens são como lentes modos ou "formas" de organização e interpretação das imagens e símbolos dentro do imaginário. Eles determinam a maneira como as imagens são percebidas, influenciando o tipo de narrativa que essas imagens constroem.

Existem dois regimes: o regime diurno, que organiza as imagens em torno de simbolismos de ascensão, dualidade e oposição — como luz e trevas — e é caracterizado por tensão, luta e a busca pela vitória; e o regime noturno, associado tanto à estrutura mística quanto à sintética ou dramática, que organiza as imagens em torno de temas de união, conciliação e transformação, predominando figuras de integração dos opostos, suavização e harmonização.

De forma simplificada, essa discussão pode ser compreendida assim: **Estruturas** são configurações dinâmicas que organizam essas visões em narrativas específicas (heroica, mística, sintética). **Constelações**² são grupos de símbolos que formam essas narrativas.

Todos esses elementos estudados na AI se traduzem no que Durand (2012), vai denominar de trajeto antropológico, ou seja, uma jornada existencial que percorremos ao longo da vida, na qual somos guiados por arquétipos símbolos e mitos, que estruturam nossa percepção e compreensão do mundo.

Esse trajeto inicia-se nas experiências mais básicas e instintivas, (biológicas) manifestadas em nossas reações automáticas diante de determinadas situações, e gradualmente se complexifica à medida que adquirimos conhecimento e nos inserimos em contextos culturais

exemplo, em muitas mitologias e simbolismos, luz e escuridão, vida e morte, ou bem e mal não são vistos como mutuamente exclusivos, mas como aspectos complementares de uma mesma realidade. Durand, em sua análise dos regimes do imaginário, pode ser interpretado como sugerindo que essa "coincidência dos opostos" é uma característica fundamental do imaginário, onde os seres humanos projetam suas angústias, esperanças e medos em imagens e símbolos que não se limitam à simples oposição, mas sim à integração e à síntese. Na prática, isso significa que os mitos, símbolos e arquétipos carregam em si mesmos uma complexidade que vai além da mera oposição, refletindo uma visão mais integrada e holística da realidade. O imaginário permite a criação de narrativas e imagens que conseguem reunir aspectos contraditórios, proporcionando uma compreensão mais profunda e abrangente do mundo e da experiência humana.

² Gilbert Durand (1984) utiliza o termo "constelações" para se referir a agrupamentos de símbolos, mitos e arquétipos que estão interligados e formam um conjunto coerente no imaginário coletivo. Assim como as constelações no céu são formadas por estrelas individuais que, quando vistas juntas, formam figuras reconhecíveis, as constelações de símbolos no imaginário humano são compostas por elementos que, em conjunto, adquirem um significado mais profundo e estruturado. Durand (1984) emprega essa metáfora porque deseja destacar a ideia de que esses símbolos e mitos não existem de maneira isolada; eles se conectam e interagem dentro do inconsciente coletivo, formando padrões que orientam a nossa percepção do mundo e a construção de narrativas culturais. As constelações, portanto, permitem entender como diferentes símbolos e mitos se organizam em torno de temas centrais e como eles se manifestam de maneira integrada, moldando a visão de mundo de uma sociedade.

específicos. Ao longo dessa trajetória, somos confrontados com diversos símbolos e mitos que desempenham um papel fundamental na construção da nossa identidade, na definição do nosso lugar no mundo, e na mediação de nossas relações com os outros e com o ambiente natural.

A relação entre Ecologia Humana e as dimensões simbólicas do Imaginário

A Ecologia Humana (EH) foi sistematizada como um campo de estudo nas primeiras décadas do século XX pela Escola de Chicago, (PARK,1915) em resposta à crescente preocupação com a degradação ambiental e à necessidade de compreender as interações complexas entre seres humanos e a natureza. Esse campo reconhece que o social, cultural e natural estão interligados, exigindo uma abordagem interdisciplinar para enfrentar os problemas socioambientais. Nesse quadro Gonçalves (2021) ressalta que "a problemática ecológica implica outras questões extremamente complexas. Implica outros valores, o que por si só coloca questões de ordem cultural, filosófica e política" (p. 22). Essa abordagem aproxima-se da sociologia compreensiva de Max Weber, que valoriza as microrrelações cotidianas e critica a desconsideração das formas não-rationais de produzir conhecimento. Weber (1971) observa "que a tarefa que concerne à sociologia, então, é a de descobrir o sentido mais profundo de tal motivação e compreendê-la de modo correto, mesmo se esta motivação não tiver participado da ação consciente do indivíduo" (p. 27).

Diante disso o campo da EH se opõe à visão cartesiana e positivista, sugerindo uma conexão mais profunda e biocêntrica entre o ser humano e o ambiente. No Brasil, a EH tem desempenhado um papel fundamental na emancipação epistemológica, agregando diferentes campos do conhecimento para uma compreensão mais ampla das relações entre o ser humano e o meio ambiente. Para Machado (1984), a EH é uma abordagem interdisciplinar que redefine as bases do conhecimento, integrando diversos campos de estudo para promover uma compreensão mais ampla das relações entre o ser humano e o meio ambiente.

Neste cenário Leonardo Boff (2021) destaca que as questões ambientais necessitam de um novo "software" mental para abordar e interpretar a realidade atual. Ele argumenta que o pensamento instrumental e racionalista, que contribuiu para a crise ambiental, não será capaz de nos guiar para fora dela. Em vez disso, Boff propõe a necessidade de uma "inteligência cordial", que nos permita sentir nossa conexão com o todo e reconhecer nossa interdependência com todos os seres vivos. Dessa forma, defende-se que políticas de reintegração sustentável entre o ser humano e o meio ambiente são cruciais para enfrentar os desafios contemporâneos.

Nessa linha de pensamento, é fundamental reconhecer que, além das dimensões materiais e utilitárias, amplamente estudadas em diversas áreas do conhecimento, existe uma necessidade crescente de explorar as dimensões imateriais, míticas e simbólicas. Essas dimensões não apenas produzem conhecimento, mas também moldam profundamente nossa relação com nós mesmos, com os outros e com toda a biodiversidade da Terra.

Para as políticas públicas ambientais, essa exploração é crucial, pois ao compreender e integrar esses aspectos simbólicos e culturais, as políticas podem ser desenhadas de forma mais inclusiva e eficaz, assegurando que as intervenções não apenas atinjam seus objetivos práticos, como a gestão de recursos naturais, mas também respeitem e fortaleçam as identidades culturais das comunidades afetada. Isso promove uma sustentabilidade que abrange tanto o meio ambiente quanto o patrimônio cultural, contribuindo para a coesão social e a resiliência das comunidades diante das mudanças e desafios ambientais.

Essa perspectiva se alinha à visão de Duarte (2017), ele sugere que muitas das crises ambientais enfrentadas atualmente resultam da desconexão com nossas raízes ancestrais e com a natureza. Essa separação pode ser uma das principais causas das crises socioambientais. Neste sentido, ao compreender o imaginário como um elemento que nos conecta à ancestralidade, estudos como este podem trazer grandes contribuições para as questões socioambientais enfrentadas na contemporaneidade.

Fazendo uma ponte com os valores da Ecologia Humana e os estudos da Antropologia do Imaginário a tese de Elmo Rodrigues da Silva (1998), intitulada *O Curso da Água na História: Simbologia, Moralidade e a Gestão de Recursos Hídricos*, encontrada através de buscas na plataforma de periódicos da CAPES, oferece uma análise sobre como a simbologia da água influencia as práticas de gestão hídrica. Silva (1998) destaca como os símbolos e mitos relacionados à água moldaram percepções culturais e práticas sociais, o que é crucial para entender as interações entre natureza e cultura. Embora existam importantes convergências entre os estudos de Silva (1998) e nossa análise, especialmente no que diz respeito ao papel da simbologia da água, nossa tese difere por concentrar-se mais especificamente na análise de arquétipos, símbolos e mitos que estruturam a compreensão e as narrativas em torno da transposição do Rio São Francisco. Essa abordagem nos permite explorar de forma mais aprofundada os aspectos socioambientais e culturais específicos dessa intervenção hídrica, diferenciando-se de outras abordagens mais amplas.

Em que contexto está nossa pesquisa?

Durante a análise exploratória realizada no ano de 2024, com base em livros e artigos disponíveis em bases de dados acadêmicas, como Google Scholar, Google Acadêmico e o Portal de Periódicos da CAPES, utilizando palavras-chave como Transposição do Rio São Francisco, constatou-se um grande número de trabalhos acadêmicos relacionados ao tema. Contudo, ao examinar a transposição sob a ótica e das palavras: dimensões míticas e simbólicas, além dos termos aspectos ecológicos e socioculturais, verificou-se uma escassez de estudos que aprofundem diretamente essas perspectivas. Embora alguns textos reconheçam o papel da cultura e do simbólico no contexto da transposição, a exemplo da tese de Silva (1998) como citada acima, essas abordagens, não aprofundam as dimensões arquetípicas que estruturam as narrativas, nem exploram a relação dessas dimensões com os aspectos ecológicos e socioculturais.

De acordo com a classificação de Marconi e Lakatos (2017), este estudo adota uma abordagem exploratória, que visa proporcionar maior familiaridade com o tema, especialmente em campos pouco investigados, como as dimensões míticas e simbólicas e seus desdobramentos nos aspectos ecológicos e socioculturais da transposição do Rio São Francisco.

Diferentemente de uma revisão sistemática, que exige metodologia detalhada, critérios explícitos de inclusão e exclusão, e categorização quantitativa dos resultados, este trabalho buscou identificar padrões e lacunas na literatura acadêmica, com o objetivo de fomentar questionamentos e apontar a necessidade de investigações mais aprofundadas. Essa estratégia permitiu explorar potenciais caminhos de pesquisa, oferecendo uma base inicial para o desenvolvimento de estudos futuros.

Tal lacuna pode ser atribuída à predominância de abordagens técnico-científicas em questões ambientais, nas quais os aspectos culturais, simbólicos e mitológicos frequentemente são negligenciados ou subvalorizados.

Heise (2016) argumenta que entender essas histórias (narrativas míticas) e símbolos é indispensável para qualquer defesa eficaz em favor do meio ambiente. Mais do que isso, ela demonstra como a conservação da biodiversidade, mesmo e especialmente em suas dimensões científicas é moldada por suposições culturais sobre o que é valioso na natureza e o que não é, revelando neste estudo como a conservação da biodiversidade, mesmo em suas dimensões científicas e racionais, é profundamente influenciada por concepções culturais e simbólicas sobre o que é considerado valioso na natureza.

Compreendemos, diante desse quadro, que essas concepções culturais/simbólicas se manifestam até mesmo em ferramentas que, à primeira vista, podem parecer objetivas e imparciais, como os bancos de dados. Embora esses sistemas sejam projetados para organizar

e categorizar informações de maneira lógica, as decisões sobre quais dados são coletados, como são classificados e que tipo de informação é considerada relevante ou importante refletem valores culturais. Isso significa que, mesmo em um ambiente aparentemente neutro e objetivo como um banco de dados, as suposições culturais sobre o que é valioso ou digno de registro na natureza podem influenciar a forma como a informação é apresentada e utilizada, moldando nossa compreensão e interação com o meio ambiente.

Neste sentido, pesquisadores como Ursula Heise (2019), Graham Harvey (1997), Bron Taylor (2010), Serenella Iovino e Serpil Oppermann (2014) e David Abram (2012) têm dado contribuições importantes na interseção entre mitologia e ecologia. Eles oferecem reflexões valiosas para entender como as simbologias afetam diretamente nossa relação com o meio ambiente. Em particular, Harvey (1997) investiga as culturas indígenas e pagãs, mostrando como essas comunidades incorporam mitos e práticas ecológicas em suas vidas diárias. Ele argumenta que os mitos não são meramente histórias antigas, mas sim narrativas ativas que moldam as interações das pessoas com o ambiente, promovendo práticas sustentáveis e uma ética de cuidado com a Terra.

Nossa pesquisa dialoga com essas contribuições ao focar especificamente na transposição das águas do Rio São Francisco, analisando como os mitos e simbolismos relacionados a esse projeto impactam as percepções ecológicas e socioculturais no contexto brasileiro. Ao trazer para o debate as narrativas míticas e simbólicas em torno de uma intervenção ambiental concreta e de grande escala, nosso estudo complementa e expande as discussões propostas por esses autores, oferecendo uma nova perspectiva sobre como as simbologias locais influenciam as práticas ambientais contemporâneas

Assim, é possível entender como os mitos e narrativas culturais influenciam as atitudes e práticas socioambientais, e como essas histórias podem ser revisitadas e reinterpretadas diante das crises ecológicas contemporâneas. Esta investigação, que une os campos da Ecologia Humana (EH) e da Antropologia do Imaginário (AI), apoia-se em um diálogo interdisciplinar que integra conceitos e métodos de diferentes áreas do conhecimento, tendo o potencial de preencher lacunas na literatura existente e oferecer uma nova perspectiva crítica sobre a conexão entre o imaginário e o meio ambiente, compreendendo que o mundo natural/material não está dissociado do mundo simbólico.

No livro *Material Ecocriticism* (Iovino; Oppermann, 2014), são oferecidas ferramentas e perspectivas para compreender como a interação com o mundo material influencia nossas linguagens, histórias e práticas, ajudando-nos a desenvolver novas compreensões sobre nossa relação com o planeta. Os autores sugerem que repensemos nossa visão tradicional do ambiente

como um cenário passivo em que as ações humanas acontecem. Em vez disso, existe um encorajamento em ver o ambiente como um elemento ativo, que participa na criação de significados e identidades culturais.

A abordagem eco-crítica de Iovino e Oppermann (2014) ressoa com as reflexões de Yuval Harari (2014) sobre as ficções humanas. Harari (2014) argumenta que a capacidade dos Sapiens de criar ficções foi crucial para a evolução humana até os dias atuais. Iovino e Oppermann (2014) ampliam essa ideia, destacando como nossas narrativas e práticas são moldadas não apenas por elementos culturais, mas também pelas forças e substâncias materiais presentes no ambiente. Essas ficções humanas, conforme argumenta Yuval Harari, (2014) estão intrinsecamente ligadas à nossa noção de simbólico, mostrando como as relações humanas são permeadas por símbolos e mitos. Essas construções sociais, embora sejam imaginárias, têm um impacto real no mundo. Harari (2014) menciona como os sistemas de crença religiosa, as ideologias políticas e os conceitos econômicos dependem dessas ficções para funcionar e manter a coesão social.

Diante da articulação apresentada, identificamos o que chamamos de Ecologia das Imagens. Consideramos que toda imagem criada pelo ser humano, seja concreta e palpável ou subjetiva e arquetípica é atravessada tanto pelo campo do imaginário - entendido como o conjunto de símbolos e mitos coletivos, influenciados por fatores biológicos e naturais - quanto pela imaginação, a capacidade criativa individual que dá origem a esse imaginário. Esse entendimento é fundamental para evitar erros epistemológicos e conceituais, pois reconhece que as imagens não são meramente representações neutras, mas sim manifestações profundamente enraizadas em arquétipos.

A ecologia, tradicionalmente, é compreendida como o estudo das relações entre os seres vivos e o ambiente físico em que vivem. Esse conceito, derivado dos termos gregos *oikos* (casa, ou lugar onde se vive) e “logos” (estudo), abrange a análise das interações entre organismos e fatores bióticos e abióticos em diferentes níveis, desde indivíduos até a biosfera. No entanto, ao ampliarmos essa perspectiva para além das interações físicas, surge o conceito de Ecologia das Imagens, que propõe que o imaginário humano — composto por mitos, símbolos e arquétipos — interage em um ambiente simbólico, assim como os seres vivos se relacionam com o ambiente físico.

Segundo Gilbert Durand (1988), o imaginário é uma estrutura antropológica essencial que permeia todas as formas de expressão simbólica, influenciando profundamente nossa percepção do mundo. Além disso, Carl Jung (1964) propõe que os arquétipos são padrões universais enraizados no inconsciente coletivo, emergindo em diversas formas simbólicas nas

culturas humanas. Assim, a Ecologia das Imagens nos permite compreender como essas representações simbólicas interagem de maneira complexa, similar às relações ecológicas tradicionais, para formar um ambiente simbólico que influencia a cultura e as práticas humanas.

Como Edgar Morin (1999) sugere, a ecologia deve ser vista em uma perspectiva complexa, em que o simbólico e o real se entrelaçam para formar nossas visões de mundo. Ao reconhecer a existência deste ecossistema simbólico, evitamos erros epistemológicos e conceituais, abordando as imagens não apenas como reflexos da realidade, mas como agentes ativos na construção do nosso entendimento do mundo.

A Ecologia das Imagens, portanto, propõe uma abordagem interdisciplinar que reconhece o poder das imagens na construção de significados culturais e ecológicos, promovendo uma compreensão mais profunda das interconexões entre o ser humano e o meio ambiente. Dessa forma, ao compreender a ecologia em seu sentido tradicional, podemos expandir nossa perspectiva para incluir as dimensões simbólicas e culturais que também influenciam nossas relações com nós mesmos, como outro e com todo o meio ambiente

6 MÉTODOS

Por se tratar de uma pesquisa que desafia os cânones cartesianos e utilitários, optamos por métodos que nos permitiram explorar a complexidade simbólica e cultural envolvida no objeto de estudo. Os principais métodos utilizados incluíram o indutivo, o comparativo conceitual, e a abordagem qualitativa descritiva, bibliográfica e documental. Como principal perspectiva teórico-metodológica, empregamos a hermenêutica simbólica, especialmente no contexto dos estudos da Antropologia do Imaginário, conforme proposto por Durand (1988).

Dentro dessa abordagem, utilizamos metodologias específicas para aprofundar a análise simbólica e cultural. A Mitocrítica (DURAND, 2012) foi aplicada para investigar a presença e o impacto dos mitos nas representações culturais e sociais, particularmente nas narrativas midiáticas sobre questões socioambientais. Essa metodologia nos permitiu explorar como os mitos e símbolos influenciam as práticas humanas e moldam nossas percepções do meio ambiente.

Além disso, a Arquetipologia foi empregada para identificar e interpretar os arquétipos presentes nas representações culturais e nas imagens áudio visuais analisadas. Esse método foi essencial para conectar as representações visuais a significados simbólicos enraizados no imaginário coletivo, revelando padrões universais de experiência humana.

No primeiro artigo ou capítulo publicado na revista *Percursos Qualis A4*, utilizamos uma abordagem de pesquisa conceitual comparativa, conforme delineada por Niz *et al.* (2016), que teve como objetivo analisar um tema ou conceito em um grupo de autores, independentemente de possuírem afinidade entre si. Essa abordagem nos permitiu destacar a variabilidade nos usos de uma mesma ideia, revelando os diferentes sentidos atribuídos ao conceito, as premissas que sustentam cada definição, bem como as virtudes e fraquezas de cada perspectiva.

Neste estudo, foram selecionados autores fundadores da Antropologia do Imaginário, como Gaston Bachelard (1996), Carl Jung (1964) e Mircea Eliade (2006), com ênfase em Gilbert Durand (2012) e seu conceito de trajeto antropológico. Para Durand, o imaginário é moldado por processos biológicos, psicológicos e culturais, fundamentais para a compreensão das dimensões simbólicas nas ações humanas. No campo da Ecologia Humana, optamos por incluir pesquisadores brasileiros especializados, que reconhecem o potencial transformador da área, fundamentando-se em três pilares: a) Interface Natureza-Ser Humano Cultura-Meio Ambiente; b) Interdisciplinaridade; c) Emancipação Humana.

Após a seleção dos autores, realizamos leituras detalhadas e identificamos pontos de convergência entre as perspectivas apresentadas. Com uma abordagem qualitativa, essa análise comparativa conceitual nos permitiu aprofundar a exploração das interações entre as dimensões simbólicas e as ações socioambientais, proporcionando uma compreensão mais ampla e integrada.

Como resultado dessa investigação, concluímos que o trajeto antropológico do Imaginário, conforme defendido por Durand (1988), reflete diretamente os valores fundamentais da Ecologia Humana, como a interconexão entre seres humanos e o ambiente, o respeito à diversidade cultural e natural, e a busca por uma coexistência harmoniosa. Ambos os campos de estudo interdisciplinares compartilham uma visão integrativa, em que o imaginário e as práticas socioambientais estão profundamente entrelaçados, promovendo a compreensão de que as ações humanas são influenciadas por símbolos e mitos que orientam a relação com o meio ambiente.

No segundo artigo, intitulado *Telejornalismo e Imaginário: uma Mitocrítica Socioambiental*, publicado na revista *ioles BOCA, qualis A1*, aplicamos a Mitocrítica, uma metodologia desenvolvida nos estudos da Antropologia do Imaginário, com o objetivo de analisar a presença e o impacto dos mitos nas representações culturais e socioambientais. Essa análise foi conduzida por meio de uma abordagem qualitativa, descritiva documental e bibliográfica, em que o método indutivo (Bacon, 2020) também foi utilizado. Essa combinação metodológica nos permitiu explorar como os mitos e símbolos atravessam as questões socioambientais, revelando suas influências nas práticas humanas e na forma como percebemos e nos relacionamos com o meio ambiente. Ao interpretar os Mitemas, Mitologemas e a Narrativa Canônica presentes nas notícias, buscamos demonstrar como os mitos funcionam como estruturas simbólicas que moldam e refletem nossas percepções.

Explicando a Mitocrítica

A Mitocrítica é uma abordagem teórico-metodológica dentro dos estudos da Antropologia do Imaginário, voltada para a identificação e análise de mitos presentes nas produções culturais, e suas interações com os contextos socioculturais ao longo da história (Durand, 1984).

Essa metodologia não se limita a atribuir valor histórico e ideológico às narrativas míticas; ela foca, principalmente, na mensagem simbólica que elas carregam, conectando-se à trajetória humana e aos modelos de ação diante de eventos específicos. A escolha por essa

abordagem, em vez de outras, justifica-se pela sua afinidade com as ciências do texto e sua eficácia na análise de produtos midiáticos, especialmente na identificação de mitos e arquétipos em manifestações culturais.

Dentro dessa perspectiva, o mito é visto como um elemento fundamental de coesão social, responsável por construir realidades dentro de um sistema cultural de crenças e valores. Mircea Eliade (2006) sustenta que os mitos atuam como modelos ou paradigmas que orientam o mundo ao nosso redor, oferecendo às pessoas uma maneira de se conectar com o sagrado e compreender suas origens e significados existenciais, indo além de narrativas sobre personagens lendários e seres sobrenaturais.

Nesta pesquisa as narrativas midiáticas foram abordadas não com o objetivo de explicar e revelar suas incógnitas, mas de descrever suas formas simbólicas e a organização interna dessas narrativas (Durand; Maffesoli, 2024).

Além disso, no método de procedimento, utilizamos a hermenêutica simbólica (Durand, 2012), que é especialmente adequada ao estudo do imaginário e se aplica a qualquer forma de mensagem humana, seja ela mítica ou midiática, como no caso da nossa investigação.

Esse método nos permitiu identificar e interpretar Mitemas, Mitos e Mitologemas presentes nas narrativas, explorando como esses elementos simbólicos estruturam e dão significado às histórias analisadas. A identificação da Narrativa Canônica também foi uma etapa crucial, em que buscou-se destacar a narrativa reconhecida e aceita como verdadeira dentro do contexto específico, observando como ela se alinha ou diverge de narrativas culturais mais amplas. De forma complementar, empregamos o método indutivo, conforme descrito por Bacon (2020), que se baseia na formulação de conclusões gerais a partir de observações específicas.

Tipologia da pesquisa

A pesquisas de natureza qualitativa, foi voltada para a interpretação de fenômenos sociais, como os mitos e símbolos presentes no telejornalismo, com o objetivo de compreender os significados e contextos dos eventos analisados. foi descritiva, pois se propões a identificar uma experiência coletiva: o protesto de um religioso contra a transposição das águas, seguido, em outro momento, pela celebração da entrega de parte dessa transposição à população. Nosso intuito foi entender a motivação interna que impulsionou as pessoas nessas circunstâncias. Nos concentramos em descrever o sensível, ou seja, aquilo que foi percebido pelos jornalistas e entrevistados, buscando captar a atmosfera estética, os sentimentos e as emoções

compartilhadas em situações do cotidiano. É uma pesquisa documental e bibliográfica, já que utilizamos como fontes documentos textos e imagens extraídas de reportagens exibidas em telejornais, tanto local quanto nacionais. A coleta de dados incluiu imagens e textos jornalísticos transcritos de duas reportagens disponíveis na plataforma YouTube.

Caracterização do objeto de pesquisa

O objeto de nossa investigação foram duas reportagens veiculadas em telejornais, que abordam a transposição das águas do rio São Francisco e suas relações com símbolos e mitos ambientais, permitindo observar possíveis mudanças na abordagem do tema. É relevante mencionar que ambas as produções estão inseridas em contextos políticos, históricos e socioculturais complexos, onde se destacam tanto manifestações, como greves de fome e protestos contra a transposição, quanto a conclusão e entrega de parte da obra à população. Nessas reportagens, há uma presença significativa de elementos estéticos e simbólicos, que são de particular interesse para nossa investigação.

Procedimentos - O primeiro passo foi realizar uma leitura minuciosa e a transcrição dos textos das duas reportagens, uma de 2007 e outra 2017 e de uma nota coberta. A análise considerou tanto o texto escrito quanto as imagens, focando na identificação de redundâncias de significados em ângulos de câmera, cenários, entrevistas e na apresentação dos jornalistas. O objetivo foi identificar mitemas, que são temas e unidades simbólicas recorrentes ao longo da narrativa, conferindo-lhe coesão e significado.

Para identificar o Mitologema, estabelecemos um paralelo entre os mitemas encontrados, analisando e interpretando esses temas para descobrir um núcleo mítico comum que possa originar mitos e símbolos em diferentes culturas. Por exemplo, mitemas de coragem, sacrifício e determinação, ao serem ampliados, revelam um núcleo mítico que fundamenta o tema central da narrativa.

Em seguida, para identificar a Narrativa Canônica da transposição, partimos dos Mitemas e Mitologemas presentes. Logo após destacamos a narrativa reconhecida e aceita como verdadeira dentro do contexto específico. Essas narrativas podem incluir mitos fundacionais, contos populares ou relatos históricos que são parte integrante da tradição cultural. Ao entender essa narrativa, traçamos um paralelo com produções literárias de outras culturas, como as mitologias Indígenas, Gregas e Iorubás, o que nos permitiu identificar uma estrutura mítica antropológica na construção de significados sobre temas socioambientais.

No terceiro artigo, Análise Arquetípica das imagens técnicas na Transposição do Velho Chico, submetido a *Revista del CESLA: International Latin American Studies Review* de Qualis A2, a Arquetipologia foi escolhida como base teórico-metodológica para a análise das imagens técnicas devido à sua capacidade única de explorar a profundidade dos arquétipos presentes nas representações culturais. Esta metodologia permitiu que a análise fosse além da superfície técnica, conectando as imagens a significados simbólicos enraizados no imaginário coletivo, conforme discutido por Durand (2012).

A escolha da Arquetipologia, em detrimento de outras abordagens, é justificada por sua eficácia em revelar padrões universais de experiência humana, que são frequentemente manifestados em imagens culturais. Comparativamente, outras metodologias, como a semiótica, poderiam analisar os significados das imagens, mas não capturariam a profundidade simbólica que a Arquetipologia oferece.

Aplicação da Hermenêutica Simbólica

A hermenêutica simbólica foi empregada para interpretar os significados simbólicos subjacentes nas imagens técnicas. Este método, conforme descrito por Durand (2010), é fundamental para ir além da mera análise técnica e explorar as camadas profundas de significado que as imagens evocam. Por exemplo, ao analisar a imagem de Frei Luiz Flávio Cappio sendo levado ao hospital, a hermenêutica simbólica permite identificar o arquétipo do mártir, destacando como a imagem transcende seu registro técnico para se tornar uma poderosa representação simbólica. Essa aplicação prática da hermenêutica simbólica demonstra a profundidade da análise, justificando sua escolha como parte essencial da metodologia.

Uso do Método Indutivo

O método indutivo foi adotado para formular conclusões gerais a partir de observações específicas das imagens analisadas. Este método, conforme proposto por Bacon (2020), é especialmente relevante para esta pesquisa, pois permite que as observações das imagens técnicas se conectem a temas universais, como os arquétipos identificados. Ao usar o método indutivo, a pesquisa garante que as conclusões não sejam apenas especulativas, mas sim derivadas de uma análise cuidadosa das imagens, fortalecendo a validade dos resultados.

Descrição do Corpus Analítico-Investigativo

A seleção das quatro reportagens televisivas foi guiada por critérios específicos, como a representatividade de diferentes momentos e perspectivas sobre a transposição do Rio São Francisco. Cada imagem dentro dessas reportagens foi escolhida por sua capacidade de ilustrar elementos arquetípicos e simbólicos, conforme discutido por Flusser (1985) e Durand (2012). Este processo de seleção foi crucial para garantir que as imagens analisadas fossem ricas em significado e pudessem proporcionar uma compreensão profunda das narrativas culturais e socioambientais.

Validação das Premissas

A pesquisa propõe que as imagens técnicas, apesar de serem produzidas por dispositivos tecnológicos, estão imbuídas de significados simbólicos derivados de arquétipos e narrativas universais. Esta premissa foi validada através de uma análise detalhada das quatro imagens selecionadas, que demonstraram claramente a presença de arquétipos. No entanto, é importante reconhecer as limitações desta abordagem, como a subjetividade na interpretação das imagens e a influência dos contextos culturais específicos. Reconhecer essas limitações é fundamental para fortalecer a validade e a credibilidade das conclusões apresentadas.

Em resumo, a metodologia adotada neste estudo, incluindo a Arquetipologia, a hermenêutica simbólica e o método indutivo, foi cuidadosamente selecionada para garantir uma análise profunda e significativa das imagens técnicas.

CAPÍTULO 1

Ecologia humana e antropologia do imaginário: convergências e aproximações

Zulenilton Sobreira Leal

Juracy Marques dos Santos

Geam Karlo Gomes

Artigo publicado na Revista PerCursos,
<http://dx.doi.org/10.5965/19847246252024e0502> (Qualis A4).

Ecologia humana e antropologia do imaginário: convergências e aproximações

Zulenilton Sobreira Leal *

Universidade do Estado da Bahia (UNEB) Salvador - BA, Brasil
lattes.cnpq.br/5682215588198961 orcid.org/0000-0002-7095-4462 niltonredacao@gmail.com.br

Juracy Marques dos Santos ** Universidade do Estado da Bahia (UNEB) Salvador - BA, Brasil

lattes.cnpq.br/5856711452186247 orcid.org/0000-0003-2020-1785 juracymarquespshy@gmail.com.br

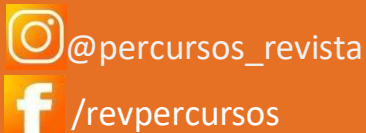
Geam Karlo Gomes *** Universidade de Pernambuco (UPE) Recife - PE, Brasil. lattes.cnpq.br/6941717348545116 orcid.org/0000-0001-9569-1497 geam.k@upe.br

<http://dx.doi.org/10.5965/19847246252024e0502>

Recebido: 15/05/23 Aprovado: 27/10/23

Para citar artigo:

LEAL, Zulenilton Sobreira; SANTOS Juracy Marques; GOMES, Geam Karlo. Ecologia humana e antropologia do imaginário: convergências e aproximações. *PerCursos*,



Ecologia humana e antropologia do imaginário: convergências e aproximações

Resumo

Este artigo tem o objetivo de discutir pontos de convergência entre a Antropologia do Imaginário, do antropólogo francês Gilbert Durand, e as concepções da Ecologia Humana. Através de uma pesquisa conceitual comparativa (Niz et al., 2016), foi possível compreender que ambas as correntes de estudo têm como ponto de convergência a existência de um trajeto antropológico, ligado ao equilíbrio biopsicossocial do homo sapiens. Essa perspectiva oferece um debate complexo sobre a relação dos seres humanos com a natureza e seus diversos habitats, em particular, o habitat simbólico. Nesse sentido, esta pesquisa traz como resultado a ideia que não há como dissociar o ser *ecologicus* do ser *simbolicus*, pois consideramos as narrativas míticas e simbólicas linguagens essenciais na promoção de um olhar poético e sensível, que traduz a subjetividade e que inclui valores nas condutas dos seres, influenciando suas visões de mundo e das práticas culturais e socioambientais.

Palavras-chave: ecologia humana; antropologia do imaginário; natureza; simbólico.

Human ecology and anthropology of the imaginary: convergences and approximations

Abstract

This article aims to discuss points of convergence between Anthropology of the Imaginary, by French anthropologist Gilbert Durand, and the conceptions of Human Ecology. Through a comparative conceptual research (Niz et al., 2016), it was possible to understand that both streams of study have as a point of convergence, the existence of an anthropological trajectory, linked to the biopsychosocial balance of homo sapiens. This perspective offers a complex debate on the relationship between human beings and nature and their diverse habitats, particularly the symbolic habitat. In this sense, this research concludes that it is impossible to dissociate the "ecologicus" being from the "symbolicus" being, as mythical and symbolic narratives are considered essential languages in promoting a poetic and sensitive perspective that translates subjectivity and includes values in the conduct of beings, influencing their worldviews and cultural and socio-environmental practices.

Keywords: human ecology; anthropology of the imaginary; nature; symbolic.

Contribuições de autoria

* conceituação; investigação; metodologia; administração do projeto; recursos; escrita – rascunho original; escrita – análise e edição.

** administração do projeto; recursos; supervisão; validação; visualização.

*** conceituação; metodologia; administração do projeto; recursos; supervisão; validação; visualização; escrita – análise e edição.

1 Introdução

No cenário contemporâneo, inúmeras são as perspectivas que dão luz à necessidade de discutir o futuro do planeta Terra, estimulando no ser humano uma mudança de pensamento e de atitude que possa contribuir para minimizar os impactos ambientais e trazer ganhos à biodiversidade. Neste texto, abordamos as preocupações com o meio ambiente/natureza a partir de uma ótica empreendida pelo encontro epistemológico entre a Antropologia do Imaginário e a Ecologia Humana. Nessa perspectiva, levantamos questões que dizem respeito à forma como produzimos imagens do/no/sobre o planeta Terra, como nos vemos nele e como é nossa relação com outros humanos em meio aos processos biológicos, culturais e sociais.

Para Leonardo Boff (2021), as questões relacionadas à conservação ambiental e ao cuidado com o Planeta se fazem urgentes e necessitam de um novo “software” mental para pensar e ler a atual realidade. Boff adverte que o pensamento instrumental, científico e racional, que criou toda essa situação “calamitosa”, não pode ser o mesmo que vai nos tirar dela. Segundo o filósofo, “precisamos igualmente da inteligência emocional e com mais intensidade, da inteligência cordial, pois é ela, que nos faz sentir parte de um todo maior, que nos dá a percepção da nossa conexão com os demais seres”(Boff, 2021, p. 15).

Sendo assim, defendemos que as políticas de reintegração entre o ser humano e o meio ambiente, de forma sustentável, são dos principais recursos para tentarmos minimizar os impactos ambientais e os desequilíbrios causados às populações de todos os seres vivos em decorrência da ação humana. Ainda sobre essa questão, Boff (2021) define sustentabilidade como um conjunto dos processos e ações que devem manter a vida e a integridade da “Mãe Terra”, preservando seus ecossistemas com todos os elementos físicos, químicos e ecológicos, que possibilitem a existência e a reprodução da vida.

Compreendemos, então, que os problemas socioambientais podem surgir de uma estrutura política e sociocultural, que procura justificar a destruição da natureza em nome do “progresso”. Com destaque para políticas do agronegócio, hidronegócio, mineração, produção de energia e transição energética, além do mercado imobiliário, entre outros.

Diante desse cenário de uma política neoliberal e de opressão, surge a necessidade de compreender a relação humana com a Terra. Não somente nas questões ligadas às lógicas materiais, racionalistas e utilitárias, tão exaustivamente estudadas em várias áreas de conhecimento, mas também em sua dimensão imaterial, mítica e simbólica, o que pode ajudar a entender de forma mais complexa nossa relação com nós mesmos, com os outros e com todo o meio ambiente.

Nesta pesquisa, pressupomos, então, que existe uma atmosfera mítica que une um ser humano aos outros e ao planeta desde o surgimento da espécie humana na Terra. Diante disso, tentamos observar como essa atmosfera mítica/simbólica pode nos ajudar a entender e a melhorar nossa relação com o meio ambiente de modo inclusivo e sustentável. Ou seja, para este estudo, é preciso abrir a mente para uma postura intelectual que não se limite unicamente ao racionalismo, abdicando do medo do transcendente da recusa do imponderável.

Para Duarte (2017), muitas questões ambientais enfrentadas atualmente residem justamente no abandono de nossas raízes. Em outras palavras, essa separação que nós seres humanos promovemos com a natureza, nos afastou dos traços da nossa ancestralidade, e talvez essa divisão e afastamento sejam a principal causa para as crises socioambientais que estamos enfrentando. A visão de Duarte (2017) ajuda a refletir sobre o conceito de arquétipos¹ como princípio da formação humana e de que existe um inconsciente coletivo, que impulsiona o ser humano na tomada de decisões e na construção de valores. Unimos, portanto, o pensamento de Duarte aos estudos de Carl G. Jung (2000) sobre a psicologia das profundezas, que contribuem decisivamente para o adensamento das bases teóricas da Antropologia do Imaginário, a qual trazemos neste artigo.

Para estudiosos da área do Imaginário, como a professora Danielle Perin Rocha Pitta (2005), o Imaginário é a capacidade de produzir imagens e de nos conectarmos uns aos outros. Ele está ligado ao imponderável; segundo a pesquisadora, o imaginário é “uma das

¹Jung (1964 - 2000) define o arquétipo como a zona matriarcal da ideia - uma forma primordial e inata de caráter universal, presente no inconsciente coletivo da humanidade. Ele compara os arquétipos às molduras originais desprovidas de substância consciente, determinada quanto à forma e nunca quanto ao conteúdo.

essências do espírito humano, um conhecimento sensível, mas que influencia nosso dia a dia”, “a raiz de tudo aquilo que, para o homem, existe” (Pitta, 2005, p. 15). Assim, pode ser entendido como a raiz de tudo aquilo que o ser humano cria/elabora para dar sentido a sua existência, em meio à passagem do tempo e à certeza da morte. Observa-se, então, que a discussão sobre Ecologia/Ser Humano em relação à terra e a todos os elementos existentes nela pode ser alimentada por imaginários.

Dessa forma, entendemos a importância de estudar essa dimensão simbólica com o objetivo de compreender como se processa essa condição humana, de elaborar narrativas e sua relação com o meio ambiente, observando que imagens são essas que temos da natureza, como elas surgem, desaparecem ou se consolidam. Em outras palavras, como nós, seres humanos, acionamos esse Imaginário sobre a conservação e o cuidado com a biodiversidade, em meio a contextos históricos, políticos, sociais e simbólicos? Para entendermos melhor essa relação entre a Ecologia Humana e a Antropologia do Imaginário, recorreremos a uma pesquisa conceitual comparativa (Niz *et al.*, 2016) que analisa um tema ou conceito em um grupo de autores, que possuem ou não uma afinidade, com o objetivo de apontar a variabilidade entre usos de uma mesma ideia, mostrando os diferentes sentidos atribuídos ao conceito, as diferentes premissas que estruturam uma definição, as virtudes e as fraquezas de cada perspectiva.

Neste estudo, foram selecionados autores fundantes da Antropologia do Imaginário, como Gaston Bachelard, Jung, Mircea Eliade, com destaque para Gilbert Durand (2012) e o seu conceito de trajeto antropológico. Para esse pesquisador, o imaginário se forma dentro de um processo, biológico, psicológico e cultural. No campo da Ecologia Humana, optou-se por incluir pesquisadores exclusivamente brasileiros, especializados na EH, que reconhecem o potencial da área, fundamentados em três pilares: a) Interface Natureza – Ser Humano, ou seja, Cultura – Meio Ambiente; b) Interdisciplinaridade; c) Emancipação Humana.

Acredita-se que ao utilizar o método conceitual comparativo, será possível explorar mais profundamente as perspectivas de ambos os campos de estudo, proporcionando uma compreensão mais ampla das temáticas abordadas. Após essa

introdução, o texto está estruturado em quatro partes: na primeira, apresentamos o papel da Ecologia Humana na construção de um olhar mais complexo entre a relação homem-natureza revelando que os aspectos naturais, sociais e culturais da espécie não podem ser dissociados das questões ambientais. Na segunda, visualizamos o Imaginário como um ambiente que se estrutura através da imaginação. Este é responsável por manter um equilíbrio biopsicossocial da espécie humana, no qual a relação com a natureza também pode ser investigada pelos sistemas simbólicos presentes nas culturas humanas e como esses sistemas moldam as práticas sociais.

Na terceira parte, evidenciamos as convergências desses dois campos do conhecimento, EH e AI, revelando que o conceito de Trajeto Antropológico, desenvolvido por Durand, pode ser entendido como a base estruturante da Ecologia Humana. Assim como os estudos do imaginário, esse campo busca a integração entre o ser biológico, psicológico, social e cultural. Na última parte, as considerações finais, revelamos nossa base epistemológica, afirmando que, para tentar resolver as questões ambientais que surgem no século XXI, não podemos dissociar esse ser simbólico do ser ecológico, pois ambos estão interligados e constituem a natureza humana.

2 Ecologia Humana: uma discussão para além das ciências naturais

A Ecologia Humana – EH, como campo de estudo, foi sistematizada por Robert Park, Ernest Burgess, Donald Pierson, entre outros, na Escola de Chicago, nos Estados Unidos, nas primeiras décadas do século XX, em meio à crescente preocupação com a degradação ambiental e a necessidade de se compreender as interações complexas entre seres humanos e a natureza. Na base desses estudos, está a noção de que é preciso um maior diálogo com outras áreas do conhecimento, além das Ciências Naturais.

Ao reconhecer que o social, o cultural e o natural não podem ser dissociados, a Ecologia Humana promove um olhar sobre a relação do ser humano com o meio ambiente e exige de todos os pesquisadores e pesquisadoras dessa área um diálogo interdisciplinar, ou mesmo transdisciplinar, com campos do saber que precisam ser analisados em conjunto a fim de refletirmos sobre os problemas socioambientais. Essa visão, compartilhada por Gonçalves (2021), evidencia a importância de um olhar mais complexo sobre as questões

ambientais:

como se vê, a problemática ecológica implica outras questões extremamente complexas. Implica outros valores, o que por si só coloca questões de ordem cultural, filosófica e política. Implica um outro conceito de natureza e, conseqüentemente, outras formas de relacionamento entre os seres vivos; com o mundo inorgânico; enfim, dos homens entre si (Gonçalves, 2021, p. 22).

Sendo assim, a EH é um campo da ciência que se preocupa em compreender o ser humano de forma holística, nas suas diversas dimensões, sejam elas: biológicas, econômicas, políticas e sociais, isto é, nas dimensões da objetividade e da subjetividade. Esse modo sensível e fluido de fazer ciência além dos aspectos naturais/biológicos, aproxima-se da sociologia compreensiva de Max Weber, que diz:

A tarefa que concerne à sociologia, então, é a de descobrir o sentido mais profundo de tal motivação e compreendê-la de modo correto, mesmo se esta motivação não tiver participado da ação consciente do indivíduo: torna-se, por conseguinte, um caso limite de interpretação de sentido (Weber, 1971, p. 27).

Ao trazer o conceito de sociologia compreensiva, Weber nos oferece uma nova forma de pensar a ciência, sem desmerecer outros elementos até então apagados pelas luzes do iluminismo e pela filosofia racionalista. A sociologia compreensiva prestigia o ser humano nas suas microrrelações cotidianas e entende que ao “desmitologizar” o mundo, a ciência moderna fomentou um “desencantamento” das sociedades e menosprezou outras formas de produzir conhecimento, que não fossem o científico racional e utilitário.

Fugindo a essa lógica positivista/cartesiana, disciplinar, deparamo-nos com a hipótese denominada por Gaia, de Lovelock (1974), que faz referência à deusa da Mitologia Grega de mesmo nome. Essa hipótese enxerga a Terra como um organismo vivo, dotado de sentimentos, sensações e sensibilidades. A obra de Lovelock (1974), embasada em ideias e paradigmas científicos, segundo Leonardo Boff (2021), influi nas opções que determinam o nosso comportamento. De acordo com Boff (2021), após quase quatro séculos de aderência a uma visão da Terra como um conjunto de coisas isoladas, regidas

por leis mecânicas e sem valor próprio, percebemos que estamos alcançando os limites do planeta. A Terra revela-se como um planeta antigo de pequeno porte, com imunidade limitada e resiliência enfraquecida. O aumento da temperatura e a ocorrência de eventos naturais extremos sugerem que a Terra não é apenas um objeto inanimado e sem propósito, mas possui reações semelhantes às de um ser vivo.

Com base num pensamento similar ao de Lovelock e Boff, existe o estudo da *Ecologia da Alma*, proposto pelo professor Juracy Marques (2012). Para esse pesquisador, defensor das políticas socioambientais, ao citar a alma, não estamos totalmente imersos em mares metafísicos, ou religiosos, mas na percepção de uma sensibilidade, que toca o íntimo do ser humano e oferece uma nova forma de enxergar e sentir todos os elementos que estão na natureza, incluindo nós mesmos.

Juracy Marques também exemplifica o conceito de *Ecologia da Alma* com o pensamento de povos indígenas. Na observação dele, elementos da natureza como árvores, rios e cachoeiras são percebidos pelas tribos/povos tradicionais como algo divino, onde residem os espíritos dos antepassados, e que ao violá-los em seus espaços naturais, estaríamos desrespeitando toda uma ancestralidade e toda a humanidade. Outra ilustração dessa relação sensível está nas comunidades de matrizes africanas, para as quais, elementos como a água, a terra e o ouro são personificados, vistos como divindades carregadas de sentidos e subjetividades.

Para Emilio Moran, as mitologias e os símbolos sempre estiveram presentes nas relações ser humano – natureza. Segundo o autor, sem essa dimensão simbólica, não teríamos como produzir sentidos sobre o mundo em que vivemos. Essa percepção, que está mais ligada ao poder de criação da humanidade e que intervém tanto em fatores bióticos quanto abióticos, torna os estudos em *Ecologia Humana* importantes ferramentas para entendermos as relações complexas que perpassam o ser humano com o seu entorno. Dessa maneira, não enxerga o ser humano numa posição privilegiada, mas como qualquer outro organismo vivo do Planeta que interfere e sofre interferência da natureza. Entendemos assim que, para viver, o ser humano busca alternativas de adaptação impostas pelo meio ambiente, e essas imposições são atravessadas tanto pelo campo natural, quanto pelo social, cultural e simbólico.

Ecologia humana e antropologia do imaginário: convergências e aproximações
Zulenilton Sobreira Leal, Juracy Marques dos Santos, Geam Karlo Gomes

Essa reconexão, caracterizada pelo caráter biocêntrico, talvez seja o recurso mais eficaz no entendimento de que somos parte de um todo e que esse todo (ser natureza/meio ambiente) depende de nós, como nós dependemos dele para continuarmos vivendo na Terra. Compreendemos, dentro desse ponto de vista, que o *sapiens*, como qualquer outro indivíduo, é parte integrante da ecossfera e assim é encarado, o que não distingue a EH da ecologia geral. Porém, não podemos negar que a flexibilidade humana em termos de conduta e capacidade para controlar as respectivas vizinhanças, desenvolvendo cultura independentemente do ambiente, é maior do que a dos outros organismos. Daí a importância de uma ecologia que estude o ser humano em todas as suas dimensões e particularidades nos seus diversos habitats.

Segundo Marques (2012), a definição de Ecologia Humana foi, por muito tempo, sistematizada de forma fragmentada, e muitos dos pesquisadores não compreendiam a real complexidade humana sobre os fenômenos. Contudo, nos dias atuais, a EH reconheceu suas limitações, e isso, em particular, deve-se à mudança epistemológica que esse campo de estudo atravessa. Um exemplo dessas mudanças está nas pesquisas concentradas mais precisamente no Brasil desde os anos 1980, que não negam a interface ser humano – natureza, sendo impossível compreender o fenômeno humano sem perceber e apreender a mútua afetação que o meio ambiente exerce sobre nós e vice-versa.

No seu livro, *A História e Epistemologia da Ecologia Humana* (2021), o professor Luciano Ventim nos faz refletir sobre a relação do ser humano com os seus diversos ambientes. Afirmando que os ambientes construídos pelo ser humano são, segundo ele, complexos e diversificados, integram elementos tão diferentes como a família, a habitação, os transportes, o trabalho, a organização social, a atividade política, a religião, as emoções e os valores. Nesse ponto, os estudos da Ecologia Humana lançam um olhar sobre essa postura mais complexa do *sapiens*, fugindo dos cânones puramente técnicos científicos e racionais, e procuram nas microrrelações cotidianas formas de dar sentido ao mundo e às coisas, quebrando uma hegemonia de pensamento, que surge na antiga Grécia.

Tecendo críticas ao pensamento que exclui e separa, Gonçalves (2021) afirma que Platão e Aristóteles foram os responsáveis por todo o processo de fragmentação do ser humano com a natureza. Isso porque, ambos os filósofos gregos estimularam no pensamento ocidental um certo desprezo pelas pedras, pelas plantas e animais, e um privilégio ao ser humano e ao mundo das ideias. O pensamento de Platão e Aristóteles contribuiu para menosprezar as metáforas contidas nas narrativas míticas, na arte e na poesia, e qualquer outra forma de produzir conhecimento sobre mundo que não fosse baseado na filosofia racionalista. Contrapondo o pensamento platônico aristotélico, o filósofo Gerd Bornheim (1989) nos diz que:

tudo está cheio de misteriosas forças vivas; a distinção entre a natureza animada e inanimada não tem fundamento algum; tudo tem uma alma” esta ideia de alma, de forças misteriosas que habitam a *physis*, transforma algo inteligente empresta-lhe certa espiritualidade, afastando-a do sem sentido anárquico e caótico (Gonçalves, 2021, p. 29).

Essa visão, para qual existe um mundo das ideias e outro inferior, é também incorporada à ética e aos valores da cultura Judaico-Cristã. Ou seja, se por um lado Platão falava que só a ideia era perfeita, em oposição à realidade mundana, o Cristianismo vai operar sua própria leitura, opondo a perfeição de Deus à imperfeição do mundo material. Nesse ponto, Gonçalves nos apresenta uma reflexão desse *status* alcançado pelo homem e como essa condição, apoiada pela narrativa religiosa, fragmenta a nossa relação com toda a biodiversidade do Planeta. Tal ideia, tomada também por questões e interesses econômicos, enxerga a natureza como um recurso, ou seja, um meio para se atingir um fim. Esse caráter materialista, pelo qual os humanos se tornam o centro do mundo, estimula a imagem de que somos possuidores da natureza. Sendo esse humano a imagem e semelhança de Deus, tudo pode, isto é, é o Todo Poderoso. Essa articulação arbitrária, que divide e nos separa da vida em toda sua dimensão natural, limita-nos a uma técnica científica e a uma postura antropocêntrica equivocada, com requisitos para dominar o planeta e tudo que existe nele.

Contrapondo essa visão, Machado (1984) enxerga no campo da Ecologia Humana, principalmente desenvolvida no Brasil, uma ferramenta de emancipação epistemológica, que agrega vários campos de estudo em prol de uma discussão holística entre o ser

humano e o meio ambiente. O autor observa que olhar para esse campo do saber não deve ser fixo, mas nos chama atenção quanto ao lugar que estamos percorrendo. Assim, para ele, a Ecologia Humana poderia ser considerada uma ciência, uma disciplina dentro de uma ciência ou uma combinação de partes marginais de diferentes ciências. Além disso, o autor levanta a possibilidade de a Ecologia Humana ser uma nova metodologia ou um novo nível de pensamento.

O questionamento do professor Machado lança luz sobre a EH como um lugar de saberes, no qual o Ecólogo deve caminhar na floresta da interdisciplinaridade, não de modo impositivo, mas sim por querer entender as relações ser humano – natureza, assumindo uma atitude reflexiva e correspondente à perspectiva da Ecologia Humana, que tem como finalidade a busca do entendimento e o respeito em todos os aspectos macro e micro da vida na terra. Para isso, segundo Machado (1984), os estudiosos do campo devem ter em mente seu papel de agente emancipador, construtor de conhecimento, e que podem fugir a sua lógica de formação.

Mas, afinal, o que é esse campo interdisciplinar do conhecimento, conhecido como Ecologia Humana? Para Begossi (1993), a EH é essencial para a compreensão das relações humanas com os diversos ecossistemas. Sem se limitar a um cartesianismo que mais exclui do que inclui, a autora nos oferece uma visão dessa ecologia como importante ferramenta para a formação de uma nova consciência. Ao mapear o posicionamento dos Ecólogos Humanos sobre a relação dessa área com a ecologia tradicional, a pesquisadora apresenta o fundamento do posicionamento majoritário de autonomia da Ecologia Humana para com a ecologia.

Segundo Begossi (1993), embora a Ecologia Humana se baseie em conceitos da biologia, ela não é necessariamente considerada uma ramificação da ecologia tradicional. Para muitos estudiosos da EH, a análise da relação do ser humano com o ambiente envolve diversos outros fatores, como aspectos culturais, sociais e psicológicos. Isso faz com que a ecologia humana vá além dos limites das ciências naturais. A mesma articulação de pensamento ganha apoio com o professor Cesário, que enxerga no campo de estudos, objetivos práticos de emancipação humana. Segundo Cesário,

como disciplina, a Ecologia Humana é ciência e arte; como disciplina aplicada, procura identificar as forças que melhoram o desenvolvimento humano, atualizam o potencial humano, otimizam o funcionamento humano e melhoram a qualidade de vida das pessoas² (Cesário, 2004, p. 42, tradução nossa).

O olhar de Cesário traz uma concepção estética e decolonial dos estudos e pesquisas nessa área, fazendo uma aproximação com nossa percepção do papel da EH como uma ciência para a vida em suas dimensões mais profundas. Essa mesma concepção pode estimular a uma transdisciplinaridade para pesquisas nos campos da arte e da estética, reafirmando a importância da interdisciplinaridade da EH e sua penetração nos diversos quadros da vida social.

Nesse contexto, entender as dimensões da Ecologia Humana para além dos aspectos biológicos e naturais é imprescindível para a formação do seu campo de estudo. Para Marques, “a Ecologia Humana é uma ecologia que coloca gente nos ecossistemas, e estuda suas relações e consequências” (Marques, 2012, p. 14). Fugindo de discursos prontos, herdados da modernidade e de um colonialismo disciplinar/classificatório, o pesquisador brasileiro assume um caráter político e “adisciplinar”, nos provocando a enxergar as pesquisas da EH no Brasil sob uma nova perspectiva.

De acordo com Marques (2015), a EH no Brasil está num contexto das pós-ecologias. Nesse enfoque, o conhecimento sobre as relações entre os grupos humanos eo ambiente é percebido por meio do contato direto com os próprios indivíduos, não sendo passível de ser interpretado apenas por observação científica. Ao tocar em pontos ainda pouco discutidos no meio acadêmico, mas que acreditamos serem necessários, Marques (2015) também estimula uma desconstrução de retóricas eurocêtricas e nos coloca num espaço de interações culturais, a nosso ver, necessárias ao desenvolvimento político e social, e que são atravessadas pelos aspectos materiais e simbólicos que constituem nossa espécie.

² As a discipline Human Ecology is both science and art; as an applied discipline, it seeks to identify the forces which enhance human development, actualize human potential, optimizing human functioning and improve the quality life of people (Cesário, 2004, p. 42).

3 A Antropologia do Imaginário

Assim como a Ecologia Humana, a Antropologia do Imaginário se apresenta como um campo interdisciplinar e transdisciplinar de estudos, podendo ser abordado a partir de diferentes teorias. Por isso, optamos por trabalhar o entrecruzamento entre matrizes arquetípicas, e contextos socioambientais – históricos e culturais, pela proposta antropológica de Gilbert Durand (2012), que enxerga o Imaginário como elemento vivo, orgânico, marcado pelas experiências cotidianas. O imaginário é, pois, a forma pulsante, viva e libertadora de conectar as diversas dimensões que fazem os seres humanos serem quem são: sujeitos racionais, com sentimentos, pulsões e sonhos.

Ao compreender o Imaginário como um ambiente vivo e real, que se estrutura por meio da imaginação humana e dos processos biopsicossociais, trazemos à tona a discussão de que a capacidade de criar histórias ou mesmo ficções foi e é responsável por trazer um equilíbrio biopsicossocial à espécie humana. Nesse aspecto, a capacidade de produzir símbolos é, na verdade, segundo essa teoria, uma estratégia de sobrevivência, para driblar a angústia do tempo e da morte, sobre a qual a imaginação tem um papel importante.

Para o filósofo Gaston Bachelard (1996), a imaginação é, justamente, um caminho por meio do qual a nossa espécie consegue se desprender da vida cotidiana e se lançar numa aventura em direção ao novo, ao imprevisto, ao surreal, permitindo, assim que o ser humano se eleve espiritualmente. A imaginação impõe-se, portanto, como um percurso, que tem o propósito de reiterar que razão e imaginação são verdadeiros caminhos e não podem ser dissociados. Assim, Bachelard (1996) inspira Gilbert Durand a perceber que a capacidade imaginativa dos seres humanos, seus processos fisiológicos, e as intimações socioculturais, constituem o que chamamos de Imaginário. Daí o nome original da sua teoria, que explicita as suas bases epistemológicas "Estruturas Antropológicas do Imaginário". Além de Gaston Bachelard, Durand também se inspirou em outros autores que trouxeram grandes contribuições para a consolidação da sua teoria, a exemplo de Carl G. Jung e Mircea Eliade. Na visão de Durand (2012), o imaginário é uma dimensão ampla que se estende para além do âmbito da psique humana, abrangendo toda a cultura e a sociedade.

3.1 Bases epistemológicas da Escola de Grenoble

As bases para a Antropologia do Imaginário nasceram na Genebra do século 19, tendo a poética como a linha condutora de conhecimento como sugere Gaston Bachelard (1962), sendo mais tarde retomada na França do século XX, por meio de seu discípulo Gilbert Durand (1921 - 2012), que apresenta as estruturas do Imaginário principalmente no viés da antropologia, com bases científicas hermenêutica e heurística próprias aos seus estudos. Dessa forma, para entender o complexo de ideias envolto no imaginário, é preciso explorar algumas concepções dessa teoria formuladas por Durand, entre elas estão: *schème*, *arquétipo*, *símbolo*, *mito*, *estruturas*, *regime de imagens* e *trajeto antropológico*.

O *schème* é, segundo Durand (2012), o primeiro esboço do imaginário, uma intenção biopsíquica, que corresponde aos nossos gestos inconscientes da sensório- motricidade, ou seja, o que ele chama de reflexos dominantes³: a *dominante postural* – movimento de subida, para ficar ereto e de divisão manual e visual; a *dominante digestiva* – movimento de deglutição, de descida do alimento, e a *dominante copulativa* – movimento cíclico dos ritmos sexuais. Quando esses reflexos entram em contato com o ambiente e a cultura, imprimem no inconsciente – psiquê – sensações e estímulos que vão formar imagens. Em outras palavras, segundo a Antropologia do Imaginário, esses movimentos que a espécie humana executa há milhares de anos, deixam um registro na nossa psiquê. Os *schèmes* são, então, as simbolizações desses reflexos básicos.

Essas imagens, frutos da interação entre fatores biológicos, pulsão e intimações do meio social, vão originar o que Durand chama de os arquétipos – imagens universais, que a depender dos contextos sociais, ambientais e culturais, vão sofrer influências. Jung (2000) define o arquétipo como a zona matriarcal da ideia – uma forma primordial e inata de caráter universal, presente no inconsciente coletivo da humanidade. Ele compara os arquétipos às molduras originais desprovidas de substância consciente, determinada quanto à forma e nunca quanto ao conteúdo.

Por sua vez, Durand (2012) recupera a discussão de Jung e diz que o arquétipo é a substantificação dos *schèmes* e ocorre em fase posterior. O autor ressalta que as matrizes arquetípicas se manifestam como substantivação dos *schèmes*. Para esse antropólogo, “os arquétipos, então, seriam moldes ocultos que devem ser preenchidos pelos símbolos,

distribuídos pela sociedade, sua história e situação geográfica” (Durand, 2010, p. 91). O arquétipo é o ponto de junção entre o imaginário e os processos racionais. Por exemplo, a imagem do chefe, do herói, do bem e do mal geram ideias e energias que se encaixam no *schème* postural (verticalização e divisão). Isso porque essas ideias estão associadas ao que divide e à elevação. Exemplo, a criança ao ficar em pé, segundo Durand, sente-se melhor, tem mais liberdade, ganha coragem. Logo, o que está no alto é melhor, o que está abaixo gera sentimentos menores, de impotência, a ideia de castigo.

No esquema postural também vão surgir as imagens do paraíso e do inferno. Já as imagens da noite, de um colo, de algo oco em seu interior, geram ideias de assimilação, inclusão e vão se encaixar no *schème* da deglutição. A roda e o vórtice conclamam a uma atividade, um processo mental, que exige o *schème* da copulação. Nesse sentido, os arquétipos são núcleos organizadores das produções culturais dos seres humanos, e os mitos, também, podem ser compreendidos como uma racionalização desse arquétipo.

Para Durand, o símbolo é uma imagem que evoca um significado profundo e transcendente que vai além de sua aparência superficial e imediata. O símbolo pode ser entendido como um mediador entre o consciente e o inconsciente, permitindo que o indivíduo entre em contato com os arquétipos e as estruturas profundas da psique. Já o mito, para a Antropologia do Imaginário, é uma narrativa que representa a expressão coletiva dos valores, crenças e ideias de uma cultura. O mito é uma forma de elaborar e transmitir conhecimentos e significados que são compartilhados por uma comunidade, ajudando a construir identidades e visão de mundo.

Portanto, essa atualização constante do Imaginário, que acontece tanto por questões biopsíquicas, como sociais (culturais, meio, tempo histórico etc.) é o que conhecemos como *Trajeto Antropológico*. Esse trajeto está diretamente associado à capacidade crítica do ser humano de driblar a angústia do tempo e da certeza da morte.

³ Para o desenvolvimento do método de estudo do imaginário, Durand valeu-se dos estudos sobre os “reflexos dominantes” de Betcherev, que foram descobertos na escola russa de reflexologia, ao tempo dos trabalhos de Pavlov (que descobriu o reflexo condicionado). Wladimir Mikhailovitch Betcherev, com sua equipe, que depois seria conhecida como Escola de Leningrado, percebeu existirem três reflexos básicos comuns a alguns animais e aos seres humanos, envolvendo o despertar da sensório-motricidade de cada um (Cavalcante, 2021, p. 23).

E é através do entendimento do imaginário construído e alimentado por esse trajeto que este estudo se alicerça, pois se compreende que o ato comunicacional dos *sapiens* não se baseia apenas nos aspectos históricos, culturais, sociológicos, muito menos em questões somente do inconsciente.

Se, para o ser humano, nada que existe no mundo é insignificante e tudo que existe na natureza pode ser transformado, isso significa dizer que essas construções permeiam o plano simbólico através da organização de sistemas de imagens universais (arquétipos). Para isso, essas imagens, segundo Durand (2001), podem ser classificadas por meio de duas categorias: o regime diurno e o regime noturno. Entendem-se essas imagens a partir da identificação de seus significados intrínsecos às próprias imagens, de acordo com o tempo espaço no qual elas estão inseridas, ou seja, uma mesma imagem sempre será vista de diferentes formas de acordo com a cultura e, principalmente, sofrerá modificações.

Esses regimes, portanto, não são “agrupamentos rígidos de formas imutáveis” (Durand, 2001, p. 64), mas traduzem os sentimentos próprios de cada cultura e as experiências individuais ou de um grupo. O regime diurno é caracterizado pela antítese sombra-luz, pela oposição de palavras e ideias (dualismo), por imagens que privilegiam a luz como forma de conquista, através da luta armada na busca da vitória, de vencer a morte e a treva, de ascensão. O noturno é caracterizado por ser um regime de imagens que trazem o eufemismo, a descida, a união dos opostos. Nas suas pesquisas, Durand (2012) detectou três maneiras de agrupar essas imagens: 1) *heroicas* ou *esquizomorfos*, relacionadas ao gesto postural; 2) *dramáticas* ou *sintéticas*, relacionadas ao gesto copulativo; 3) *místicas* ou *antifrásicas*, relacionadas ao gesto digestivo. Esses agrupamentos tentam dar resposta a uma questão fundamental do ser humano: a sua finitude. Nesse processo, as estruturas estão inseridas dentro dos regimes:

o *Regime Diurno* tem a ver com a dominante postural, a tecnologia das armas, a sociologia do soberano mago e guerreiro, os rituais da elevação e da purificação; o *Regime Noturno* subdivide-se nas dominantes digestiva e cíclica, a primeira subsumindo as técnicas do continente e do habitat, os valores alimentares e digestivos, a sociologia matriarcal e alimentadora, a segunda agrupando as técnicas do ciclo, do calendário agrícola e da indústria têxtil, os símbolos naturais ou artificiais do retorno, os mitos e os dramas astro biológicos (Durand, 2001, p. 58).

Em linhas gerais, o Imaginário pode ser compreendido como um ambiente vivo que deve ser entendido como o capital pensado e não pensado do *homo sapiens*. O “grande denominador fundamental onde se vêm encontrar todas as criações do pensamento humano” (Durand, 2012, p. 18). Para o sociólogo Michel Maffesoli (1998, p. 78) “o Imaginário está presente em todos os segmentos da vida, conciliando o que aparentemente é inconciliável”. Então, se o imaginário tudo contamina, qual a relação entre a Ecologia Humana e a Antropologia do Imaginário?

De fato, se pensarmos que, desde os primórdios, o *homo sapiens* e os *neandertais* imaginavam, pressupomos então, que todo o processo evolutivo que nos conduziu até os dias atuais só foi possível graças à capacidade de produzir narrativas, mitos. Sendo assim, compreender essas mitologias sobre nossa relação com a natureza e o meio ambiente se torna urgente e necessário. Armstrong (2005) aponta que a alienação moderna em relação ao mito é sem precedentes.

No mundo pré-moderno, a mitologia era considerada indispensável para a humanidade, pois auxiliava as pessoas a encontrarem significado em suas vidas e revelava aspectos da mente humana que, de outra forma, permaneceriam inacessíveis. Longe de alguns preceitos da ciência moderna que não enxergam essa dimensão da imagem como constituinte do real, concordamos com Maffesoli (1998, p. 78), que diz “o Imaginário está presente em todos os seguimentos da vida, conciliando o que aparentemente é inconciliável”. Para ele,

na ecologia, por exemplo, com a revalorização da natureza. No desejo de interação, colocando o holismo acima das perspectivas binárias ou do individualismo. Na convicção de que o homem deve negociar com a natureza, não a dominar (Maffesoli, 2001 p. 77).

Essa forma de pensar lança luz sobre a contribuição dos estudos da imaginação e do imaginário como necessários para compreender um possível processo de revolução cultural das sociedades sustentáveis. Isso porque pressupomos que esse reencantamento do mundo, ou seja, esse pensamento utópico é carregado de metáforas e afetos. Deixado de lado pela modernidade, é nossa ponte de reconexão com a natureza e, por assim dizer,

com nós mesmos.

4 Convergências e aproximações entre a Ecologia Humana e a Antropologia do Imaginário

Ao mencionar a relação entre a Ecologia Humana e a Antropologia do Imaginário, evidenciamos que o conceito de Trajeto Antropológico, defendido por Gilbert Durand, tem relação direta com as bases estruturantes da Ecologia Humana, revelando o quanto as questões ambientais não podem estar dissociadas dos aspectos e dimensões simbólicos da espécie humana. Não há como entender o ser ecológico sem conhecer o ser simbólico. A relação se torna ainda mais evidente, quando entendemos que o conceito de trajeto antropológico, nada mais é do que a forma como nós produzimos sentidos sobre o mundo através dos fatores biológicos, sociais e culturais.

Diante disso, este estudo está interessado em oferecer uma maior compreensão desse fluxo entre matrizes arquetípicas e as imagens (próprias do campo da Antropologia do Imaginário) que temos sobre a natureza e toda a biodiversidade. Um recorte específico da Ecologia Humana dentro da Antropologia do Imaginário pode ser a análise de como certas culturas indígenas veem a natureza e desenvolvem um imaginário coletivo sobre o meio ambiente que as cerca. Nesse contexto, os pesquisadores podem examinar como essas sociedades concebem as plantas, os animais, os rios e outras paisagens naturais, atribuindo-lhes significados simbólicos e espirituais. Isso pode influenciar suas práticas de caça e pesca, bem como sua relação com o ecossistema em que vivem.

É importante reafirmar que as imagens a que estamos nos referindo neste estudo têm base nas pesquisas das estruturas antropológicas do Imaginário em Durand (2012). E são as pulsões resultantes de construções biopsicossociais ligadas aos movimentos internos do organismo humano, e as coerções do mundo social, cultural e natural, que estão diretamente associadas ao poder de imaginação da humanidade.

A ideia é perceber que, ao prestigiar o sensível e o vivencial, tentamos compreender o ser humano nas suas dimensões poéticas/oníricas e afetuosas também. Ou seja, ao estudar as dimensões míticas e simbólicas, não estamos interessados somente num

conhecimento utilitário/cartesiano, mas sim numa potência ancestral e criativa do espírito humano, que impulsiona nossas ações.

Logo, procurar compreender o processo de formação de imagens, para buscar entender: que imaginário temos da conservação ambiental, em quais regimes e estruturas essas imagens estão inseridas, como podem auxiliar os pesquisadores da EH a irem além dos estereótipos e do senso comum, buscando uma maior compreensão das ações humanas frente aos sentidos empreendidos diante das práticas e políticas de conservação ambiental.

Como exemplo desse processo simbólico natural e social, podemos apresentar a nossa relação com as águas do Velho Chico, o Rio São Francisco⁴. Qual a imagem (símbolos e mitos) que temos desse Rio atualmente? Estaríamos, então, hoje: mais interessados em conservar esse rio para poder “ter”. O que para AI corresponderia a um imaginário utilitário, que divide o ser humano e enxerga a natureza como algo a nos servir a sanar nossas necessidades e de nossos descendentes, algo visto pela EH como resultado de um pensamento binário, que separou o *sapiens* da natureza estimulando um senso de superioridade, para o qual o meio ambiente existe somente para nos servir, ou seja, estaríamos vivendo um regime diurno dos símbolos diuréticos e da verticalidade.

Ou deveríamos conservá-lo para “conviver”? Ou seja, uma perspectiva do regime noturno, seja místico, do redobramento e encaixamento, assimilando o meio cósmico ao sociocultural numa essência da harmonia. Ou ainda, conservar o meio ambiente buscando equilibrar o *homo consumericus* e *homo ecologicus*? Isso é, uma perspectiva ética da integralidade e equilíbrio dos contrários, que corresponde ao regime noturno disseminatório. Nas duas últimas possibilidades, há a associação com um pensamento harmonioso, buscando essa reconexão e respeito ao meio ambiente e as tradições, um pensamento que coaduna com as bases conceituais da Ecologia Humana que procura essa integração entre os seres humanos e a natureza na solução das crises ambientais.

⁴O Rio São Francisco tem sua nascente histórica no alto do Parque Nacional da Serra da Canastra, em Minas Gerais, no município de São Roque de Minas, região considerada um grande berço de rios. Contudo, segundo o Ministério do Meio Ambiente, foi determinado que a nascente geográfica do Rio São Francisco se encontra no município de Medeiros, em Minas Gerais. O rio liga as regiões Nordeste e Sudeste do Brasil, desaguardo no Oceano Atlântico, na divisa dos estados de Alagoas e Sergipe (Souza, 2013).

O que é preciso compreender nesta pesquisa é que a sistematização proposta por Durand auxilia a direcionar a análise das imagens presentes no mundo, criadas pelos seres humanos e ressignificadas por eles a todo o momento. Nesse cenário, não podemos negar a necessidade emergente de um saber, e de uma forma de compreender essa relação com a natureza e com nós mesmos, que passa pelo paradigma da inter e da pelo pensamento complexo, bem como pelo caminho do diálogo com outros saberes.

Nessa lógica, ambas as teorias, Antropologia do Imaginário, quanto os estudos da Ecologia Humana, contribuem para uma reconexão, para a qual o respeito a toda natureza, incluindo às tradições, à memória e à cultura, são elementos essenciais para a conservação da biodiversidade. Concordamos com Marques, quando diz que a Ecologia Humana “está para a defesa da vida em todas as suas formas” (Marques, 2012, p. 10), permanecendo, então, presente em toda a dimensão humana. Sob um ponto de vista epistemológico, pressupomos que a Ecologia Humana reforça a ideia de que o ser humano não pode dominar toda dinâmica da vida (devir) e que esse mesmo humano, é e faz parte desse grande ambiente material e subjetivo. Nesse sentido, compreendemos que os ambientes podem estar relacionados ao mundo natural (plantas, animais insetos e bactérias), ou mesmo à realidade construída pelos humanos por meio dos seus valores éticos, políticos, culturais e simbólicos.

Dessa forma, compreendendo a visão dos autores analisados nesta pesquisa e utilizando um método comparativo conceitual, identificamos as seguintes convergências: Interdependência entre a sociedade e a natureza: Tanto a ecologia humana quanto a antropologia do imaginário enxergam a interdependência entre os seres humanos e o ambiente natural. A ecologia humana examina como as atividades humanas causam mudanças no ambiente e como, por sua vez, essas mudanças impactam a sociedade (Marques, 2016). A antropologia do imaginário, através de sua hermenêutica e de métodos específicos, explora como as representações vividas e imaginárias moldam a percepção e a relação dos seres humanos com a natureza. Ambas as abordagens analisadas reconhecem que a forma como a sociedade interpreta e se relaciona com as questões ambientais é influenciada tanto por fatores racionais e psicológicos, quanto por narrativas, símbolos e mitos compartilhados (Gonçalves, 2021).

Construção de significados e valores: a AI analisa como as pessoas produzem sentidos e atribuem valores aos seus ambientes. Isso pode incluir mitos e narrativas que explicam a relação entre os seres humanos e o meio ambiente, bem como símbolos culturais relacionados à natureza (Durand, 2012). A EH converge nesse aspecto e também reconhece a importância dos valores e significados atribuídos à natureza na tomada de decisões relacionadas ao uso dos recursos e à conservação da biodiversidade (Boff, 2001). Ambas as disciplinas se interessam pela forma como esses significados e valores moldam as atitudes e comportamentos em relação à vida.

Influência do biológico, do social e da cultura: tanto a EH quanto a AI reconhecem que a relação dos seres humanos com a natureza é mediada por fatores biológicos, culturais, sociais e até estéticos (Cesário, 2004). A EH humana, a exemplo da Antropologia do Imaginário, considera as estruturas sociais, as normas culturais e os sistemas de crenças como fatores que influenciam os padrões de uso dos recursos e as práticas de gestão ambiental (Marques, 2017). Nos aspectos biológicos, tanto a EH quanto a AI enxergam o ser humano como uma espécie capaz de moldar sua capacidade e limitações físicas e mentais ao ambiente natural e à cultura em que está inserido. Esses fatores biológicos, ou pulsões, desempenham um papel importante em sua capacidade de se adaptar e produzir sentidos sobre a natureza (para a AI, seriam as intimações do meio cósmico, a formação do *schèmes*, arquétipos e mitos presentes na constituição do *sapiens*) e como esses fatores influenciam as práticas sociais e culturais relacionadas ao meio ambiente, ou seja, uma formação biopsicosocial ou, na visão de Durand, um Trajeto Antropológico.

Interdisciplinaridade: tanto os autores da Ecologia Humana quanto da Antropologia do Imaginário reconhecem a colaboração e a integração de conhecimentos de diversas áreas, como Antropologia, Sociologia, Economia, Psicologia, Biologia e Ecologia. Em outras palavras, ambos os campos combinam perspectivas epistemológicas de diversas áreas de conhecimento para uma compreensão mais completa das relações entre os seres humanos e a natureza. Além disso, é fundamental reconhecer e abordar as desigualdades socioeconômicas e culturais que afetam a capacidade das comunidades de responderem aos desafios ambientais.

Nesse quadro, a Ecologia Humana pode ser compreendida, segundo sugere Tapia (1993), como “uma ética para a vida”, ou simplesmente uma forma de entender e enxergar

o cotidiano como um grande espaço de interações, naturais e culturais, o que exige de nós um pouco mais de atenção para esse ambiente constituído pelas imagens, haja vista que é nesse ambiente que está todo o processo de criatividade humana. Pensar não só na nossa relação de produção das coisas, mas, sobretudo, pensar também na nossa relação de produção de símbolos e como ela pode, a nosso ver, estimular estudos mais complexos sobre as inter-relações entre Ecologia Humana e todos os campos do conhecimento.

5 Considerações finais

Considerando as reflexões apresentadas ao longo deste artigo sobre a Ecologia Humana e as convergências com a Antropologia do Imaginário, pressupomos que o principal ponto de convergência entre a EH e AI está relacionado à compreensão de como as representações simbólicas influenciam nossas práticas e percepções com o meio ambiente. Por exemplo, poderíamos estudar como as representações simbólicas e imaginárias das comunidades humanas influenciam suas práticas e relações com o ambiente natural. Ou ainda, como as percepções ecológicas influenciam a construção dos imaginários sociais. Nesse quadro, Durand enfatiza a importância de considerar o homem não apenas como um ser isolado, mas como parte de um ecossistema mais amplo. Essa perspectiva ressoa fortemente com as bases da Ecologia Humana, uma área que busca compreender a relação complexa entre os seres humanos e o ambiente natural em que vivem. Ao adentrar na obra de Durand, somos levados a explorar a simbiose entre cultura e natureza, destacando como os sistemas simbólicos, mitos e rituais humanos se enraízam profundamente na experiência e na percepção da natureza.

A Ecologia Humana, por sua vez, oferece ferramentas teóricas e metodológicas para analisar como essas sensações são estruturadas e como moldam a forma como os seres humanos percebem, interagem e se adaptam ao ambiente ao longo do tempo. A abordagem da AI é enriquecida pela sua busca incessante por arquétipos e padrões centrais presentes nas diversas culturas humanas. Essa busca se alinha com o princípio da Ecologia Humana, que também se dedica a identificar padrões recorrentes de comportamento, adaptação e relação com o ambiente.

Além disso, a trajetória antropológica de Durand nos estimula a refletir sobre a relação entre o imaginário coletivo e o meio ambiente. Ao estudar os mitos e símbolos presentes nas sociedades humanas, o antropólogo francês demonstra como eles são frequentemente reflexos dos cenários naturais e dos desafios enfrentados pelos grupos humanos em seu ambiente específico. Essa perspectiva simbólica também complementa a Ecologia Humana ao enfatizar a importância da cultura na construção de narrativas e estratégias adaptativas em resposta às mudanças ambientais. Em suma, a relação do trajeto antropológico de Gilbert Durand com as bases da Ecologia Humana é uma conexão enriquecedora que nos convida a mergulhar profundamente na complexa interação entre o ser humano e o meio ambiente. Suas abordagens convergentes nos permitem compreender melhor como a cultura e a natureza estão entrelaçadas e como a percepção humana do mundo é moldada por essa relação intrincada.

A partir dessa sinergia, somos instigados a buscar soluções mais harmoniosas para os desafios globais que enfrentamos em nosso planeta. Dessa forma, nosso estudo abre a discussão para pesquisas com foco nas dimensões míticas e simbólicas da espécie humana e suas relações ecológicas e socioculturais, compreendendo que não podemos entender o espírito ecológico contemporâneo sem procurar entender o homo symbolicus que habita em todos nós.

Referências

ARMSTRONG, Karen. **Breve história do mito**. São Paulo: Cia das letras, 2005.

BACHELARD, Gaston. **A formação do espírito científico**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

BEGOSSI, Alpina. Ecologia humana: um enfoque das relações homem-ambiente.

Interciência, [s. l.], v. 18, n. 3, p. 121-132, 1993. Disponível em:

[https://www.researchgate.net/profile/Alpina-](https://www.researchgate.net/profile/Alpina-Begossi/publication/11109051_Human_ecology_an_overview_of_man-environment_relationships/links/of31753cd39ac54b05000000/Human-ecology-an-overview-of-man-environment-relationships.pdf?_sg%5B0%5D=started_experiment_milestone&origin=journalDetail&_rtD=e30%3D)

[Begossi/publication/11109051_Human_ecology_an_overview_of_man-](https://www.researchgate.net/profile/Alpina-Begossi/publication/11109051_Human_ecology_an_overview_of_man-environment_relationships/links/of31753cd39ac54b05000000/Human-ecology-an-overview-of-man-environment-relationships.pdf?_sg%5B0%5D=started_experiment_milestone&origin=journalDetail&_rtD=e30%3D)

[environment_relationships/links/of31753cd39ac54b05000000/](https://www.researchgate.net/profile/Alpina-Begossi/publication/11109051_Human_ecology_an_overview_of_man-environment_relationships/links/of31753cd39ac54b05000000/Human-ecology-an-overview-of-man-environment-relationships.pdf?_sg%5B0%5D=started_experiment_milestone&origin=journalDetail&_rtD=e30%3D)

[Human-ecology-an-overview-of-man-environment-relationships.pdf?_sg%5B0%5D=started_experiment_milestone&origin=journalDetail&_rtD=e30%3D](https://www.researchgate.net/profile/Alpina-Begossi/publication/11109051_Human_ecology_an_overview_of_man-environment_relationships/links/of31753cd39ac54b05000000/Human-ecology-an-overview-of-man-environment-relationships.pdf?_sg%5B0%5D=started_experiment_milestone&origin=journalDetail&_rtD=e30%3D). Acesso em: 10 fev. 2023.

BOFF, Leonardo. **Sustentabilidade: o que é, o que não é**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2020.

BOMFIM, Luciano Sergio Ventin. **História e epistemologia da ecologia humana**. Salvador: Editora Mente Aberta, 2021.

BORNHEIM, Gerd. **Introdução ao filosofar**. [Rio de Janeiro]: Globo Livros, 1989.

CAVALCANTI, Carlos André; CAVALCANTI, Ana Paula. **O que é o imaginário? olhar biopsicossocial da obra transdisciplinar de Gilbert Durant**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2015.

CESÁRIO, M. Health. **Environment and development: human ecological framework**. João Pessoa: ideia/edufac, 2004.

DUARTE, Alisson Jose Oliveira. Ecologia da alma: a natureza na obra científica de Carl Gustav Jung. **Junguiana**, São Paulo, v. 35, n.1, p. 05-19, Jun. 2017.

DURAND, Gilbert. Sobre a exploração do imaginário, seu vocabulário, métodos e aplicações transdisciplinares: mito, análise e mitocrítica. **Revista da Faculdade de Educação**, [São Paulo], v. 11, n. 1-2, p. 244-256, 1985. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S0102-25551985000100015&script=sci_abstract&lng=pt. Acesso em: 21 de jan. 2023.

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arquetipologia geral**. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

DURAND, Gilbert. **A imaginação simbólica**. São Paulo: Cultrix; EDUSP, 1988.

DURAND, Gilbert. **O imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem**. Rio de Janeiro: Difel, 2010.

DURAND, Gilbert. **Campos do imaginário**. Lisboa: Instituto Piaget, 1998. ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.

GONÇALVES, Carlos Walter Porto. **Os (des) caminhos do meio ambiente**. 15. ed. São Paulo: Contexto, 2021.

HOUDAYER, Hélène. Pensar o universo natural a partir dos regimes da imagem. O pensamento de Gilbert Durand. **Revista Famecos**, Porto Alegre, v. 24, n. 3, ID27395, set./dez. 2017. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/4955/495553932006.pdf>. Acesso em: 14 de jan. 2023.

JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

LOVELOCK, James E.; MARGULIS, Lynn. Atmospheric homeostasis by and for the

biosphere: the Gaia hypothesis. **Tellus**, Boston, EUA, v. 26, n. 1-2, p. 2-10, 1974. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.3402/tellusa.v26i1-2.9731>. Acesso em: 13 fev. 2023.

MACHADO, Paulo de Almeida. **Ecologia humana**. São Paulo: Autores Associados, 1984.

MAFFESOLI, Michel. O imaginário é uma realidade. **Revista Famecos**, Porto Alegre, v. 1, n. 15, p. 74-82, ago. 2001. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/revistafamecos/article/view/3123>. Acesso em: 18 fev. 2023.

MAFFESOLI, Michel. **Elogio da razão sensível**. Petrópolis: Vozes, 1998

MARQUES, Juracy. **O coração da espécie humana**. Paulo Afonso: Sociedade Brasileira de Ecologia Humana – SABEH, 2022. 630 p.

MARQUES, Juracy. **Ecologia da alma**. Petrolina: Franciscana, 2012.

MARQUES, Juracy. **Ecologia do corpo**. Petrolina: SABEH, 2015.

MORAN, Emilio F. **Nós e a natureza: uma introdução às relações homem-ambiente**. São Paulo: SENAC, 2008.

NIZ, Pedro Alcides Robertt *et. al.* **Metodologia em ciências sociais hoje: perspectivas epistemológicas, reflexões teóricas e estratégias metodológicas**. [S. l.]: Paco e Littera, 2016. v. 1.

OLIVEIRA, Humberto (org.). **Morte e renascimento da ancestralidade indígena na alma: psicologia junguiana e inconsciente cultural**. Petrópolis: Vozes, 2020.

SOUZA, Angela Fagna Gomes de. **Ser, estar, permanecer: vínculos territoriais das gentes que povoam as margens e ilhas do rio São Francisco**. 2013. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/15973>. Acesso em: 25 fev. 2023.

PITTA, Danielle Perin Rocha; DURAN, Gilbert. **Iniciação à teoria do imaginário de Gilbert Durand**. [S. l.]: Atlântica, 2005.

TAPIA, Juan. **O prazer de ser: A essência da ecologia humana**. São Paulo: Gente, 1993.

WEBER, Max. **Economie et société**. Tradução Jacques Chavy *et al.* Paris: Plon, 1971.

CAPÍTULO 2

TELEJORNALISMO E TRANSPOSIÇÃO DO RIO SÃO FRANCISCO: UMA MITOCRÍTICA SÓCIOAMBIENTAL

Zulenilton Sobreira Leal

Juracy Marques dos Santos

Geam Karlo Gomes

Artigo publicado no Boletim de Conjuntura (BOCA)

<http://dx.doi.org/10.5965/19847246252024e0502> (Qualis A1).

O Boletim de Conjuntura (BOCA) publica ensaios, artigos de revisão, artigos teóricos e empíricos, resenhas e vídeos relacionados às temáticas de políticas públicas.

O periódico tem como escopo a publicação de trabalhos inéditos e originais, nacionais ou internacionais que versem sobre Políticas Públicas, resultantes de pesquisas científicas e reflexões teóricas e empíricas.

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratização mundial do conhecimento.



BOLETIM DE CONJUNTURA

BOCA

Ano VI | Volume 18 | Nº 53 | Boa Vista | 2024

<http://www.ioles.com.br/boca>

ISSN: 2675-1488

<https://doi.org/10.5281/zenodo.11376031>



TELEJORNALISMO E TRANSPOSIÇÃO DO RIO SÃO FRANCISCO: UMA MITOCRÍTICA SOCIOAMBIENTAL

Zulenilton Sobreira Leal¹

Juracy Marques dos Santos²

Geam Karlo Gomes³

Resumo

Ao longo dos anos, o telejornalismo tem desempenhado um papel significativo na formação de opiniões sobre políticas de conservação ambiental. Além de fornecer informações de utilidade pública, o telejornal também incorpora elementos simbólicos que moldam nossos valores e crenças. Desta forma, este estudo tem como objetivo compreender como esse produto midiático é atravessado por mitos e símbolos e como estes refletem nossas práticas socioambientais. O estudo, de cunho qualitativo, descritivo e documental, analisa duas reportagens televisivas sobre a transposição das águas do rio São Francisco, uma de 2007 e outra de 2017. O método de abordagem foi o indutivo, envolvendo a formulação de conclusões gerais com base em observações específicas. Como procedimento técnico, realizamos uma transcrição dos textos das reportagens e, em seguida, através da Mitocrítica, metodologia desenvolvida nos estudos da Antropologia do Imaginário, interpretamos e identificamos os Mitemas, Mitologemas e a Narrativa Canônica presentes na forma como as notícias são produzidas. Como resultado do estudo, revelamos a influência do mito grego de Prometeu, além do mito indígena de Sumé e do mito Iorubá de Exu nas pautas sobre as questões que envolvem a interação humano-natureza, ilustrando a complexidade das abordagens relacionadas ao progresso e à conservação ambiental. Dessa forma, este estudo interdisciplinar chega a conclusão que as complexas interações entre sociedade e natureza podem fornecer reflexões sobre o papel da cultura e dos símbolos na promoção de ações ecológicas.

Palavras-chave: Antropologia do Imaginário; Práticas Socioambientais; Telejornalismo; Transposição.

Abstract

Over the years, television journalism has played a significant role in shaping opinions on environmental conservation policies. In addition to providing information of public interest, television news also incorporates symbolic elements that shape our values and beliefs. Thus, this article aims to understand how this media product is influenced by myths and symbols and how these reflect our socio-environmental practices. The study, qualitative, descriptive, and documentary in nature, analyzes two television reports on the diversion of the São Francisco River's waters, one from 2007 and another from 2017. The approach method was inductive, involving the formulation of general conclusions based on specific observations. As a technical procedure, we transcribed the texts of the reports and then, through Mythocriticism, a methodology developed in the studies of the Anthropology of the Imaginary, we interpreted and identified the Mythemes, Mythologems, and the Canonical Narrative present in the way the news is produced. As a result of the study, we reveal the influence of the Greek myth of Prometheus, the indigenous myth of Sumé, and the Yoruba myth of Exu in the themes concerning human-nature interaction, illustrating the complexity of approaches related to progress and environmental conservation. In this way, this interdisciplinary study concludes that the complex interactions between society and nature can provide reflections on the role of culture and symbols in promoting ecological actions.

Keywords: Anthropology of the Imaginary; Socioenvironmental Practices; Television Journalism; Transposition.

¹ Professor da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Doutorando em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). E-mail: niltonredacao@gmail.com

² Professor da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Doutor em Cultura e Sociedade pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). E-mail: juracymarquespshy@gmail.com

³ Professor da Universidade de Pernambuco (UPE). Doutor em Literatura e Interculturalidade pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). E-mail: geam.k@upe.br



INTRODUÇÃO

O telejornalismo, enquanto produto cultural, tem evoluído ao longo dos anos para além de simplesmente ser um espaço de produção de informações. Este produto midiático se tornou um ambiente de construção de significados, incorporando técnicas de edição, produção e apresentação de reportagens, mas também se destacando como uma arena de trocas simbólicas em que as narrativas são entrelaçadas com imagens universais carregadas de simbolismo.

Dentro desse contexto, o telejornal desempenha um papel vital e reflete as opiniões e percepções do público em relação a questões socioambientais. Um exemplo concreto dessa relação é a cobertura da transposição das águas do rio São Francisco. Ao apresentar múltiplos aspectos e perspectivas sobre esse fato, seja expondo argumentos favoráveis ou contrários, o telejornalismo não apenas informou, mas também despertou a sensibilidade e engajou a audiência na importância dos debates socioambientais. No entanto, é crucial reconhecer que, por estar intrinsecamente ligado a estruturas socioeconômicas, as narrativas veiculadas por esse meio de comunicação podem tanto promover imagens de cuidado e conservação ambiental quanto reforçar visões antropocêntricas associadas ao consumo excessivo, as quais minimizam a importância dos ecossistemas e a urgência de um maior cuidado com o planeta.

Portanto, nosso objetivo é realizar uma análise da narrativa presente em duas reportagens veiculadas no telejornal, abordando o tema da transposição das águas do rio São Francisco, veiculadas nos anos de 2007 e 2017, compreendendo como o telejornalismo é atravessado por mitos e símbolos que refletem nossas práticas socioambientais.

O *corpus de análise* é composto por duas reportagens. A primeira é da TV Grande Rio, afiliada à Globo em Petrolina - PE localizada no Sertão Nordeste e banhada pelas águas do rio São Francisco <<https://www.youtube.com/@informariosaofrancisco433>>. A segunda é do Jornal Nacional, da Rede Globo de Televisão, com sede no Rio de Janeiro – RJ <<https://www.youtube.com/watch?v=9orIe5kMtR8>>. A primeira reportagem foi transmitida regionalmente, enquanto a segunda teve um alcance nacional. Todo o material está disponível na plataforma YouTube, o que nos proporciona investigar as representações, os mitos ambientais e as percepções culturais das comunidades, tanto na região do Semiárido, onde o rio é parte integrante do cenário, quanto na cidade de Monteiro, no Cariri Paraibano, que



BOLETIM DE CONJUNTURA

recebeu as águas da transposição, resultando no desvio do curso natural. Para validar nossas 2premissas, seguimos o método indutivo, que parte de observações específicas para alcançar conclusões gerais. Como técnica de análise utilizamos a Mitocritica, metodologia da Antropologia do Imaginário que identifica os mitos em narrativas culturais. Nossa pesquisa também é qualitativa, focando na interpretação dos fenômenos sociais, a exemplo dos mitos e símbolos presentes no telejornal, identificando os significados e os contextos dos eventos. Ao analisar a atmosfera estética, os sentimentos e as emoções compartilhadas, temos uma compreensão mais rica do fenômeno.

A pesquisa também é descritiva, bibliográfica e documental, uma vez que nossas fontes de informação consistem em analisar textos e imagens produzidos por jornalistas e veiculados pelos telejornais da TV Grande Rio, em Petrolina, Pernambuco, e no Jornal Nacional da Rede Globo de Televisão, no Rio de Janeiro, entre os anos de 2007 e 2017.

Para coleta e análise de dados, foi realizada uma transcrição das reportagens com um recorte temporal de dez anos, a finalidade foi perceber possíveis mudanças na forma de abordar o mesmo tema durante esse período. Ambas as produções também estão inseridas em contextos políticos e socioculturais nos quais apresentam tanto greve de fome e protestos contra a transposição, quanto parte da obra sendo concluída e entregue à população.

No que se refere ao território do código, analisamos matérias jornalísticas onde os signos são organizados para fornecer informações úteis ao público. A gramática do telejornalismo é informativa e de utilidade pública, transmitindo informações recentes sobre o projeto de governo e a greve de fome do Bispo. Contudo, a segunda reportagem destaca enquadramentos e entrevistas de moradores que falam das mudanças positivas trazidas pela transposição das águas.

Considerando o território do meio e os modos de produção, todos os documentos selecionados são audiovisuais (reportagens jornalísticas) exibidos pela TV Grande Rio, afiliada da Globo em Petrolina/PE, e pelo Jornal Nacional da Rede Globo de televisão, com sede no Rio de Janeiro. As produções seguem a lógica do telejornal e têm duração variando entre 1min30 e 2min. Ambas são gravadas durante o dia, em ambientes abertos e com muita luminosidade, destacando as águas do Velho Chico.

No contexto comunicacional da mensagem, as reportagens abordam os protestos contra a transposição do Velho Chico na região do submédio São Francisco, ocorridos de outubro a dezembro de 2007, culminando na greve de fome do Bispo Luís Flávio Cáppio. Em outro contexto, dez anos depois, a segunda reportagem, veiculada em 2017, retrata a alegria



BOLETIM DE CONJUNTURA

da população paraibana com a promessa da transposição sendo cumprida e a água chegando ao Cariri Paraibano. As reportagens chamam a atenção, uma pelo alcance social do protesto, gerando grande repercussão na região do Vale do São Francisco, e a outra pela celebração da chegada da água ao Cariri Paraibano, primeira região fora do percurso natural do rio a receber as águas do rio.

Em relação ao percurso metodológico da Mitocrítica, nossa abordagem seguiu os seguintes passos: para identificar os Mitemas, realizamos leituras e análises detalhadas das reportagens, considerando não apenas o texto, mas também outros elementos como imagens, cenários e enquadramentos jornalísticos. Em seguida, estabelecemos um quadro onde o foco foi identificar as redundâncias de significados e ideias repetitivas presentes tanto na narrativa quanto nas imagens. Para identificar o Mitologema, traçamos um paralelo com as ideias e situações encontradas nos mitemas. Ao analisar e interpretar esses temas, identificamos um núcleo mítico, um tema universal ligando a narrativa do telejornal a outras histórias com o mesmo teor simbólico presentes em produtos culturais, a exemplo da literatura.

Para encontrar a Narrativa Canônica, buscamos compreender qual o tema ou história se fixou no contexto sociocultural e histórico da região e, por fim, também estabelecemos pontes entre as narrativas do telejornal com obras literárias, a exemplos das mitologias Indígenas, Gregas e Iorubás identificando nessas narrativas uma estrutura simbólica atemporal na forma como o ser humano produz sentidos sobre temas socioambientais.

Após esta introdução, nosso estudo segue a seguinte estrutura: primeiro, apresentamos a Antropologia do Imaginário, discutindo suas estruturas e regimes de imagens. Em seguida, estabelecemos um diálogo entre a Ecologia Humana e o telejornal, destacando os aspectos culturais na construção da narrativa. Posteriormente, analisamos o telejornal como uma Tecnologia do Imaginário. Depois, explicamos nossa metodologia, introduzindo a Mitocrítica para analisar as representações simbólicas. Por fim, investigamos os mitos e símbolos nas narrativas jornalísticas, e sua influência no debate sobre políticas socioambientais.

A ANTROPOLOGIA DO IMAGINÁRIO

Diante desse pensamento, é essencial buscar um equilíbrio que permita integrar matéria e espírito, entendendo o espírito como a energia que anima e dá vida ao concreto. Essa integração é crucial para uma compreensão mais profunda do imaginário humano.



BOLETIM DE CONJUNTURA

A psicanálise, representada principalmente por Freud (2014) ao romper com a ideia de que as doenças eram exclusivamente físicas e introduzir a importância da mente e do inconsciente, contribuiu significativamente para essa discussão. Freud reconheceu que a mente desempenha um papel fundamental na saúde e no bem-estar, e sua análise dos sonhos e da imaginação como fontes de reflexões e tratamento para doenças mentais foi revolucionária.

Hartman (1950) discute que o interesse de Freud pelas questões da mente e sua conexão com o desenvolvimento da psiquê humana começaram já no final do século dezenove com um estudo sobre o ego. Nessa época, antes mesmo de sua mudança de foco da teoria fisiológica para a psicanálise, Freud já estava explorando a inter-relação entre corpo e mente. Essa abordagem integral reconhece que a mente não pode ser dissociada do funcionamento físico e emocional do indivíduo.

Assim, Freud contribuiu para pesquisas que mais tarde resultariam em investigações mais complexas sobre como as imagens mentais são elementos constitutivos da espécie humana, estabelecendo as bases para estudos mais profundos sobre a natureza da psique e da experiência humana.

Nesse contexto, pesquisadores contemporâneos, como Pitta *et al.* (2023) mergulharam nas profundezas do imaginário revelando que o pensamento mítico/simbólico é uma capacidade intrínseca a nossa espécie, e se manifesta antes mesmo do desenvolvimento da linguagem e da razão discursiva. Essa constatação reforça a importância de reconhecer os mitos, produtos da imaginação, como portadores de um conhecimento ancestral, vivo e dinâmico, que molda nossa compreensão do mundo e influencia a produção de subjetividades. Assim, os estudos da Antropologia do Imaginário propõem uma atitude emancipatória na produção do conhecimento, admitindo que símbolos e mitos, fontes da imaginação, não são criações irresponsáveis da psique, mas sim respostas à necessidade de revelar as mais secretas modalidades do ser.

Um exemplo relevante dessa emancipação da ciência positivista está presente nos estudos que conectam as religiões de matriz africana, como a Umbanda, com a Educação Ambiental (DAVID, 2022). Essa intersecção oferece uma visão única, combinando saberes ancestrais com questões contemporâneas sobre o meio ambiente e a sustentabilidade. Ao reconhecer a importância desses saberes ancestrais e míticos na construção de uma consciência socioambiental podemos promover uma abordagem inclusiva na busca por soluções para os desafios ambientais enfrentados pela sociedade.



BOLETIM DE CONJUNTURA

Essa perspectiva é reforçada por Durand (2012), ao demonstrar como os estudos dos arquétipos propostos por Carl Gustav Jung (2000), psicanalista suíço cujo trabalho influenciou profundamente a psicologia analítica e estudos culturais, revelam correlações entre as maneiras de agir e pensar do ser humano em diferentes épocas e lugares do mundo.

Ao analisar esses arquétipos em relação às práticas socioambientais, podemos identificar correspondências que enriquecem nossa compreensão das interações humanas com o meio ambiente em diversas culturas. Por exemplo, o arquétipo do herói pode ser reconhecido em ativistas ambientais que se dedicam a proteger ecossistemas vulneráveis ou a combater a poluição. Eles enfrentam desafios e adversidades em nome da causa ambiental, personificando a coragem e a determinação características deste arquétipo.

Já o arquétipo da Sombra (JUNG, 2000) pode ser visto nos padrões de consumo excessivo e na exploração irresponsável dos recursos naturais. Esta sombra representa os aspectos não reconhecidos ou reprimidos da psique individual e coletiva, refletindo-se em comportamentos destrutivos em relação ao meio ambiente.

Dentro desse contexto, Pavón (2019) destaca a distinção entre imaginação e imaginário como crucial para uma compreensão mais profunda desta área. Ele define a imaginação como uma qualidade individual, uma capacidade criativa pessoal para conceber ideias e imagens. Por outro lado, o imaginário é compreendido como uma faculdade criativa mais ampla e poderosa, inerente ao ser humano, que permite a simbolização e abrange todas as representações humanas (PITTA, 2023).

Essa distinção tem implicações significativas em áreas como educação e cultura. Ao considerar o imaginário como uma faculdade humana fundamental, os estudos da Antropologia do Imaginário (AI) oferecem elementos valiosos para a promoção de uma educação mais ampla e culturalmente sensível (VYGOTSKY, 2008). Além disso, a compreensão do papel do imaginário na formação de símbolos e significados pode enriquecer a análise de práticas culturais e suas interações com a sociedade e o meio ambiente.

Diante do texto acima a um reforço em compreender o imaginário para além do que um simples conjunto de imagens.

A existência de um imaginário determina a existência de conjuntos de imagens. A imagem não é o suporte, mas o resultado. Nesse aspecto, refiro-me a todo tipo de imagens: cinematográficas, pictóricas, esculturais, tecnológicas. Há um imaginário parisiense que gera uma forma particular de pensar a arquitetura, os jardins públicos, a decoração das casas, a arrumação dos restaurantes, etc. O imaginário de Paris faz Paris ser o que é. Isso é uma construção histórica, mas também o resultado de uma atmosfera e, por isso mesmo, uma aura que continua a produzir novas imagens. (MAFFESOLI, 2001, p. 76).



BOLETIM DE CONJUNTURA

Como observado na citação acima, o imaginário de um lugar não se limita apenas à sua estética visual, mas permeia todas as esferas da vida social, moldando a maneira como as pessoas pensam, interagem e se comportam em seu ambiente. Num contexto contemporâneo as pesquisas na área do imaginário, confirmam a profunda influência que conjuntos de imagens e representações exercem sobre a sociedade influenciando em questões identitárias e políticas. No livro *Les mythes fondateurs de la franc-maçonnerie* (DURAND; MAFFESOLI, 2024), podemos perceber como os mitos funcionam como narrativas estruturantes que oferecem sentido e coesão aos membros de uma fraternidade, além de refletirem valores e princípios essenciais à uma instituição.

Mas, como compreender esse processo de criação? O processo simbólico não está apenas no nível da subjetividade humana; ele faz parte de um processo biológico e cultural. Em suas pesquisas, Durand (2012) explorou os componentes fundamentais do psiquismo humano, buscando as estruturas profundas arquetípicas que ancoram as representações simbólicas e o pensamento. O objetivo sempre foi compreender o homem como um produtor de imagens, com a premissa de que é possível identificar geneticamente, em cada indivíduo, vários níveis matriciais na psique nos quais se formam os elementos simbolizantes. Esses elementos representam as forças coesivas que influenciam as atitudes psicofisiológicas, nas quais os padrões símbolo-culturais se originam, ganham destaque, diminuem ou são suprimidos em uma sociedade específica.

Assim, o primeiro conceito para entender o processo da imaginação na Antropologia do Imaginário, é o *schème*, espaço entre o biológico e o cultural. Os *schèmes* fazem parte do aparelho psíquico e biológico dos seres humanos que, ao escolher, combinar e ordenar, dão sentidos às imagens que temos das coisas. Ou seja, na AI, o processo da imaginação é um contrato entre o psiquismo e o aparelho biológico para agir no meio em que vive, porque a produção das imagens começa neurobiologicamente para se manifestar na cultura e vice-versa (CAVALCANTI, 2015).

Durand (2012) elege três gestos que ele chamou de dominantes na formação do imaginário: o postural (verticalidade), o digestivo (descida) e o copulativo (ritmo), que estão relacionados com as representações simbólicas que fazemos do mundo. De acordo com esses estudos, no esquema postural vão surgir as imagens de divisão e combate, paraíso e inferno. Já as imagens da noite, de um colo, de algo oco em seu interior, geram ideias de assimilação e inclusão e vão se encaixar no *schème* da deglutição. A roda e o vórtice conclamam a uma



BOLETIM DE CONJUNTURA

atividade, um processo mental que exige o *schème* da copulação.

Essas imagens são resultado da interação entre fatores biológicos e impulsos, formando os arquétipos que são padrões universais, suscetíveis a influências conforme contextos sociais, ambientais e culturais. Sendo assim, para Durand (2012) os arquétipos têm raízes em aspectos biológicos e instintivos, não sendo construções culturais, subjetivas, mas também influenciados por fatores orgânicos. Pavón (2019), ao revisitar a obra de Gilbert Durand, também destaca a importância dos símbolos na formação do imaginário humano, representando expressões tangíveis dos arquétipos. Esses símbolos seriam moldados tanto pelo ambiente físico, como clima e vegetação, quanto pelo contexto social, incluindo tecnologia e estrutura familiar.

Pressupomos então que a união entre a teoria dos arquétipos de Jung, enriquecida por Durand, e as questões socioambientais destaca como os padrões simbólicos e culturais influenciam nossas percepções e interações com o mundo.

Para ilustrar esse aspecto do símbolo, tomamos como exemplos Aquiles, uma figura mitológica na Grécia, e Antônio Conselheiro, uma figura histórica no sertão nordestino. Enquanto a existência histórica de Aquiles é incerta, o impacto transformador de sua narrativa é inegável. Da mesma forma, Antônio Conselheiro, uma figura real, também simboliza uma força transformadora em seu contexto histórico. As representações concretas dessas figuras são moldadas por contextos culturais e ambientais distintos, sendo os *schèmes* de verticalidade, enraizados em nossa biologia e psique, também importantes neste processo. Por exemplo, o *schème* da verticalidade, mencionado anteriormente, tem raízes biológicas em nossa percepção do espaço físico, como a noção de subir ou descer, ao mesmo tempo em que é influenciado e moldado por fatores culturais, como ideias de poder, sucesso ou superação. Essa interação entre o biológico e o sociocultural é fundamental na construção do imaginário humano.

Dentro deste contexto, as jornadas e os impactos de Aquiles e Antônio Conselheiro em suas respectivas comunidades refletem realidades singulares, contudo ambos se convertem em símbolos de luta, coragem e resistência, emergindo como expressões coletivas de valores e crenças de um povo. Quando narrados, desempenham um papel crucial na elaboração e transmissão de conhecimentos e significados compartilhados, contribuindo para a construção de identidades culturais.

Nas pesquisas da AI (DURAND, 2012), existem dois fundamentos essenciais, dois domínios nos quais as imagens são geradas: o regime diurno, associado à posição, armas,



BOLETIM DE CONJUNTURA

combate, elevação e purificação, e o regime noturno, relacionado à nutrição, feminino, ciclo, conciliação, união e eufemismo. Enquanto o regime diurno envolve oposições, separações e divisões, o noturno trata de conciliações, unificações e complementações. Nesse contexto, as narrativas míticas atuam como sínteses de situações comuns em nossas relações humanas, transcendentalmente ligadas a espaço e tempo. Conforme estes estudos, temos imagens que predominam em um regime diurno e outras que parecem pertencer a um regime noturno. Em outras palavras, percebemos o mundo através de um filtro mítico que pode variar ao longo de diferentes fases de nossas vidas.

Para ilustrar essa dualidade, vejamos o elemento água. Durante o regime diurno, a água pode ser personificada pelo brilho radiante do sol refletido em uma superfície calma, evocando sentimentos de serenidade e clareza. Por outro lado, no regime noturno, essa mesma água assume uma aura de mistério, manifestando-se através de sombras enigmáticas na superfície de um lago escuro, sugerindo uma profundidade inexplorada e um mundo submerso de segredos. Essa variação de representações destaca como percebemos o mundo através de filtros míticos, que se transformam ao longo das diferentes fases de nossas vidas. Essa reflexão é enriquecida pelas ideias de Bachelard (2009) sobre a relação entre os elementos da natureza e a imaginação humana, oferecendo reflexões valiosas sobre como os elementos naturais influenciam nossa percepção e interpretação do mundo ao nosso redor.

A ECOLOGIA HUMANA NOS TELEJORNAIS

No contexto contemporâneo, a compreensão da relação entre os seres humanos e o meio ambiente transcende as fronteiras disciplinares, exigindo uma abordagem interdisciplinar que integre o social, o simbólico, o cultural e o natural. A Ecologia Humana – EH, como campo de estudo, foi sistematizada por Robert Park, Ernest Burgess, Donald Pierson, entre outros, na Escola de Chicago, nos Estados Unidos, nas primeiras décadas do século XX, em meio à crescente preocupação com a degradação ambiental e a necessidade de se compreender as interações complexas entre seres humanos e a natureza. Na base desses estudos, está a noção de que é preciso um maior diálogo com outras áreas do conhecimento, além das Ciências Naturais

Como ressalta Marques (2023), a Ecologia Humana oferece uma perspectiva ampla, destacando a interconexão entre esses elementos e a influência mútua que exercem. Nesse sentido, as ações humanas e a cultura desempenham papéis fundamentais na configuração e



na conservação do ambiente. Essa perspectiva interdisciplinar é essencial também na gestão socioambiental, como apontam Rek e Marini (2019). Eles argumentam que o gerenciamento eficaz dos recursos naturais e dos impactos sociais requer a coordenação de diferentes partes interessadas, incluindo comunidades locais, empresas e órgãos governamentais. A colaboração entre esses atores é crucial para a tomada de decisões que levem em consideração tanto os aspectos sociais e culturais quanto os econômicos e sociais, promovendo o desenvolvimento sustentável (DUNK, 1994).

Gonçalves (2021) também estimula essa visão, ressaltando a importância de uma perspectiva mais holística para as questões socioambientais. Ainda, segundo Gonçalves (2021, p. 22), “a problemática ecológica não se limita apenas ao aspecto ambiental; ela envolve valores, levantando questões filosóficas e políticas”. Nesse contexto a compreensão simbólica dos elementos naturais, como explorada por Dardel (2011), desempenha um papel fundamental. Isso nos faz repensar o que é a natureza e, com isso, mudar a forma como nos relacionamos com os outros seres vivos, o meio ambiente e até entre nós mesmos.

Todo esse entendimento pode ser ilustrado com a capacidade ancestral de povos tradicionais em atribuir significados profundos e transcendentais aos elementos da natureza. Para qual a concepção de natureza encontrada nestes povos não é meramente uma definição abstrata, mas sim uma representação de uma experiência viva e simbólica, que abarca muito mais do que apenas seu aspecto físico e utilitário.

O Físico Marcelo Gleiser (2024), no seu livro *O Despertar do universo consciente: um manifesto para o futuro da humanidade*, faz uma ponte com estas discussões e tece críticas ao modelo atual de civilização, que se apoia nos ideais modernos e filosofia iluminista. Gleiser nos alerta para a necessidade urgente de um novo paradigma em relação ao lugar que ocupamos na Terra, e reconhece a necessidade urgente de espaços de debates mais engajados na mediação dos problemas socioambientais que atingem nosso tempo.

Assim, o telejornal emerge como um espaço destas relações entre as ações da humanidade e o ambiente, destacando a importância desse produto midiático em produzir sentidos sobre a interdependência de nossas vidas com toda a natureza. Como forma de deixar essa relação mais clara, pode-se apresentar alguns exemplos de como os preceitos da Ecologia Humana, estão relacionados com a prática jornalística.

Ao destacar no telejornal uma reportagem sobre desastres naturais, existe neste produto midiático uma ilustração de como esses eventos afetam a cadeia alimentar e social,



BOLETIM DE CONJUNTURA

impactando empregos, economias e comunidades. Outras reportagens exibem a resposta de populações a desafios, como mudanças climáticas ou crises econômicas, e revelam como os seres humanos se adaptam e demonstram resiliência em face de mudanças ambientais. Além disso, existem as notícias que investigam as repercussões globais de eventos locais, como conflitos ou pandemias, e como tais ações podem ecoar em escala mundial.

Denúncias sobre a exploração de recursos naturais, mudanças climáticas e poluição, também costumam revelar o impacto direto das ações humanas nos ecossistemas, compreendendo que nós somos parte integrante dessa natureza. Todas essas narrativas ressaltam essa relação intrínseca, destacando a necessidade de manter a harmonia entre nossas ações e toda a socio biodiversidade.

A Ecologia Humana também aparece de forma crítica no telejornal quando o telejornalismo explora conflitos ambientais sem apresentar de maneira equilibrada diferentes perspectivas e soluções. Com isso, os telejornais podem contribuir para um imaginário de confronto e competição, favorecendo a ideia de que a lógica do sistema capitalista é a única saída para resolver todos os problemas. Essa tendência torna-se evidente quando os jornalistas omitem de suas pautas as comunidades tradicionais, deixando de abordar soluções sustentáveis e iniciativas positivas de convivência com os diversos ecossistemas.

Tal omissão pode resultar em uma visão pessimista, sugerindo que a única maneira de enfrentar os desafios ambientais é por meio de medidas autoritárias. Reconhecer a importância do olhar da Ecologia Humana e da gestão socioambiental nessas discussões é essencial para construir um jornalismo mais democrático e inclusivo.

O TELEJORNAL COMO UMA TECNOLOGIA DO IMAGINÁRIO

Ao assistir aos telejornais diários, seja pela TV ou plataformas digitais, somos imersos em um incessante fluxo de informações, frequentemente apresentadas de maneira dramática e sensacionalista. Compreendemos que a seleção do que será transmitido e como será apresentado é uma escolha dos produtores e editores que cuidadosamente selecionam os eventos que julgam relevantes para o público (LINS *et al.*, 2020). Contudo, é crucial reconhecer que essa seleção não ocorre em um vácuo, mas, sim, é permeada inevitavelmente por emoções, crenças, afetos, interesses individuais e técnicas.



BOLETIM DE CONJUNTURA

O mundo é observado, organizado, a partir de uma perspectiva condicionada tanto pela organização em que os jornalistas trabalham quanto por suas características pessoais ou pelo espaço em que se movem. Os enquadramentos são revelados assim, como esquemas de interpretação de jornalistas em organizações e sociedades específicas (SÁDABA, 2001, p. 172).

Compreende-se que essa influência subjetiva e estética pode moldar profundamente as representações e interpretações da realidade, não de forma determinante, mas num processo dialético para qual o telespectador também produz sentidos. Desta forma, o telejornal é um espaço de trocas simbólicas, podendo ser considerado uma tecnologia do imaginário, (SILVA, 2012), isso se dá pelo fato do telejornal ser capaz de criar uma realidade mediada.

Ao consumir notícias pela televisão, somos transportados para um universo em que os fatos são filtrados e interpretados de acordo com a perspectiva daqueles que estão por trás da produção de notícias (BECHER, 2022). Isso inclui o uso de imagens, edição de vídeo e enquadramentos que moldam a nossa percepção dos eventos, mas também carregam a carga das emoções, crenças e culturas.

É importante observar que a representação gerada por essas ferramentas midiáticas frequentemente não reflete a complexidade e diversidade do mundo real. Em vez disso, muitas vezes apresenta uma versão simplificada e polarizada da realidade. Um exemplo desse cenário é a forma como a transposição das águas do rio São Francisco foi e é abordada na maioria dos telejornais. Muitos dos noticiários televisivos reforçam simbolicamente a ideia de que a transposição resolverá a falta d'água no semiárido brasileiro, promovendo desenvolvimento e estabilidade.

No entanto, essa narrativa não considera adequadamente a complexidade socioambiental envolvida nessas questões. Essa representação pode ser atribuída a um dos principais desafios enfrentados pelo telejornalismo: a necessidade de garantir audiência e atrair anunciantes para manter sua sustentabilidade financeira.

Conforme Silva (2012), os meios de comunicação são frequentemente utilizados pelos poderosos como ferramentas de controle social. Contudo, apesar do avanço das novas tecnologias, ainda existem oportunidades para escapar desse controle. O pesquisador aponta que em sociedades democráticas, apesar do aumento da vigilância, como a presença de câmeras por toda parte, ainda há espaço para a diversidade de perspectivas, diante disso, o autor sugere que os meios de comunicação são tecnologias que não só moldam nosso raciocínio lógico, mas também influenciam nossas emoções, sonhos e fantasias. É crucial reconhecer que o conteúdo televisivo não reflete uma visão neutra da realidade constituindo-



BOLETIM DE CONJUNTURA

se assim em uma construção social da realidade (BERGER; LUCKMANN, 2012). Isso significa que a forma como os indivíduos percebem e compreendem o social é influenciada pelas normas, valores, crenças e estruturas sociais presentes nos contextos socioculturais em que estão inseridos. Em outras palavras, a sociedade exerce uma influência significativa na maneira como as pessoas interpretam e dão sentido ao mundo ao seu redor. Ao mesmo tempo, os próprios indivíduos contribuem para moldar essa sociedade por meio de suas ações, interações e participação nas instituições sociais.

METODOLOGIA

A Mitocrítica é uma perspectiva teórico metodológica desenvolvida nos estudos da Antropologia do Imaginário. Seu propósito é identificar os mitos latentes em produções culturais e explorar suas interações com os contextos socioculturais em diversas épocas e momentos históricos (DURAND, 2012). Esta abordagem de pesquisa não apenas busca atribuir valor histórico e ideológico às narrativas míticas, mas concentra-se primordialmente na mensagem simbólica que elas transmitem, relacionando-se à trajetória da humanidade e aos modelos de ação frente a eventos específicos. A escolha por essa metodologia em vez de outras decorre de sua afinidade com as ciências do texto e sua aptidão para analisar produtos midiáticos, apresentando-se também como uma abordagem eficaz para encontrar os mitos, símbolos arquetípicos, em manifestações culturais de uma determinada sociedade.

Nesses estudos, o mito é compreendido como um elemento de coesão social, responsável por construir realidades dentro de um sistema de crenças e valores de uma cultura. Mircea Eliade (2004) argumenta que os mitos servem como modelos ou paradigmas para o mundo ao nosso alcance, proporcionando um meio pelo qual as pessoas podem se relacionar com o sagrado e compreender suas origens e significados existenciais, transcendendo a mera narrativa protagonizada por personagens lendários e seres sobrenaturais. Assim Adentramos o nosso itinerário de pesquisa da seguinte forma:

Quanto ao método de abordagem, nossa abordagem não é explicativa das narrativas midiáticas, no sentido de retirar destas suas incógnitas, porque a fenomenologia no ato de desvendar (buscar a verdade), há sempre algo que fica velado. Pretendemos descrever as formas simbólicas ou o modo de organização interna dessas narrativas (DURAND; MAFFESOLI, 2024). Para isso adotamos a hermenêutica simbólica, buscando entender como os mitos e símbolos aparecem no telejornalismo.



BOLETIM DE CONJUNTURA

Quanto ao método de procedimento, além do nível lógico, há o nível da especificidade metodológica, decorrente da teoria adotada. Nosso procedimento advém da hermenêutica simbólica (DURAND,2012), visto que é um método próprio ao estudo do imaginário, válido para qualquer mensagem que emana do ser humano, sejam elas mensagens míticas ou mensagens do *mass media*, como é o caso da nossa investigação.

Adicionalmente, utilizamos também o método indutivo conforme descrito por Bacon (2020), que envolve a formulação de conclusões gerais com base em observações específicas. Esse processo consiste na observação de padrões ou regularidades em dados específicos e na formulação de uma hipótese geral ou teoria que explique esses padrões. O método indutivo também testa a hipótese por meio de mais observações ou experimentos.

Tipologia da pesquisa

A pesquisa é do tipo qualitativa, focando na interpretação dos fenômenos sociais, a exemplo dos mitos e símbolos presentes no telejornal, buscando entender os significados e os contextos dos eventos analisados.

É descritiva porque visa identificar uma vivência coletiva: a do protesto de um religioso contra a transposição e, em outro momento, a celebração de parte da transposição sendo entregue à população. Desta forma, pretendemos entender a razão interna que move as pessoas diante dessas circunstâncias. Empenhamo-nos em descrever o sensível, ou o que foi sentido pelos jornalistas e entrevistados, tentando captar a atmosfera estética, os sentimentos e as emoções compartilhadas numa situação mundana.

É uma pesquisa documental e bibliográfica porque nossas fontes de informação são documentos, textos extraídos de reportagens exibidas nos telejornais, seja em nível local e nacional, num intervalo de dez anos sobre o tema transposição. Quanto ao levantamento dos dados, são imagens e textos jornalísticos transcritos de duas reportagens disponibilizados na plataforma Youtube.

Caracterização do objeto de pesquisa - O objeto de nossa investigação são duas reportagens veiculadas em telejornais, relacionadas à obra de transposição das águas do rio São Francisco e suas relações com símbolos e mitos ambientais. Para a coleta e análise dos dados, estabelecemos um recorte temporal de dez anos, possibilitando a observação de eventuais mudanças na abordagem do tema. É importante destacar que ambas as produções estão imersas em contextos políticos, históricos e socioculturais complexos, nos quais



BOLETIM DE CONJUNTURA

se evidenciam tanto manifestações, como greves de fome e protestos contrários à transposição, quanto a conclusão e entrega de partes da obra à população. Nessas reportagens, percebe-se uma marcante presença de elementos estéticos e simbólicos, os quais despertam o interesse de nossa investigação.

Sendo assim, os procedimentos foram divididos em duas partes, na primeira vamos definir o que são Mitemas, Mitogemas e Narrativa Canônica (DURAND, 2012), elementos essenciais nestas pesquisas para encontrar as dimensões míticas e simbólicas das narrativas dentro das manifestações e produtos culturais. No segundo momento vamos apresentar como esses conceitos são aplicados na busca por mitos socioambientais;

- 1) Mitemas são os pontos fortes, repetitivos da narrativa. De modo que o mitema é a menor unidade significante, isso não quer dizer os elementos importantes da sintaxe (verbo, adjetivo), mas as unidades redundantes, que podem ser desde uma partícula de ligação até um gesto inusitado. O que caracteriza o Mitema é a repetição do objeto.
- 2) Mitologema ou ampliação da narrativa - Neste estágio da análise, a Mitocrítica transcende o texto específico, ou seja, as reportagens em si. Essa etapa da investigação consiste em examinar outros exemplos de situações e fatos semelhantes em diferentes culturas e contextos históricos. O Mitologema é fundamental para evitar a limitação a uma única imagem do evento. No caso da transposição das águas do rio São Francisco, podemos ilustrar essa ideia com o seguinte exemplo: enquanto o mitema de coragem e sacrifício do religioso durante a greve de fome foi destacado nas reportagens analisadas, a ampliação dessa narrativa para além dos limites das reportagens revela outras histórias semelhantes de resistência e luta em prol de ideias valores e crenças, contribuindo para a construção de um mito mais abrangente e significativo em torno desse tema.
- 3) Narrativa Canônica – A narrativa canônica refere-se às histórias reconhecidas como verdadeiras dentro de um contexto específico. Desempenha um papel crucial na forma como as sociedades entendem e narram suas próprias histórias, permitindo que os elementos culturais se adaptem e permaneçam relevantes ao longo do tempo.

Na greve de fome do religioso, essa narrativa evoca o arquétipo do mártir que luta contra a injustiça, gerando um sentido de heroísmo e sacrifício em defesa dos direitos das comunidades afetadas. Por outro lado, a narrativa canônica da transposição sendo entregue à população é descrita como um evento redentor e festivo, semelhante a mitos fundacionais que transformam e revitalizam uma comunidade. Em suma, a narrativa canônica é uma adaptação moderna de histórias arquetípicas profundamente enraizadas na identidade cultural de um povo, refletindo suas experiências e valores ao longo do tempo. Vamos agora apresentar o procedimento usado para encontramos os mitos e símbolos nas narrativas do telejornal.

Para encontrar os Mitemas nas duas reportagens analisadas e uma nota coberta foi realizada uma leitura minuciosa e transcrição dos textos das reportagens. A análise partiu



BOLETIM DE CONJUNTURA

tanto do texto escrito quanto também das imagens presentes na produção estabelecendo um quadro de comparações onde o foco foi identificar as redundâncias de significados, seja nos ângulos das imagens, cenários e entrevistas, ou até mesmo na apresentação dos jornalistas que estão na bancada do noticiário, compreendendo que o mitema ou mitemas são temas e unidades simbólicas que aparecem e se repetem ao longo de toda a narrativa, conferindo-lhe uma estrutura significativa e coesa;

Para identificarmos o Mitologema, traçamos um paralelo com as ideias e situações encontradas nos mitemas. Ao analisar e interpretar esses temas identificamos uma ideia que pode ter um denominador comum com outras histórias. Ou seja, o Mitologema pode ser compreendido como um núcleo mítico que gera todo o tema central da narrativa, exemplo enquanto o mitema ou mitemas de coragem, sacrifício e determinação surgem nas reportagens analisadas, a ampliação desses temas revela a existência de núcleo mítico que vai dar origem a mitos e símbolos em diversas culturas.

Para identificar a Narrativa Canônica da transposição, primeiro encontramos os Mitemas e Mitologemas presentes. Em seguida, destacamos a narrativa reconhecida e aceita como verdadeira dentro do contexto específico. Essas narrativas podem incluir mitos fundacionais, contos populares, relatos históricos ou outras formas de expressão cultural considerada parte integrante da tradição de uma determinada cultura ou sociedade. Depois de compreender qual é a narrativa aceita como à verdade dos fatos por essas comunidades, traçamos um paralelo entre essas histórias e produções literárias de outras culturas, como as mitologias Indígenas, Gregas e Iorubás, isso nos permitiu identificar uma estrutura mítica antropológica na forma como são produzidos significados sobre temas socioambientais.

A MITOCRÍTICA COMO MÉTODO DE ANÁLISE E AS INTERAÇÕES COM EH

A Mitocrítica aliada as questões ambientais da Ecologia Humana - EH é um campo de estudo emergente que busca compreender a interseção entre a mitologia, crítica literária e questões socioambientais. Ao examinar livros e artigos disponíveis em bases de dados acadêmicas como Google Scholar entre outras, observamos uma escassez de pesquisas diretamente relacionadas a este tema específico Mitocrítica Socioambiental. Esta lacuna evidencia a necessidade de um estudo mais aprofundado e estruturado, visando explorar como



BOLETIM DE CONJUNTURA

narrativas míticas podem refletir e influenciar nossas percepções e interações com o meio ambiente. Heise (2016) argumenta que entender essas histórias e símbolos é indispensável para qualquer defesa eficaz em favor do meio ambiente. Mais do que isso, ela demonstra como a conservação da biodiversidade, mesmo e especialmente em suas dimensões científicas e legais, é moldada por suposições culturais sobre o que é valioso na natureza e o que não é. Essas suposições estão embutidas até mesmo em ferramentas aparentemente neutras, como bancos de dados.

Neste campo de estudo, Ursula Heise, (2019) Graham Harvey, (1997) Bron Taylor, (2010), Serenella Iovino e Serpil Oppermann, (2014) e David Abram (2012) têm contribuído significativamente para a interseção entre mitologia e ecologia, oferecendo reflexões para compreender como as simbologias têm impacto direto na nossa relação socioambiental. A pesquisa de Harvey (1997) sobre as culturas indígenas e pagãs enfatiza como essas comunidades integram mitos e práticas ecológicas em suas vidas cotidianas. Ele argumenta que os mitos não são apenas histórias antigas, mas sim narrativas vivas que moldam a interação das pessoas com o ambiente. Em suas publicações, Harvey discute como esses mitos promovem práticas sustentáveis e uma ética de cuidado com a Terra.

Compreendemos então, como mitos e narrativas culturais podem moldar atitudes e práticas ambientais, e como essas histórias podem ser reavaliadas e reinterpretadas à luz das atuais crises ecológicas. Fundamentando-se em um diálogo interdisciplinar, integrando conceitos e abordagens de diferentes campos do conhecimento, esta investigação pode preencher lacunas na literatura existente e contribuir para o desenvolvimento de uma nova perspectiva crítica sobre a relação entre mitologia e meio ambiente.

Diante deste quadro apresentado, a análise foi realizada pelo método da Mitocritica, cujo objetivo foi compreender como as dimensões simbólicas da espécie humana aparecem no telejornalismo e ajudam a produzir sentidos sobre as práticas socioambientais.

Como procedimento de análise, realizamos uma transcrição dos textos, a fim de facilitar a leitura, apresentando também os vídeos das reportagens disponibilizados pelos pesquisadores na plataforma digital YouTube.

Para interpretar, compreender e refleti esses mitos, realizou-se uma análise que começa pela identificação dos Mitemas – termo utilizado por Durand (2012), inspirado em Lévi-Strauss (1996). Os mitemas são elementos fundamentais que indicam a presença de um mito em uma sociedade ou narrativa específica. Buscou-se então descobrir o núcleo mítico, ou seja, uma narrativa fundamentadora que sempre está em evidência nos enquadramentos



BOLETIM DE CONJUNTURA

jornalísticos sobre a pauta da transposição do rio São Francisco. No primeiro momento, a análise investigou quais ou qual o mito que parece nortear a narrativa, identificando quais ressonâncias esse(s) mito(s) adquire(m) quando transposto(s) para o campo da reportagem.

Para implementar essa abordagem, adotamos um esquema composto por três passos: a) identificar elementos redundantes na reportagem, ou seja, temas e motivos que se repetem; assim como situações, personagens, enquadramentos e combinações de situações (elementos simbólicos) que são mais recorrentes na produção audiovisual. Esses temas seriam os mitemas - menores unidades significativas do mito; b) o segundo passo foi realizar uma convergência desses elementos simbólicos em função de seus sentidos e funções na narrativa. A convergência desses elementos leva à identificação de um Mitologema, que vai conduzir para um determinado mito; c) o terceiro passo foi identificar, no universo da produção televisiva, as correlações com os mitos fundadores de uma determinada época e cultura.

Ao explorar o papel dos mitos nessas ações, buscamos desvendar os elementos simbólicos presentes em reportagens, discursos políticos e demais formas de comunicação, reconhecendo que tais elementos desempenham um papel crucial na formação das crenças, valores e culturas. Em outras palavras, buscamos refletir sobre o impacto das narrativas em nossa relação com as práticas de conservação ambiental. Neste sentido, a Ecologia Humana surge como uma dimensão essencial, ao analisar como tais relatos se inserem no contexto cultural, contribuindo para uma compreensão mais profunda de nossa conexão com o meio ambiente.

Este estudo focou na análise de livros e sites da internet, tanto nacionais quanto internacionais, sobre a Mitocrítica Socioambiental. Contudo, apesar da vasta quantidade de informações disponíveis sobre ecologia, meio ambiente e mídia, não foi encontrada literatura específica que aborde de maneira abrangente ou detalhada o tema em questão. Para a condução desta revisão, foram selecionadas fontes diversas com o intuito de abarcar uma ampla gama de perspectivas e informações. No entanto, a escassez de material relevante evidenciou uma significativa lacuna no campo de estudo.

A lacuna de estudos sobre Mitocrítica Socioambiental reforça a necessidade e a relevância desta pesquisa. Ao explorar este tema específico, este estudo pretende preencher essa lacuna e contribuir para o avanço do conhecimento na área de estudos socioambientais e mítico-simbólicos.

APRESENTAÇÃO DO *CORPUS* ANALÍTICO-INVESTIGATIVO



BOLETIM DE CONJUNTURA

Para compor nosso estudo, escolhemos duas reportagens para serem analisadas. Ambas as produções apresentam, em suas narrativas, elementos simbólicos que nos ajudam a perceber como o imaginário sobre a transposição das águas do rio São Francisco opera mitos, símbolos e arquétipos.

Na primeira reportagem, veiculada em 2007, em uma das afiliadas da rede Globo de Televisão - TV Grande Rio, a narrativa aborda a greve de fome de um religioso que durou quase um mês se opondo a transposição. Frei Dom Luiz Flávio Cappio, da Diocese de Barra/BA, alegava na época que o rio São Francisco estava doente e o projeto da transposição o levaria a uma possível extinção. No período de 27/11/2007 a 19/12/2007, o religioso tinha como fundamento a opinião de ambientalistas e comunidades tradicionais que eram contra o projeto, alegando que aspectos como assoreamento e poluição deixaram o rio São Francisco frágil e inapto para a transposição de suas águas.

Na segunda reportagem analisada, veiculada em 2017, pelo Jornal Nacional da rede Globo de Televisão, observamos parte da transposição em execução, com as águas do rio chegando ao estado da Paraíba, e a celebração da população.

Num primeiro momento, para trabalhar com essa metodologia, é preciso identificar os mitemas. Um mitema pode ser considerado como uma unidade ou fragmento estrutural de um mito, uma espécie de *átomo* do discurso mítico. Ao contrário do mito completo, que é uma narrativa complexa e muitas vezes longa, um mitema pode ser uma imagem, um símbolo, um tema ou um conceito específico que se repete em diferentes mitos. Esses mitemas são considerados os blocos de construção básicos da narrativa mítica, e sua combinação e rearranjo formam as diversas histórias encontradas em diferentes culturas.

A seguir, é apresentada a transcrição da reportagem, *Início Greve de Fome* <<https://www.youtube.com/watch?v=x16ERpJr1-k>>, realizada pela TV Grande Rio, afiliada da Rede Globo, no ano de 2007.

OFF// A IGREJA DE SÃO FRANCISCO DE ASSIS, EM SOBRADINHO, A CINQUENTA QUILOMETROS DE PETROLINA, FOI O LOCAL ESCOLHIDO PELO BISPO DIOCESANO//. NA MANHÃ DE HOJE DOM LUIS FLÁVIO CAPPIO COMEÇOU A GREVE DE FOME EM PROTESTO CONTRA A TRANSPOSIÇÃO DO RIO SÃO FRANCISCO. EM CABROBÓ E FLORESTA, /NO SERTÃO DO ESTADO/ AS OBRAS DA TRANSPOSIÇÃO SEGUEM NORMALMENTE//



BOLETIM DE CONJUNTURA

SONORA: BISPO CÁPPIO – “A presença nossa aqui, na capela de São Francisco de Assis, é emblemática. Mostra, evidência a situação crítica em que se encontra o rio São Francisco”

OFF//AS VISITAS QUE O BISPO RECEBE A TODO INSTANTE/ DEMONSTRAM A SOLIDARIEDADE DOS RIBEIRINHOS // SONORA: MORADORA DA CIDADE “Ele como um servo fiel do Senhor. Ele tá lutando por uma causa justa.

OFF// O FRANCISCANO PASSOU O PRIMEIRO DIA BEBENDO APENAS ÁGUA DO RIO/ E O TRABALHO DA PARÓQUIA NÃO PAROU// HÁ MAIS DE QUARENTA ANOS ELE DEDICA A VIDA A CAUSAS AMBIENTAIS//PASSAGEM - EM DOIS MIL E CINCO / O RELIGIOSO FEZ UM JEJUM QUE DUROU ONZE DIAS//DESTA VEZ ELE NÃO PRETENDE PARAR ENQUANTO TIVER FORÇAS/ E AFIRMA QUE O RIO SÃO FRANCISCO PRECISA DE SOCORRO//

SONORA: Volta Bispo Cáppio: “Há bem pouco tempo atrás, nós dizíamos o rio São

Francisco está na UTI. Seria tão bom que ele tivesse na UTI. Se ele estivesse na UTI, teria médicos, teria cuidados. Mas o rio São Francisco não está na UTI, ele está na fila do SUS e não sabe se vai ser atendido, por isso estamos aqui.

Para facilitar a leitura, destacam-se a seguir, em itálico e negrito, os possíveis mitemas encontrados na narrativa jornalística. A Igreja de São Francisco de Assis aparece na reportagem como um espaço simbólico que representa a espiritualidade e a conexão com a religião católica. O nome São Francisco de Assis, evidenciado no texto, também evoca uma figura religiosa conhecida por sua ligação com a natureza e que dá nome ao rio.

Nesse contexto, a greve de fome do Bispo Dom Luiz Flávio Cáppio é um ato de protesto que, nos enquadramentos midiáticos, carrega significados de *sacrifício pessoal*. Essa ação do Bispo Cáppio parece conceber o rio São Francisco como uma entidade sagrada, cujo sacrifício é visto como uma contribuição para a sustentabilidade ambiental e para toda uma comunidade. Essa visão pode estar fundamentada em interpretações teológicas/simbólicas que destacam a responsabilidade humana na preservação e conservação da criação divina.

O mitema de sacrifício aparece na narrativa acompanhado de outros mitemas, como coragem, resistência e combate, em defesa do Rio São Francisco. O tema central do texto é carregado de significados simbólicos, desde as imagens captadas que mostram o religioso em pé ao lado da imagem de São Francisco de Assis, o que parece evidenciar a força da fé cristã para o combate contra o mal, que surge como uma mudança drástica no curso do rio e pode ter implicações ambientais e sociais profundas.

A solidariedade dos ribeirinhos para com o religioso, apresentada na narrativa do telejornal, também reflete o mitema da *união* em torno de uma causa que se apresenta divina e explora a vitalidade do Bispo Cáppio ao iniciar seu protesto bebendo apenas água do próprio rio. Essa ação revela o mitema do *herói*, aquele que carrega a aura do fazer justiça e aceita o



BOLETIM DE CONJUNTURA

chamado a dar a vida pela vida do rio. A metáfora de que o rio está na UTI, também se repete nos enquadramentos da reportagem e nos leva a um mitema de *cuidados* e atenção das políticas públicas. Depois dos mitemas, partimos em direção a encontrar o Mitologema presente na reportagem. Durand (1985) argumenta que os Mitologemas são padrões recorrentes que aparecem em diferentes mitologias ao redor do mundo, eles poderiam ser considerados como temas fundamentais e aspectos universais da psique humana.

Ao identificar e analisar os Mitologemas, Pavón (2019) busca revelar os elementos arquetípicos subjacentes que permeiam as narrativas míticas. Em síntese, o Mitologema, na perspectiva de Durand (1985), é uma unidade de significado fundamental nos mitos, representando padrões simbólicos recorrentes e arquétipos que transcendem as culturas. Sendo assim, essa narrativa fundamentadora consiste na modulação do mitema numa situação mitológica. Ou seja, “é o resumo abstrato e empobrecido de uma situação mitológica, um simples esqueleto da obra” (GOMES; SILVA, 2011, p. 89).

Os Mitemas de sacrifício, coragem, resistência, combate, união, herói e cuidado, estão associados a diversos arquétipos e Mitologemas encontrados em várias tradições mitológicas e narrativas heroicas. Então, uma interpretação abrangente desta narrativa apresentada poderia ser vinculada ao Mitologema da *Jornada do Herói*, um conceito proposto por Campbell (1990). Essa narrativa descreve uma estrutura recorrente em mitos e histórias, na qual um herói embarca em uma jornada que envolve desafios, sacrifícios, transformações e, eventualmente, retorna com uma conquista ou conhecimento valioso.

A seguir, é realizada a transcrição da reportagem *Águas da transposição chegam a Paraíba*, realizada pelo Jornal Nacional no ano de 2017.

CABEÇA - DEPOIS DE MAIS DE CINCO ANOS DE SECA/ O ESTADO DA PARAÍBA COMEÇA A RECEBER AGORA AS ÁGUAS DA TRANSPOSIÇÃO DO RIO SÃO FRANCISCO//

OFF// A EXPECTATIVA PARA OS MORADORES DE MONTEIRO É GRANDE//

SONORA - Agora sim, acredito que tudo vai mudar.

OFF// O PRESIDENTE MICHEL TEMER CHEGOU À CIDADE NO COMEÇO DA TARDE A CERIMÔNIA FOI RESTRITA A CONVIDADOS// DO LADO DE FORA CERCA DE CEM PESSOAS FIZERAM UM PROTESTO CONTRA O GOVERNO E A REFORMA DA PREVIDÊNCIA// NO DISCURSO O PRESIDENTE DISSE QUE A MANIFESTAÇÃO FAZ PARTE DA DEMOCRACIA E DESTACOU A IMPORTÂNCIA DA OBRA//



BOLETIM DE CONJUNTURA

SOB/SOM DISCURSO DE TEMER - “Se nós podermos falar em paternidade dela, nós devemos dizer como disse o governador e disseram todos, a paternidade é do povo brasileiro.

Vocês não pensem que tem um dinheiro que é o dinheiro público, e que tá aqui do lado, e o dinheiro que vem dos impostos, o dinheiro é um só. O dinheiro público vem dos impostos, então quando nós aplicamos milhões e milhões aqui, são os senhores que pagaram,

portanto, uma dívida que o governo tem com o povo brasileiro e com o povo paraibano e agora está pagando.”

OFF// O TRECHO INAUGURADO HOJE RECEBEU CRÍTICAS DO MINISTÉRIO PÚBLICO// UM ESTUDO TÉCNICO MOSTROU QUE AINDA FALTA CONCLUIR A OBRA E POR ISSO O AÇUDE PODE NÃO AGUENTAR O AUMENTO DO VOLUME DE ÁGUA//, MAS REPRESENTANTES DO GOVERNO FEDERAL E DO ESTADO SE COMPROMETERAM A REDUZIR A VAZÃO ATÉ A CONCLUSÃO TOTAL DA OBRA//

ENCERRAMENTO “Depois de chegar em Monteiro, a água segue pelo rio Paraíba que passa pelos açudes de poções camalaú ainda na região do Cariri// E a previsão é que em 45 dias/ as águas do São Francisco abasteçam também o reservatório de boqueirão na região de Campina Grande beneficiando mais de oitocentas mil pessoas”//

No segundo texto, nossa análise começa com a ideia da seca persistente apresentada na narrativa pelos profissionais que estão na bancada do Jornal Nacional da Rede Globo. Essa realidade, há muito enquadrada pela mídia televisiva, representa um quadro enfrentado pela população sofrida do Nordeste. Contudo, logo a reportagem evidencia o mitema da *renovação* ao trazer dentro da narrativa as imagens de que as águas da transposição são sinônimo de vida, esperança, superação da seca e desenvolvimento.

Neste ponto, a reportagem nos vende a ideia de progresso, para a qual a tecnologia se mostra como um símbolo cíclico para equilibrar os contrários. A fala do Presidente na época, também revela a importância de um evento simbólico que destaca a presença do líder político e o esforço do governo em garantir a sobrevivência. Na narrativa enquadrada pelo telejornal, o político destaca a ideia de que a obra é uma *conquista* do povo brasileiro, reforçando a noção de que os recursos públicos são provenientes dos impostos pagos pela população e que, nesse momento, o governo, do qual ele faz parte, assume o papel de um *herói* que, contra todas as adversidades, traz água para o povo sofrido do Nordeste.

Nesse quadro, enxergamos o mitema de progresso, associado à estrutura disseminatória do imaginário dentro do regime noturno das imagens. Os mitemas encontrados nesse texto refletem uma narrativa complexa que aborda arquétipos da esperança, do progresso, da união e compromisso.

Diante deste quadro, no centro de muitas narrativas culturais, encontramos o



BOLETIM DE CONJUNTURA

Mitologema da *Evolução Coletiva* - um relato que destaca a interconexão entre o progresso, a união e a mudança. Esta narrativa fundamenta a compreensão de que avanços significativos na sociedade surgem quando as pessoas se unem em busca de objetivos comuns, impulsionando uma evolução coletiva.

O Mitologema central nesta narrativa é a representação da transposição do Rio São Francisco para a Paraíba como um arquétipo do desenvolvimento, estimulado pela tecnologia e pela ciência. Achamos também pertinente fazer a análise da nota coberta como um complemento da segunda reportagem, pois esta narrativa também revela pontos importantes dos símbolos e mitos presentes na forma como o telejornal produz sentidos sobre a questão ambiental, especificamente a transposição.

A seguir, é realizada a transcrição da nota coberta apresentada na reportagem *Águas da transposição chegam a Paraíba*.

APRESENTADORA – OFF SÃO QUASE DEZ ANOS/ DESDE O INÍCIO DAS OBRAS EM DOIS MIL E OITO/ NO SEGUNDO MANDATO DE LULA// A PREVISÃO INICIAL DE QUE TODA A TRANSPOSIÇÃO JÁ ESTARIA CONCLUÍDA EM DOIS MIL E DOZE FICOU NA PROMESSA// CINCO ANOS DEPOIS AINDA TEM OBRA PARA SER FEITA// O PLANO DO GOVERNO É BENEFICIAR DOZE MILHÕES DE PESSOAS EM QUATRO ESTADOS// QUANDO O PROJETO FICAR PRONTO A ÁGUA QUE SAI DO SÃO FRANCISCO VAI SUBIR ATÉ QUARENTA METROS DE ALTURA/ DEPOIS DE PASSAR POR ESTAÇÕES DE BOMBEAMENTO// INICIALMENTE/A OBRA IRIA CUSTAR QUATRO BILHÕES E MEIO DE REAIS// HOJE O ORÇAMENTO TOTAL JÁ CHEGA A QUASE DEZ BILHÕES// A TRANSPOSIÇÃO SE DIVIDE EM DOIS EIXOS/ O NORTE DE DUZENTOS E SESSENTA QUILOMETROS DE EXTENSÃO COM PREVISÃO DE INAUGURAÇÃO NO SEGUNDO SEMESTRE// SEGUNDO O GOVERNO 95% DAS OBRAS ESTÃO PRONTAS// ESSE EIXO COMEÇA EM CABROBÓ/ PERNAMBUCO SEGUE PARA O CEARÁ E DEPOIS PARA A PARAÍBA TERMINANDO O PERCURSO EM CAJAZEIRAS//NO EIXO NORTE FALTAM TRÊS TRECHOS/ DOIS DELES SEGUNDO O GOVERNO ESTÃO EM FASE FINAL DENTRO DO CRONOGRAMA// O TERCEIRO TRECHO ENTRE PERNAMBUCO E CEARÁ ESTAVA SOB RESPONSABILIDADE DA MEND JÚNIOR QUE SAIU DO PROJETO/ AGORA O GOVERNO ESTÁ EM FASE DE LICITAÇÃO PARA QUE UMA NOVA CONSTRUTORA ASSUMA A OBRA// E TEM O EIXO LESTE DE DUZENTOS E DEZESSETE QUILOMETROS QUE TEVE UMA PARTE INAUGURADA HOJE PELO PRESIDENTE TEMER// TODA PARTE DE PERNAMBUCO JÁ ESTÁ EM FUNCIONAMENTO// A BARRAGEM DE SERTÂNIA SE ROMPEU NO ÚLTIMO SÁBADO UMA SEMANA DEPOIS DE INAUGURADA/ SEGUNDO O MINISTÉRIO DA INTEGRAÇÃO O VAZAMENTO FOI CONTIDO NO MESMO DIA/ E A ÁGUA DO SÃO FRANCISCO PODE SEGUIR PARA A PARAÍBA/ A PORTA DE ENTRADA É O AÇUDE DE PORÇÕES EM MONTEIRO ESSE EIXO SEGUNDO O GOVERNO ESTÁ CONCLUÍDO//

Ao tratar principalmente de questões políticas e de infraestrutura, mostrando a força da ciência e tecnologia, o texto também apresenta elementos que podem ser relacionados aos



BOLETIM DE CONJUNTURA

mitemas, especialmente aqueles ligados ao simbolismo da água e da obra inacabada. O projeto de transposição, mais uma vez, reforça a ideia de esperança e renovação,

podendo ser visto como um mitema, já que repete várias vezes a ideia de transformação do ambiente e a busca por benefícios para a população. A *promessa não cumprida* também se apresenta como um forte mitema dentro da narrativa, na qual o texto explora a ideia de que a previsão inicial de conclusão da obra era para 2012, mas não se concretizou, trazendo consigo imagens do engano. O aumento no orçamento total de quatro bilhões para quase dez bilhões pode ser interpretado também como um mitema relacionado à expansão, mas também à possível ineficiência na gestão do projeto.

Na narrativa da nota coberta, o Mitologema é intrinsecamente associado à dicotomia entre esperança e desconfiança. O símbolo da água, fluindo após uma prolongada seca, atua como arquétipo de renovação, alimentando a imaginação coletiva com a promessa de superação de desafios e transformação do cenário árido. No entanto, a desconfiança e a insatisfação desenham uma narrativa paralela, ecoando na esfera do imaginário. Assim, o Mitologema da Promessa não Cumprida e a Busca por Renovação ressoam como um reflexo da condição humana, onde a esperança, mesmo diante de promessas não cumpridas, continua a impulsionar a busca por um futuro renovado. Essa narrativa, entrelaçada com desafios e buscas incessantes, captura a essência da jornada humana em direção à renovação.

NARRATIVA CANÔNICA

Na Antropologia do Imaginário, a Narrativa Canônica refere-se à versão oficial ou predominante de uma história ou evento em uma determinada sociedade, cultura ou grupo (DURAND, 1988). É a narrativa que é amplamente aceita e disseminada como a representação oficial dos acontecimentos. Essa narrativa, muitas vezes, reflete as perspectivas e valores dominantes dentro da cultura em questão. Para Lins (2011, p. 110), “é nessa fase que na análise ultrapassamos o texto específico do estudo, o resumo da obra e seu padrão simbólico no tempo”. Diante disso, estabelecemos uma comparação com outras culturas. Seria o momento das afinidades de mitemas, ou dos mitos de cultura para a outra.

A partir das Narrativas Canônicas, é possível perceber em qual padrão os mitos, ou o mito, estão organizados dentro das reportagens analisadas. Nesse aspecto, é preciso encontrar a tendência geral dos gestos ou *schémes* apresentados nas reportagens, o que nos possibilita



BOLETIM DE CONJUNTURA

entender a formação e a mensagem do mito.

Na primeira reportagem analisada, a metáfora do jejum como arma sugere uma resistência pacífica e espiritual contra a intervenção no curso natural do rio, personificado como um ser vivo frágil que clama por cuidados. A materialidade do fato está na situação concreta da intervenção no curso natural do rio São Francisco. Isso implica em uma ação tangível e material que afeta diretamente o ambiente e as comunidades que dependem do rio. Essa abordagem intensifica a complexidade da relação entre desenvolvimento e conservação ambiental, revelando as camadas mais profundas das percepções culturais e socioambientais entrelaçadas com a mudança proposta pela transposição do rio São Francisco.

No entanto, nas outras duas narrativas, os enquadramentos do telejornal transmutam do confronto para a renovação e a promessa de dias melhores, mesmo ao apresentar elementos simbólicos como a quebra de uma possível promessa (atraso nas obras). Nesse ponto específico, o regime noturno da imagem parece desvendar uma reconciliação entre vida e morte, para qual a postura verticalizada do confronto, frente aos desafios ambientais, cede lugar ao desejo de ter água em nossa terra/região.

A jornada visual e simbólica dessas reportagens sugere uma transição significativa, não apenas na esfera concreta da infraestrutura hídrica, mas também na psique coletiva, revelando uma reconciliação com os ciclos naturais da vida. Neste sentido, a relação entre o imaginário e a realidade se torna evidente ao observarmos a coexistência do real/materialidade representado pela água como uma necessidade básica para a sobrevivência das pessoas, e do imaginário, representado pelas crenças e mitos associados as sacralidades dessa água. Ou seja, enquanto a água pode ser utilizada para irrigação, produção de energia hidrelétrica e abastecimento, ela também é vista como um símbolo de renovação e vida. Nessa coexistência entre o real e o imaginário, ambos podem estar entrelaçados dentro de uma mesma experiência ou contexto, sem se anularem mutuamente. Reconhecer o imaginário como um elemento vivo e dinâmico amplia nossa compreensão, revelando sua influência significativa em nossas percepções e interações.

AS DIMENSÕES MÍTICAS E SIMBÓLICAS E SUAS RELAÇÕES COM A ECOLOGIA HUMANA

Neste estudo, a interseção entre a Ecologia Humana e a Antropologia do Imaginário é clara, pois essas áreas buscam compreender a relação intrincada entre os seres humanos, a cultura e seu ambiente. No livro *Material Ecocriticism* (IOVINO; OPPERMANN, 2014),



BOLETIM DE CONJUNTURA

oferece um conjunto de ferramentas e perspectivas para entender como a interação com o mundo material influencia nossas linguagens, histórias e práticas, ajudando-nos a desenvolver novos entendimentos sobre nossa relação com o planeta. O pesquisador nos propõe a reconsiderar nossa concepção tradicional de ambiente como um mero cenário passivo em que a ação humana se desenrola. Em vez disso, ele nos convida a enxergar o ambiente como ativo e participante na criação de significados e identidades culturais.

A perspectiva eco-crítica de Iovino e Oppermann (2014) ecoa as reflexões de Yuval Harari (2014) sobre as ficções humanas. Harari (2014) argumenta que a capacidade dos Sapiens de produzir ficções foi essencial para a evolução humana até os dias atuais, Iovino e Oppermann (2014) expande essa ideia ao destacar como nossas narrativas e práticas são moldadas não apenas por elementos culturais, mas também pelas forças e substâncias materiais presentes em nosso ambiente.

Essas ficções humanas, conforme argumenta Yuval Harari, fazem ponte com nossa ideia de simbólico, demonstrando como as relações humanas são atravessadas por símbolos e mitos, ou seja, essas ficções coletivas são construções sociais que existem na mente das pessoas e que, apesar de serem imaginadas, têm um impacto real no mundo, Harari (2014), menciona como os sistemas de crença religiosa, as ideologias políticas e os conceitos econômicos dependem dessas ficções para funcionar e manter a coesão social.

Neste contexto, a transposição das águas do rio São Francisco sugere que, por meio de uma estrutura simbólica, a sociedade busca não apenas compreender, mas também transcender os desafios enfrentados. O jejum do Bispo Cáppio, em oposição à possível morte do rio, exemplifica como as narrativas míticas expressam combate e resiliência pela vida. A chegada das águas à Paraíba também é abordada, transformando um recurso natural em um símbolo de renovação e esperança.

Este fenômeno vai além da lógica racional, alimentando o que Bachelard (2009) denomina de Imaginação Material, ou seja, a existência de uma objetividade material é que dinamiza nosso conhecimento poético do mundo, sendo assim a imaginação material vai além da simples percepção das formas físicas das coisas, não se limitando a conceber objetos ou estruturas apenas como entidades estáticas ou funcionais; ela também os vivencia, sonha com eles, e os conecta de maneira profunda à experiência humana.

Desta forma, Bachelard (2009) nos encoraja a transcender as simples características físicas da água e da infraestrutura, e sugere que devemos explorar o lado imaginativo e subjetivo desses elementos. Isso implica em ver além do óbvio e perceber a profundidade



BOLETIM DE CONJUNTURA

poética e filosófica que está presente até mesmo nas coisas mais simples do mundo material. No seu livro, *O Encanto do Sensível: Percepção e Linguagem em um Mundo Mais do que Humano*, David Abram (2012) discute a relação entre a percepção humana e o mundo natural ao nosso redor. Abram explora como nossa linguagem e formas de comunicação estão profundamente ligadas à nossa experiência sensorial e como essa conexão influencia nossa compreensão e interação com o ambiente não-humano. Ele argumenta que nossa cultura moderna muitas vezes nos desconecta dessa relação vital com a natureza, e propõe maneiras de recuperar essa conexão sensorial e revitalizar nosso relacionamento com o mundo natural.

Ambos os autores convergem na ideia de que devemos ir além das características físicas e funcionais dos elementos naturais e nos conectar com suas dimensões simbólicas e sensoriais. Enquanto Bachelard (2009) nos leva a explorar a essência poética e filosófica da água e da infraestrutura, Abram (2012) nos convida a redescobrir nossa relação sensorial com a natureza, destacando a importância de uma comunicação mais profunda e intuitiva com o mundo não-humano. Juntos, eles nos inspiram a valorizar tanto a imaginação quanto a percepção sensorial em nossa interação com o ambiente.

Esta intersecção entre mitos, narrativas mitológicas e ética ambiental oferece uma compreensão profunda da relação entre seres humanos e meio ambiente. Wunenburger (2010) destaca que os mitos não são apenas histórias do passado, mas sim portadores de lições que refletem valores culturais e moldam a identidade de um povo. Taylor (2010), em *Dark Green Religion*, explora o impacto cultural e social das narrativas mitológicas e espirituais relacionadas à natureza. Ele sugere que essas narrativas não apenas moldam nossa percepção do mundo natural, mas também têm o poder de transformar nossa ética ambiental. Ao reconhecer a interdependência de todas as formas de vida, essas narrativas promovem uma visão ampla do ambiente, que valoriza e respeita a diversidade ecológica.

A análise das imagens simbólicas sob a perspectiva da Ecologia Humana, frente à transposição do rio São Francisco revela, na verdade, um intrincado ecossistema simbólico, para o qual existe um entrelaçamento de mitos, arquétipos e símbolos de progresso e desafios ambientais. Ao explorar nossa relação com nós mesmos e a natureza por meio dessa perspectiva de estudo, ganhamos uma compreensão mais profunda das conexões emocionais entre os seres humanos e seu entorno (MARQUES, 2023).

Os mitos moldados pelas estruturas que compõem o imaginário destacam a esperança, a superação e conquistas diante de desafios sociais e condições climáticas. Frente a esse contexto epistemológico, ao adentrar aos estudos da Antropologia do Imaginário, é



BOLETIM DE CONJUNTURA

imperativo estabelecer uma conexão intrínseca com narrativas míticas. Isso ocorre porque as narrativas mitológicas de diferentes culturas não apenas enriquecem nosso entendimento do imaginário humano, mas também destacam a essência mito poética que permeia diversas culturas. Taylor (2010) discute essa questão ao abordar como os mitos e narrativas ecológicas desempenham um papel crucial na formação de atitudes e comportamentos em relação ao meio ambiente. Ele examina como diferentes culturas e movimentos usam histórias mitológicas para transmitir valores ecológicos, promover a conservação e inspirar ações ambientais. Esses mitos frequentemente personificam elementos naturais e transmitem a ideia de que a natureza possui uma agência moral que deve ser respeitada.

Neste sentido, a força do mito se revela como uma lente através da qual construímos valores e crenças que transcendem gerações, oferecendo reflexões sobre nossa percepção em relação à socio biodiversidade do planeta. A convergência entre o mito grego de Prometeu e o mito indígena/cariri de Sumé (SANTOS, 2009) ilustra essa ligação mitológica, que transcende fronteiras culturais e temporais. Apesar de surgirem em contextos históricos e culturais diferentes, é possível notar os paralelos entre ambos os relatos, ou narrativas, que se desdobram na discussão central deste estudo.

O mito grego de Prometeu, que narra a audaciosa ação de trazer o fogo do Olimpo para os mortais, conferindo-lhes conhecimento e habilidades distintas, e a lenda indígena cariri de Sumé (2009), que destaca um líder sábio responsável por introduzir avanços significativos na agricultura e na organização social, compartilham a essência de símbolos que desempenham papéis cruciais na promoção do desenvolvimento humano. Ambos os mitos ressoam na maneira como a humanidade se relaciona com o outro e com a natureza, destacando a importância do simbólico na convivência humana com todo o meio ambiente.

Tanto Prometeu, quanto o mito indígena de Sumé (SANTOS, 2009) são associados a uma era de prosperidade resultante da sabedoria na gestão desse conhecimento. Contudo, uma diferença crucial reside na maneira como essas figuras interagem com as divindades.

Prometeu desafia diretamente o poder de Zeus ao roubar o fogo, enfrentando as consequências de sua rebelião, o que ressalta a complexidade e os desafios da relação entre o humano e o divino, podendo ser comparado nos dias de hoje à nossa relação com todo o ecossistema vivo do planeta. Em contrapartida, Sumé é retratado como um líder benevolente que traz prosperidade à comunidade sem desafiar entidades divinas, buscando uma conciliação, em outras palavras um desenvolvimento sustentável.

Esses aspectos encontrados no mito de Sumé adicionam uma camada de compreensão



BOLETIM DE CONJUNTURA

ecológica e ética, destacando a importância de valores como respeito à natureza, harmonia e equilíbrio na relação entre os seres humanos e todo ecossistema terrestre. Observamos também que as narrativas apresentadas nos telejornais não se limitam a uma celebração única desse progresso associado à tecnologia e ao desenvolvimento, pois os desafios ambientais, representados pelo regime diurno (combate), introduzem uma perspectiva crítica de alerta que aparece nas falas e enquadramentos do Bispo Cáppio e dos ribeirinhos.

Ao trazer essa relação com a natureza e a intervenção humana na ordem natural do rio, as reportagens incorporam também imagens arquetípicas comparáveis ao mito Iorubá de Exu (PRANDI, 2001), o mensageiro divino e guardião dos caminhos. Semelhante a Hermes na mitologia grega, Exu, na mitologia Iorubá atua como intermediário entre seres humanos e deuses, facilitando a comunicação e o intercâmbio espiritual.

A associação de Exu a este estudo é importante e consolida as pesquisas no campo do imaginário. Isso porque, ao comparar Exu ao telejornal, destacamos a ideia de travessia de fronteiras e mediação entre forças opostas. Estes são temas centrais nas reportagens sobre a transposição e refletem nossa relação ambivalente entre conservação e progresso. O mito de Exu, como mensageiro divino e guardião dos caminhos, serve como uma metáfora para a função do telejornal, ou jornalismo como um todo, na exposição dessas dualidades e na promoção de um entendimento mútuo. Esse mito nos remete à mediação entre forças opostas que aparecem na construção das narrativas apresentadas sobre a transposição, informando-nos e revelando nossa relação ambivalente entre a conservação/cuidado e o progresso – (preservar para ter ou conservar para conviver).

Essa dualidade é reflexo da complexidade da nossa atual relação com o meio ambiente, e revela a dicotomia, ou seja, esses dois contextos, para qual um está associado à necessidade de conservar para conviver, e o outro está na busca pelo desenvolvimento estimulado pelo capitalismo de modo prático e utilitário.

Neste contexto, a produção jornalística traz mensagens que expressam esses dois mundos e as tensões contemporâneas de conservação e avanço, oferecendo uma reflexão sobre a nossa cultura, nossas crenças e valores, que influenciam nas decisões em relação a toda a vida na Terra. Assim como Prometeu e Sumé, o mito de Exu, o mensageiro, está entrelaçado nas análises desta pesquisa, desempenhando um papel fundamental na importância da mídia em promover uma comunicação de entendimento mútuo em prol de toda a socio biodiversidade.



BOLETIM DE CONJUNTURA

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As análises realizadas nos permitiram observar que a narrativa midiática que aborda a chegada das águas do rio São Francisco à Paraíba, ou mesmo o protesto do religioso contra a transposição dessas águas, transcende o mero papel técnico e informativo do telejornalismo.

A partir deste estudo, apoiado tanto nas referências da Ecologia Humana quanto na Antropologia do Imaginário, compreendemos que o telejornalismo, enquanto produto cultural marcado por um discurso retórico de objetividade e imparcialidade, é, na verdade, influenciado por elementos simbólicos e culturais na produção de suas reportagens com temáticas socioambientais.

Através da Mitocrítica, metodologia desenvolvida nos estudos da Antropologia do Imaginário, foi possível encontrar os Mitemas, Mitologemas e a Narrativa Canônica presentes nas reportagens e notas cobertas. Com isso, percebemos que existe um apelo dos jornalistas a imagens coletivas universais (arquetípos) e que essas imagens se adaptam a cultura de cada sociedade (imagens arquetípicas). Essa constatação pôde ser observada nos diversos enquadramentos visuais e temáticas encontradas nos textos analisados, que fazem associações das personagens da narrativa midiática com figuras simbólicas e arquetípicas, do herói, do combate, da renovação, do progresso e até da promessa não cumprida.

Esses, símbolos e mitos presentes em diversas culturas e povos nos revelaram como a transposição do rio São Francisco não representou apenas um projeto de engenharia, mas uma narrativa carregada de significados que afetam profundamente as comunidades locais e o meio ambiente. Através da nossa análise se pôde observar que a chegada das águas ao Cariri Paraibano não simbolizou tão somente a solução para o problema da escassez de água, mas também a esperança de uma vida melhor e mais digna para os habitantes da região.

Por outro lado, o protesto do Frei Luís Flávio Cáppio contra a transposição, em sua greve de fome, evocou a figura arquetípica do herói sacrificial, alguém que se coloca em risco por uma causa maior, este ato de resistência também representa o combate contra forças vistas como opressoras ou injustas, ressoando com narrativas de luta e resistência encontradas em diversas culturas. A figura do Frei Cáppio se torna um símbolo poderoso de oposição e resiliência, destacando o impacto humano e emocional das decisões ambientais e de desenvolvimento. A cobertura jornalística ao falar dos atrasos e dificuldades no projeto também refletiu a desilusão e o sentimento de promessas não cumpridas, comuns em muitas iniciativas ambientais e que foram incorporadas ao discurso de vários nordestinos, como a narrativa oficial dos acontecimentos.



BOLETIM DE CONJUNTURA

Ao relacionar esses elementos simbólicos presentes no telejornal, fizemos através da Mitocrítica uma associação dos mesmos com outras narrativas culturais, a fim de encontrarmos uma fundamentação para nossa pesquisa, haja vista que compreendemos o telejornal como um produtor de sentidos atravessados por imaginários coletivos. Diante disso, encontramos no mito grego de Prometeu, no mito indígena de Sumé e no mito Iorubá de Exu, a existência de uma estrutura simbólica presente em vários produtos culturais para falar dessa interação ser humano/meio ambiente. Prometeu, mito grego, ao roubar o fogo dos deuses para dar aos humanos, simboliza a busca pelo progresso e o sacrifício necessário para alcançar grandes feitos. Sumé, divindade indígena, é o grande civilizador e representa a figura do mestre e do guia que traz sabedoria, transformação e respeito a toda a biodiversidade. Exu, o mensageiro dos deuses, é a personificação da comunicação e das encruzilhadas, destacando a dualidade e a complexidade das narrativas humanas ao falar das questões socioambientais. Essas figuras míticas, cada uma em sua tradição, momento histórico e contexto sociocultural representam não apenas histórias antigas ou fábulas, mas também lições e modelos profundos da relação entre o ser humano e todo o ecossistema na Terra. Isto ressalta a importância desta pesquisa, que ao trazer uma Mitocrítica Socioambiental, explora não apenas o aspecto factual e técnico do projeto de transposição das águas do rio São Francisco, considerado importante, mas também as dimensões estéticas e simbólicas transmitidas nas reportagens com temáticas socioambientais.

Estudar mitos e símbolos nestas questões nos permite um desprendimento dos ângulos positivistas alicerçados na ciência moderna e na filosofia racionalista. Perspectivas em que também se baseia o próprio ethos e discurso do jornalismo, vendido sob um verniz de objetividade que indica um olhar neutro sobre os fatos.

Apesar de não estarem dentro desses cânones modernos e racionalistas, os estudos da Antropologia do Imaginário e da Ecologia Humana produzem um sentido epistemológico necessário para pesquisas com temáticas sociais em diversos campos. Isso possibilita uma compreensão mais profunda das narrativas e percepções que refletem a opinião pública e as políticas ambientais, contribuindo para estratégias mais eficazes de sensibilização e mobilização em prol da sustentabilidade.

REFERÊNCIAS

ABRAM, D. **The spell of the sensuous: Perception and language in a more-than-human world.** London: Vintage, 2012.



BACHELARD, G. **A poética do devaneio**. Rio de Janeiro: Editora Martins Fontes, 2009.

BACON, F. **Novum organum**. Paris: PUF, 2010.

BERGER, P.; LUCKMANN, T. **La construcción social de la realidad**. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 2012.

CAVALCANTI, A. P.; CAVALCANTI, C. A. **O que é o imaginário?** Olhar biopsicossocial da obra transdisciplinar de Gilbert Durant. João Pessoa: Editora da UFPB, 2015.

CAMPBELL, Joseph. **O poder do mito**. São Paulo: Pala Athena, 1990.

DARDEL, E. **O Homem e a Terra: Natureza da realidade geográfica**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2011.

DAVID, R. S. “Sem folha não há orixá: Aproximações entre a umbanda e a educação ambiental”. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 12, n. 34, 2022.

DUNK, T. “Talking about trees: Environment and society in forest workers’ culture”. **Canadian Review of Sociology and Anthropology**, vol. 31, n. 1, 1994.

DURAND, G. “Sobre a exploração do imaginário, seu vocabulário, métodos e aplicações transdisciplinares: mito, análise e mitocrítica”. **Revista da Faculdade de Educação**, vol. 11, n. 12, dezembro, 1985.

DURAND, G. **A imaginação simbólica**. São Paulo: Editora Cultrix, 1988.

DURAND, G. **As estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arque tipologia geral**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2012.

DURAND, G.; MAFFESOLI, M. **Les mythes fondateurs de la franc-maçonnerie**. Paris: Dervy, 2024.

ELIADE, M. **Mito e realidade**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2004.

FREUD, S. **A Interpretação dos Sonhos**. Porto Alegre: Editora L&PM, 2014.

GLEISER, M. **O Despertar do Universo Consciente: Um Manifesto para o Futuro da Humanidade**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2024.

GOMES, E. S. L. **A catástrofe e o imaginário dos sobreviventes: quando a imaginação molda o social**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2011.

GONÇALVES, C. W. P. **Os (des)caminhos do meio ambiente**. São Paulo: Editora Contexto, 2021.



BOLETIM DE CONJUNTURA

HARARI, Y. N. **Sapiens: A brief history of humankind**. New York: Random House, 2014.

HARVEY, G. **Listening people, speaking earth: Contemporary paganism**. Hurst: NYU Press, 1997.

HEISE, U. K. **Imagining extinction: The cultural meanings of endangered species**. Chicago: University of Chicago Press, 2019.

IOVINO, S.; OPPERMAN, S. **Material ecocriticism**. Indiana: Indiana University Press, 2014.

JORNAL NACIONAL. “Águas chegam a Paraíba 2017”. **Nelson Vinenci** [2017]. Disponível em: <www.youtu.be>. Acesso em: 10/03/2024.

JUNG, C. G. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2000. LÉVI-

STRAUSS, C. **Antropologia estrutural**. Rio de Janeiro: Editora Tempo Brasileiro, 1996.

LINS, E.; MORAES, H. J. P. (orgs.). **Trilhas do Imaginário: (Re)visitando espaços e memórias**. João Pessoa: Editora UFPB, 2020.

MAFFESOLI, M. “O imaginário é uma realidade”. **Revista Famecos**, vol. 1, n. 15, 2001.

PAVÓN, I. “El imaginário: revisitando la obra de Gilbert Durand”. **Imagonautas: Revista Interdisciplinaria sobre Imaginarios Sociales**, vol. 13, 2019.

PITTA, D. P. R.; ALMEIDA, R.; REIS, A. B. (orgs.). **Imaginário do Envolvimento - Desenvolvimento**. São Paulo: Editora da USP, 2023.

PRANDI, R. “Exu, de mensageiro a diabo. Sincretismo católico e demonização do orixá Exu”. **Revista USP**, n. 50, 2001.

REK, M.; MARINI, M. J. “Gestão socioambiental na administração pública: uma análise de instrumentos legislativos aplicáveis ao âmbito institucional”. **Colóquio – Revista do Desenvolvimento Regional**, vol. 16, n. 1, 2019.

SÁDABA, T. “Orígenes, aplicación y límites de la” teoría del encuadre” (framing) en comunicación”. **Comunicación y Sociedad**, vol. 14, n. 2, 2001.

SANTOS, J. S. **Cariri e Tarairiú?: Culturas tapuias nos sertões da Paraíba (Tese de Doutorado em História)**. Porto Alegre: PUCRS, 2009.

SILVA, J. M. **As tecnologias do imaginário**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2012.

TAYLOR, B. R. **Dark green religion: Nature spirituality and the planetary future**. California: University of California Press, 2010.

TV GRANDE RIO. “Início Greve de fome”. **Informa Rio São Francisco** [2015]. Disponível em: <www.youtu.be>. Acesso em: 30/05/2024. WUNENBURGER, J. J. **Le sacré**. Paris: PUF, 2010.

CAPÍTULO 3

ANÁLISE ARQUETÍPICA DAS IMAGENS TÉCNICAS NA TRANSPOSIÇÃO DO VELHO CHICO

Zulenilton Sobreira Leal

Juracy Marques dos Santos

Geam Karlo Gomes

Artigo Submetido a Revista CESLA

(Qualis A2).

ANÁLISE ARQUETÍPICA DAS IMAGENS TÉCNICAS NA TRANSPOSIÇÃO DO
VELHO CHICO

ARCHETYPAL ANALYSIS OF TECHNICAL IMAGES IN THE TRANSPOSITION OF
THE VELHO CHICO

Zulenilton Sobreira Leal
Universidade do Estado da Bahia
Juazeiro-Bahia- Brasil

ORCID Id: <https://orcid.org/0000-0002-7095-4462>

E-mail: niltonredacao@gmail.com

Juracy Marques dos Santos
Universidade do Estado da Bahia
Juazeiro-Bahia- Brasil

ORCID Id: <https://orcid.org/0000-0003-2020-1785>

E-mail: juracymarquespshy@gmail.com

Geam Karlo-Gomes
Universidade do Estado de Pernambuco
Petrolina-Pernambuco- Brasil

ORCID Id: <https://orcid.org/0000-0001-9569-1497>

E-mail: Geam.k@upe.br

Resumo: As imagens captadas por câmeras e dispositivos midiáticos vão além de simples registros técnicos, refletindo um imaginário coletivo influenciado por fatores políticos, históricos, naturais e socioculturais. Nosso objetivo é analisar como essas imagens, produzidas por câmeras, são fruto de uma imaginação enraizada em símbolos universais, chamados arquétipos. Para isso, adotamos uma hermenêutica simbólica da Antropologia do Imaginário, com abordagem qualitativa, descritiva, bibliográfica e documental. Utilizamos a Arquetipologia para compreender o papel da criatividade e da imaginação na produção dessas imagens. O método indutivo permitiu formular conclusões gerais a partir de observações específicas. Como material empírico, analisamos quatro imagens de reportagens televisivas de 2007, 2017, 2020 e 2021 sobre a transposição do Rio São Francisco, abordando protestos e celebrações das obras concluídas. O estudo mostrou que as imagens técnicas vão além de seu caráter funcional, desempenhando um papel central na criatividade simbólica. Esse processo resultou na compreensão de uma “Ecologia das Imagens”, na qual as representações visuais não apenas refletem, mas também moldam — e são moldadas — pelas dinâmicas biológicas, culturais e ecológicas.

Palavras-chave: Arquetipologia; Imagens técnicas; Ecologia das Imagens; Ecologia Humana.

Abstract: The images captured by cameras and media devices go beyond mere technical recordings, reflecting a collective imaginary influenced by political, historical, natural, and sociocultural factors. Our aim is to analyze how these images, produced by cameras, are the result of an imagination rooted in universal symbols known as archetypes. To this end, we adopted a symbolic hermeneutic approach within the Anthropology of the Imaginary,

employing a qualitative, descriptive, bibliographic, and documentary approach. We used Archetypology to understand the role of creativity and imagination in producing these images. The inductive method allowed us to draw general conclusions from specific observations. As empirical material, we analyzed four televised news images from 2007, 2017, 2020, and 2021 regarding the São Francisco River transposition, addressing both protests and celebrations of the completed works. The study showed that technical images go beyond their functional nature, playing a central role in symbolic creativity. This process led to the formulation of an "Ecology of Images," in which visual representations not only reflect but also shape—and are shaped by—biological, cultural, and ecological dynamics.

Keywords: Archetypology; Technical images; Ecology of images ; Human ecology.

Introdução

A inter-relação das imagens técnicas refere-se à maneira como elas são produzidas por tecnologias modernas, dialogando com temas universais presentes na imaginação humana. Para Vilém Flusser (1985), as imagens técnicas são aquelas criadas por meio de processos tecnológicos e máquinas, a exemplo de fotografias, vídeos e imagens digitais. Segundo o filósofo, essas imagens diferem das tradicionais (como pinturas e desenhos) por serem produzidas através de dispositivos técnicos, que automatizam parte do processo criativo e limitam a criatividade do indivíduo, ao restringi-lo às opções e programas embutidos na máquina.

Com base nessa perspectiva, estas representações capturadas por câmeras serão abordadas neste artigo como “imagens técnicas”, termo cunhado por Flusser em sua obra *Filosofia da Caixa Preta* (1985). No entanto, pressupomos que essas imagens, além de serem produtos de processos tecnológicos, possuem uma dimensão simbólica e não se limitam à materialidade; participando de um sistema complexo de significados que vai além do visível.

É nesse ponto que surge o conceito de "Ecologia das Imagens" — resultado da junção entre dois campos do conhecimento: a Ecologia Humana, (EH) que estuda as interações entre os seres humanos e o ambiente natural (Park, 1915), e a Antropologia do Imaginário, (AI) que investiga como mitos, símbolos e arquétipos moldam percepções e construções culturais (Durand, 2012). Acreditamos que a integração desses campos revela um ecossistema dinâmico no qual as representações visuais resultam da interação entre fatores biológicos, simbólicos, ecológicos e socioculturais.

A palavra Ecologia vem do termo grego *oikos*, que significa casa e, segundo Haeckel (1866), remete à ideia de um ecossistema onde diferentes elementos coexistem e se inter-relacionam. A Ecologia das Imagens, assim, pode ser entendida como uma casa simbólica, um ambiente comum onde as representações habitam e interagem com o imaginário humano. Nesse espaço compartilhado, as imagens técnicas e simbólicas não apenas circulam significados, mas moldam ativamente nossa percepção das questões socioambientais, formando um ecossistema simbólico

Na sua obra, Flusser (1985) também discute o simbólico, em que o foco principal está na mediação tecnológica. Ele destaca que a tecnologia molda as imagens, que são criadas a partir de códigos predefinidos e afirma que as imagens técnicas esvaziam significados, substituindo-os por uma nova simbologia alinhada à lógica das máquinas.

Gilbert Durand (2012) aborda o simbólico de forma ampla, relacionando-o ao inconsciente coletivo, arquétipos e mitos universais. Enquanto Flusser (1985) foca nas influências das tecnologias contemporâneas, Durand (2012) explora as estruturas universais que sustentam a cultura humana.

Em nosso estudo, fundamentado na Antropologia do Imaginário (AI) e na Ecologia Humana (EH), documentários, fotografias e reportagens televisivas sobre a transposição das águas do Rio São Francisco desempenham um papel essencial, pois podem tanto reforçar quanto questionar as narrativas tradicionais associadas ao rio e à conservação ambiental. Nesse sentido, a Ecologia das Imagens, vai além de considerar as imagens como simples registros técnicos ou documentais, permitindo-nos compreender como essas representações se entrelaçam com dinâmicas socioambientais.

Diante deste cenário, o artigo investiga como as imagens capturadas por câmeras transcendem sua função de meros registros técnicos, tornando-se expressões da imaginação criativa, profundamente enraizadas em conceitos e símbolos universais como arquétipos¹. Ao analisar como esses temas universais são retratados, buscamos preservar o patrimônio cultural, reconhecendo continuidades e inovações nas narrativas que integram essas representações.

Analisando as imagens técnicas nas narrativas telejornalísticas, percebemos como temas universais, como a conexão com a natureza e a luta pela conservação ambiental, são reinterpretados e moldados pelos contextos socioculturais, políticos, históricos e ambientais que envolvem sua produção.

Selecionamos quatro reportagens televisivas, de 2007, 2017, 2020 e 2021, exibidas em telejornais brasileiros, por marcarem momentos críticos na transposição do Rio São Francisco, com ampla cobertura midiática e debates públicos relevantes. Esses anos permitiram observar a manifestação de arquétipos e símbolos universais sobre o tema. A disponibilidade das reportagens em plataformas digitais também facilitou o acesso e permitiu uma análise detalhada das representações ao longo do tempo.

Em 2007, a greve de fome de Dom Luiz Flávio Cappio simbolizou a resistência às intervenções no Rio São Francisco. Por quase um mês, o religioso se alimentou apenas das águas do rio, expressando a profunda conexão das comunidades ribeirinhas com o Velho Chico. Em estado crítico, foi levado às pressas para um hospital da região, reforçando o peso simbólico e dramático de seu protesto.

Em 2017, a chegada das águas do Rio São Francisco à cidade de Monteiro, na Paraíba o primeiro município fora do percurso natural do rio a receber suas águas — foi marcada por uma celebração simbólica, representando um momento de redenção e esperança após anos de embates e disputas. Esse evento ocorreu uma década após o protesto de Frei Cappio, carregando consigo simbolismos profundos de vitória e transformação para a região.

Nos anos de 2020 e 2021, as reportagens refletem um imaginário de desenvolvimento aliado à tecnologia, consolidando esses anos como marcos na demonstração de que o projeto não apenas deu certo, mas também vem mudando as paisagens físicas e simbólicas das comunidades beneficiadas.

Com essa perspectiva, adotamos a hermenêutica simbólica da (AI) para interpretar mitos, símbolos e arquétipos presentes nos telejornais. Essa abordagem metodológica permite identificar não apenas os elementos materiais, mas também as camadas arquetípicas e sensíveis que eles evocam.

O estudo também é descritivo, documental e bibliográfico, pois nossas fontes de informação incluem a análise de quatro imagens, produzidas por jornalistas cinematográficos e veiculadas em reportagens nos telejornais brasileiros, focando na transposição das águas do rio São Francisco e seus impactos ecológicos e socioculturais.

Como método de abordagem, escolhemos o método indutivo (Bacon, 2010), pois este oferece uma forma eficaz de analisar fenômenos específicos e, a partir deles, extrair padrões

1 ³Segundo Carl G. Jung (2018), arquétipos são estruturas primordiais do inconsciente coletivo, representações universais de padrões de comportamento, ideias, e símbolos que emergem em mitos, sonhos e produções culturais. Eles moldam e influenciam a psique humana, sendo expressos em imagens e narrativas compartilhadas pela humanidade ao longo do tempo.

gerais. Para a análise dos dados, utilizamos a Arquetipologia, abordagem teórico- metodológica que permite interpretar arquétipos e imagens arquetípicas nas representações culturais.

Após esta introdução, o artigo se estrutura assim: primeiro, exploramos o diálogo entre as imagens das pulsões coletivas na (AI) e o conceito de imagens técnicas de Vilém Flusser (1985). Em seguida, destacamos o papel dos arquétipos na formação dos valores culturais e a importância dos regimes de imagens na criação de representações em diferentes contextos socioculturais e ambientais.

Logo após, apresentamos a metodologia para identificar as imagens arquetípicas nas produções jornalísticas e analisamos como, mediadas pela técnica, essas imagens contribuem para sentidos socioambientais. Por fim, discutimos os resultados, que revelam um ecossistema simbólico — uma Ecologia das Imagens — ligado ao trajeto antropológico de Durand (2012), onde o biopsicosocial se cruzam para dar sentido à vida humana.

A Antropologia do Imaginário e as Imagens Técnicas

As imagens audiovisuais presentes nas reportagens televisivas sobre temas ambientais assumem diferentes formas, seja promovendo a conservação e conscientização, seja para moldar a opinião pública de acordo com interesses específicos. Segundo Flusser (1985), as imagens técnicas são produzidas por aparelhos e máquinas, nas quais tanto o dispositivo quanto o operador desempenham papéis importantes na programação e no controle dessas imagens. Assim, para este filósofo a essência das imagens técnicas reside na mediação tecnológica, introduzindo um nível de abstração e previsibilidade que transforma nossa relação com o mundo, limitando a subjetividade e a criatividade humana.

Em um contexto mais amplo, Neil Postman (2000), criador do conceito de Ecologia das Mídias, explora como os meios de comunicação, incluindo as tecnologias digitais, influenciam e moldam as percepções humanas. Relacionando essa perspectiva com a Ecologia das Imagens, compreendemos que essas mídias não apenas influenciam a maneira como nos conectamos com o ambiente, mas também interagem com dinâmicas simbólicas, sociais e ecológicas, moldando as relações das comunidades com a natureza.

A televisão e outros dispositivos digitais não apenas produzem e veiculam imagens, mas também moldam o contexto em que são consumidas (Thompson, 1995), influenciando a forma como o público compreende e reage a diversos temas, incluindo os ambientais. Por conseguinte, é fundamental considerar o grande campo de estudo da Ecologia Humana, (Marques, 2012) que nos lembra que os seres humanos não existem isoladamente, mas em constante interação com seu ambiente natural/biológico e construído. Essa interação mediada por tecnologias revela uma complexa teia de relações que molda não apenas a percepção pública, mas também as práticas culturais e ambientais.

Como enfatiza Eugene P. Odum (1969), a humanidade, assim como qualquer outra espécie, está intrinsecamente ligada ao seu ambiente e depende dele para sustento, abrigo e inspiração. Essa interconexão indica que até mesmo os mecanismos técnicos participam de um processo dinâmico, em que razão e emoção se entrelaçam na produção e interpretação das imagens. Nessa linha, enquanto Flusser (1985) observa que as imagens técnicas tendem a ser limitadas e repetitivas devido à programação tecnológica, Durand (2012) propõe que fotografias e filmes podem ir além, expressando arquétipos e revelando a imaginação criativa.

Tais considerações reforçam o conceito de Ecologia das Imagens, para o qual existe um ecossistema simbólico, onde o arquétipo/simbólico e o técnico/material coexistem, configurando um espaço em que as imagens não são apenas registros mecânicos da realidade, mas expressões do imaginário.

Segundo Michel Maffesoli (2001), o imaginário "tudo contamina", indicando que nossa percepção do mundo é continuamente moldada por elementos míticos e simbólicos. Ao integrar o conceito de Ecologia das Imagens a essa discussão, observamos que fatores ambientais como

condições climáticas adversas e dificuldades de acesso, influenciam diretamente a captura dessas imagens e, conseqüentemente, a produção de símbolos.

A Ecologia das Imagens: um ecossistema simbólico

A Ecologia Tradicional estuda o *oikos*, ou seja, o ambiente natural em que vivemos, explorando as interações entre os seres vivos e seu *habitat* físico (Odum, 1953). No entanto, a Ecologia das Imagens, resultado dos estudos da (AI), (Durand, 2012) e do campo da Ecologia Humana (Park, 1915), estende esse conceito para o campo simbólico e cultural, em que o *oikos* não é apenas o espaço físico mas também um ambiente de significados, em que as imagens habitam e interagem

Nesse sentido, a Ecologia das Imagens converge com o trajeto antropológico de Durand (2012), que mostra como o imaginário se organiza em símbolos e arquétipos, refletindo as relações entre o ser humano e o mundo. Assim como Durand (2012) destaca a interdependência entre o biológico, o cultural e o simbólico, a Ecologia das Imagens revela como as imagens técnicas e arquetípicas interagem com condições ecológicas e ambientais, formando um ecossistema simbólico intrínseco à vida humana.

Arquetipologia e os *Schèmes*: desvendando os Símbolos e Mitos na cultura

A Arquetipologia, perspectiva teórico-metodológica da Antropologia do Imaginário, investiga os arquétipos, que compõem a complexidade cultural. Baseia-se nas teorias de Carl Gustav Jung (2018), que definiu os arquétipos como imagens e ideias universais do inconsciente coletivo, expressas por símbolos e mitos em diversas culturas.

Neste artigo, trabalhamos com o conceito de arquétipo conforme desenvolvido por Durand (1984), focando em como esses elementos emergem nas narrativas, rituais e tradições de uma cultura. Essas manifestações simbólicas revelam mais do que aspectos culturais superficiais; elas expõem padrões biopsicossociais que moldam como as sociedades enfrentam questões fundamentais, como identidade, espiritualidade e organização social. Nesse processo, o conceito de *schème* se destaca como um ponto de partida essencial para entender a imaginação, funcionando como uma ponte entre o biológico e o cultural.

Os *schèmes* e os arquétipos atuam como padrões simbólicos fundamentais, ligados às estruturas universais da psique humana (Durand, 2012). Enquanto os *schèmes* conectam os gestos básicos do corpo à organização simbólica da realidade, os arquétipos fornecem moldes estáveis que estruturam nosso imaginário. Esses elementos integram a psique e a biologia humanas, funcionando como alicerces simbólicos que dão sentido às imagens e sustentam a coesão social. Embora as imagens arquetípicas e os símbolos se adaptem às influências culturais e históricas, os arquétipos e *schèmes* permanecem como fundamentos universais, garantindo a continuidade e a ressignificação dos mitos e símbolos que moldam nossa percepção e interação com o mundo.

Os regimes de imagens

Para Durand (2012), as imagens são categorizadas em regimes distintos: heroico (diurno), místico (noturno) e dramático (noturno). O regime heroico, também chamado de regime diurno, é caracterizado por imagens de confronto, superação e ascensão, refletindo o esforço humano para afirmar-se e vencer desafios, lidando com a luta contra o tempo e a mortalidade. Na (EH), o regime heroico reflete a relação humana com o ambiente, em que a natureza é vista como um adversário a ser dominado. Nesse sentido, as imagens diurnas simbolizam tanto o esforço para superar limites pessoais quanto a luta para controlar o meio ambiente.

O regime místico, ligado ao regime noturno, está associado à introspecção, à unidade e à fusão com o cosmos, evocando a contemplação e símbolos de escuridão e profundidade. Na (EH), esse regime representa a busca por conexão e harmonia com a natureza, refletindo práticas e rituais que promovem uma relação simbiótica e sustentável com o ambiente.

O regime dramático, pertencente ao regime noturno, destaca tensões, conflitos emocionais, ambivalências e tragédias, abordando contradições de maneira interna e complexa. Em contraste com o regime diurno, que trabalha com polaridades mais explícitas, o regime dramático, ao ser relacionado à Ecologia Humana (EH), reflete os conflitos e dilemas que emergem das interações humanas com o meio ambiente e outras formas de vida, sugerindo uma visão complexa e multifacetada dessas relações.

Essas categorizações auxiliam na compreensão de como a imaginação humana estrutura e dá sentido à experiência, utilizando diferentes tipos de imagens para lidar com a realidade e suas angústias existenciais. Gaston Bachelard (1966) complementa essa visão ao argumentar que a imaginação é o veículo através do qual a humanidade transcende a vida cotidiana, aventurando-se em direção ao novo, ao inesperado e ao surreal.

A interação entre razão, imaginação e ambiente nos regimes de imagens molda nossa percepção da realidade. Nesse ecossistema símbolos e materialidades não estão dissociadas. Assim, as imagens adquirem novas camadas de significado com as transformações socioculturais e ambientais.

Por exemplo, um símbolo religioso pode ser venerado em uma cultura enquanto é visto com indiferença ou até contestado em outra. As alterações no ambiente social e natural - como mudanças climáticas, desastres ambientais ou transformações no uso da terra pode influenciar profundamente o significado atribuído a determinadas imagens, alterando a maneira como elas são percebidas e reinterpretadas pelas culturas ao longo do tempo.

. Ao relacionar os regimes de imagens de Durand (2012) com as interações entre humanos e ambiente, revela-se o papel simbólico central dos elementos naturais/ecológicos na vida das comunidades, moldando e sendo moldados por práticas sociais e imaginários. Durand (2012) categoriza essas imagens em três tipos principais.

Heroicas ou Esquizomorfias - As imagens heroicas ou esquizomorfias, segundo Durand (2012), estão associadas ao gesto postural, que expressa enfrentamento, resistência ou separação. Essas imagens refletem ideais de grandeza e heroísmo ou representam fragmentação e desintegração. No regime diurno, são organizadas para destacar ordem, controle e hierarquia, com representações claras entre opostos, como bem e mal ou vida e morte. Esse regime busca lidar com as angústias humanas por meio da diferenciação, estabelecendo coesão simbólica e estabilidade racional.

Na Ecologia das Imagens, as representações heroicas fazem parte de um ecossistema simbólico que reforça a coesão social e ambiental. O regime noturno integra opostos e contradições, acolhendo imagens de fusão e metamorfose. Assim, a Ecologia das Imagens interpreta essas representações como a coexistência e fluidez das realidades socioculturais e ambientais.

Dramáticas ou Sintéticas - As imagens dramáticas ou sintéticas estão ligadas ao gesto copulativo, que envolve a combinação de diferentes elementos (Durand,2010). Essas imagens expressam tensões, conflitos e emoções intensas, capturando a essência da interação humana. No regime diurno, são apresentadas de forma clara e direta; no regime noturno, exploram a ambiguidade. Na Ecologia das Imagens, essas representações simbolizam as tensões e interações entre elementos socioambientais, refletindo dinâmicas emocionais e a convivência entre opostos

Místicas ou Antifrásicas - conectadas ao gesto digestivo. As imagens místicas ou antifrásicas estão associadas ao gesto digestivo, que se refere ao processo de assimilação e transformação interna de experiências e significados. Essas imagens frequentemente abordam temas de transcendência, espiritualidade e interpretação subjetiva. Elas podem apresentar uma

profundidade simbólica e uma transformação de significado que vai além da superfície. No regime noturno, essas imagens exploram aspectos ocultos e profundos da experiência humana, frequentemente ligadas à espiritualidade e ao inconsciente. A Ecologia das Imagens explora como imagens místicas ligadas ao gesto digestivo representam a assimilação e transformação de experiências, refletindo introspecção e espiritualidade.

Todos esses agrupamentos de imagens refletem a essência da existência humana, especialmente no que diz respeito passagem do tempo e a finitude. Diante disso, as imagens técnicas, integradas aos diferentes regimes de percepção — diurno e noturno — desempenham um papel fundamental na construção de significados que ligam a natureza e a condição humana.

Metodologia

A Arquetipologia, segundo Durand (2012), é uma abordagem teórico-metodológica voltada para identificar, analisar e interpretar padrões arquetípicos em diferentes expressões culturais, como mitos, literatura, artes e sonhos. Seu objetivo é compreender como esses arquétipos influenciam a psique humana, moldando percepções e comportamentos. Aplicada em disciplinas como psicologia analítica, antropologia, literatura e arte, também encontra uso prático em áreas como marketing, publicidade e jornalismo, onde os arquétipos ajudam a criar conexões emocionais com o público.

Aplicação Metodológica

O método de procedimento adotado incluiu dois níveis: a hermenêutica simbólica de Durand (2012), própria para o estudo do imaginário e válida para qualquer mensagem humana, e o método indutivo descrito por Bacon (2010). A hermenêutica simbólica é utilizada para interpretar mensagens míticas e mediáticas, enquanto o método indutivo formula conclusões gerais a partir de observações específicas, identificando padrões nos dados e testando hipóteses por meio de novas observações ou experimentos.

Tipologia da pesquisa

A pesquisa é qualitativa, descritiva e bibliográfica, centrada na interpretação de símbolos, mitos e arquétipos nas imagens técnicas do telejornal. Com base na arquetipologia e na Ecologia Humana, investiga-se a vivência coletiva ligada à transposição do rio São Francisco e seus impactos socioambientais, revelando a interconexão entre o imaginário coletivo e as práticas ecológicas.

Apresentação do corpus analítico-investigativo: primeiras leituras

O corpus analítico deste estudo foi composto por quatro reportagens televisivas veiculadas em 2007, 2017, 2020 e 2021, abordando a transposição do Rio São Francisco. A escolha dessas reportagens fundamenta-se na relevância histórica de cada ano, que representa momentos críticos e emblemáticos no desenvolvimento do projeto e suas consequências socioambientais. Esses períodos atraíram grande interesse da mídia, resultando em ampla cobertura televisiva que contribuiu para moldar o imaginário em torno do rio e da transposição.

A análise dessas reportagens permite observar como diferentes narrativas foram construídas e disseminadas ao longo dos anos, refletindo mudanças na percepção pública e nas questões socioambientais envolvidas.

A primeira reportagem², exibida em 2007 pela TV Grande Rio, afiliada da Rede Globo no Sertão Pernambucano, no programa *GRTV Primeira Edição*, aborda o jejum realizado por Frei Luiz Flávio Cappio como forma de protesto contra a transposição das águas do Rio São Francisco. Essa reportagem destaca a resistência local, além dos aspectos simbólicos e religiosos envolvidos na luta contra a transposição.

A segunda³ A reportagem de 2017, exibida pelo SBT Brasil, aborda a chegada das águas do Rio São Francisco à cidade paraibana de Monteiro, simbolizando a expansão do “Velho Chico” e trazendo promessas de progresso e desenvolvimento à região

A terceira reportagem⁴, exibida em 2020 no telejornal *Brasil em Dia*, da Rede Brasil de Comunicação, trata da integração do Rio São Francisco como um fator de desenvolvimento no Ceará. A cobertura destaca as oportunidades de crescimento econômico e social proporcionadas pela transposição, reforçando a ideia de progresso regional. Por fim, a última reportagem⁵, veiculada em 2021 pela Rede Bandeirantes de Comunicação, no *Jornal da Band*, evidencia os impactos positivos da transposição na produção de alimentos, reforçando a narrativa de benefícios socioeconômicos. As reportagens selecionadas, com duração entre 1m30s e 2m50s, servem como base para investigar como o telejornalismo constrói sentidos socioambientais e simbólicos. Segundo Becker (2005), a seleção de cenas, edição, palavras e tom narrativo moldam percepções e significados culturais, mostrando o telejornalismo como produtor de sentidos, além de mero transmissor de informações. A seguir, as análises das imagens extraídas das reportagens nos telejornais brasileiros.

Figura 1: Frei Cappio sendo levado ao hospital após quase um mês de jejum contra a transposição das águas do Rio São Francisco



Fonte: TV Grande Rio, afiliada da Globo em Petrolina (PE), 2007.

A imagem selecionada (Figura 1) mostra o momento final do protesto de Frei Luiz Flávio Cappio, em novembro de 2007, contra a transposição do Rio São Francisco. Durante o ato, Cappio contou com o apoio de comunidades indígenas e alguns representantes políticos, unidos pela defesa dos povos tradicionais e da conservação ambiental. A imagem simboliza não só o fim de um ato de resistência, mas também a união de forças sociais e políticas em torno de uma causa coletiva pela justiça socioambiental.

A cena de Dom Luiz Flávio Cappio sendo levado na maca, após quase um mês de protesto contra a transposição do Rio São Francisco, carrega forte simbolismo, evocando o arquétipo do mártir e destacando sua dedicação e coragem ao sacrificar a saúde por uma causa maior. Ele surge como um herói cuja resistência moral permanece evidente, mesmo em sua vulnerabilidade física

O regime diurno do imaginário destaca a ação heroica de Dom Cappio, sua determinação em continuar lutando mesmo diante das adversidades. O regime noturno, por outro lado, revela sua fragilidade física, simbolizando a vulnerabilidade humana diante do caos, mas ainda carregando a força do sacrifício.

3 SBT (2017), <https://www.youtube.com/watch?v=n-vp6PeixDs>.

4 TV Brasil (2020), Reportagem disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=9jcWoeoROAE>.

5 BAND (2021), <https://www.youtube.com/watch?v=5d8Ggl-ihmM>.

Com base na Ecologia das Imagens, essa análise mostra como a imagem transcende a simples representação, tornando-se um agente simbólico que conecta o ser humano, a cultura e o meio ambiente. Nesse contexto, a Ecologia das Imagens ajuda a compreender como a figura de Dom Cappio ressoa nas dinâmicas socioculturais, destacando o sacrifício como um ato que denuncia o desequilíbrio ecológico e reforça a necessidade de ação coletiva para preservar o “*oikos*” – o ambiente compartilhado.

Figura 2: Imagem destaca a abundância e a força das águas do Rio São Francisco a poucos metros da residência



Fonte: Sistema Brasileiro de Televisão - SBT/BRASIL, 2017.

A imagem (Figura 2) mostra a chegada das águas do Rio São Francisco à região de Monteiro, na Paraíba, como parte das obras de transposição, exibida pelo telejornal SBT Brasil, em 2017 e ressalta a água como símbolo de desenvolvimento e esperança, destacando o contraste entre o cenário árido do sertão e a vitalidade da água. A presença de uma casa simples próxima ao córrego simboliza a resistência das comunidades locais que enfrentaram a escassez hídrica por anos, evocando o arquétipo da resiliência e da esperança mesmo em condições adversas.

A casa torna-se símbolo de abrigo e continuidade, enquanto o contraste entre a aridez e a chegada das águas do São Francisco sugere transformação e renovação. No regime diurno, a água simboliza vida e esperança, revitalizando a terra; já no regime noturno, representa a dualidade de criação e destruição, refletindo o progresso com seus desafios ecológicos e sociais, exigindo conciliação e adaptação.

Sob a perspectiva da Ecologia das Imagens essa intervenção não impacta apenas o ecossistema natural, mas também as dinâmicas culturais das comunidades que dependem dessas águas. A água, neste caso, é mais do que um recurso físico; ela carrega significados simbólicos profundos que influenciam a identidade coletiva, as práticas culturais e as relações sociais. Assim, a transposição da água pode tanto reforçar quanto desestabilizar o tecido social, exigindo uma gestão que considere as dimensões simbólicas e culturais das relações humanas com o meio ambiente

Figura 3: Canais da transposição levando as águas do Rio São Francisco para o estado do Ceará



Fonte: TV Brasil, 2020.

A imagem (figura 3) que exibe a legenda “Água no Sertão: integração do Rio São Francisco leva mais oportunidades de desenvolvimento ao Ceará”, extraída da reportagem

exibida em 2020 no telejornal Brasil em Dia, da Rede Brasil, mostra os canais da transposição que levam as águas do Rio São Francisco ao Ceará. A reportagem, está disponível no YouTube e evidência a força do progresso e a promessa de desenvolvimento, mudando toda a paisagem.

A imagem dos canais construídos simboliza o arquétipo do progresso, representando a capacidade humana de transformar o ambiente para melhorar as condições de vida e promover o desenvolvimento. No regime diurno do imaginário, a imagem destaca a intervenção positiva na paisagem, com a água corrente simbolizando vida e prosperidade. Essa visão realça a vitória da tecnologia e do esforço humano sobre as adversidades naturais, evidenciando a transformação e a vitalidade da região

A imagem dos canais cheios de água transmite a ideia de que o progresso trouxe uma solução concreta para um problema antigo. No regime noturno do imaginário, essa imagem revela a dualidade e a fragilidade dessas grandes intervenções, lembrando os desafios e incertezas que podem surgir. Além de celebrar o progresso, a cena convida à reflexão sobre os impactos a longo prazo, destacando os benefícios imediatos para as comunidades e a necessidade de considerar as implicações ecológicas e sociais dos projetos.

Figura 7: Vista aérea de áreas verdes em contraste com o árido e desértico clima do semiárido brasileiro



Fonte: Rede Bandeirantes de Comunicação – BAND, 2021

A imagem dos campos verdes em meio ao solo árido (Figura 4), da reportagem “Produção de alimentos aumenta com transposição do São Francisco”, exibida pelo Jornal da Band, em 2021, simboliza abundância, fertilidade e renascimento. Essa narrativa sugere que a natureza pode florescer mesmo em ambientes desafiadores, quando recebe recursos adequados. Nesse contexto, destaca-se a adaptação das comunidades humanas e a busca por equilíbrio entre suas necessidades e a preservação dos ecossistemas. Além disso, nesta análise, a água do Rio São Francisco é retratada como um herói transformador, simbolizando a força vital que enfrenta e supera os desafios ambientais.

No regime diurno, a imagem das plantações verdes contrasta com o solo árido, simbolizando crescimento e esperança pela transposição das águas. No regime noturno, esse contraste reflete o conflito entre natureza e intervenção humana e mostra a tensão causada pela dependência da tecnologia para manter a produtividade, sugerindo que, sem a transposição das águas, a paisagem retornaria ao seu estado árido original.

Assim a imagem revela a vulnerabilidade das comunidades que dependem da tecnologia e dos recursos hídricos para sobreviver e prosperar. Essa análise visual mostra como essas dependências e interações simbólicas com o ambiente são representadas dentro da Ecologia das Imagens, que integra aspectos culturais e simbólicos e biológicos à nossa relação com o meio ambiente.

A inter-relação das Imagens Técnicas e a Produção Simbólica em Pautas Socioambientais

De acordo com as teorias da Ecologia Cultural, como exploradas por Julian Steward (1955), a relação simbiótica entre seres humanos e seu ambiente é essencial para entender a adaptação cultural e social em contextos de transformação ambiental. Nesse sentido, as imagens analisadas evocam arquétipos como o mártir, o herói transformador, e o progresso, que ressoam com o imaginário coletivo, conferindo uma dimensão simbólica as narrativas do telejornal.

Além disso, a análise dos regimes de imagem, conforme proposto por Gilbert Durand (2012), nos permite compreender como essas imagens técnicas operam dentro de diferentes perspectivas. No regime diurno, as imagens enfatizam a luz, a esperança e o progresso, destacando as conquistas humanas e os benefícios trazidos pela transposição. Esta abordagem reflete uma visão otimista, alinhada às representações heroicas ou sintéticas, que lidam com ideais de grandeza e a coesão aparente das realizações humanas.

No regime noturno, as imagens evocam a dualidade, a fragilidade e as incertezas que permeiam as intervenções humanas, refletindo a complexidade e as ambiguidades inerentes aos projetos de grande escala. Esse regime nos lembra dos desafios e responsabilidades que surgem quando se tenta equilibrar progresso e conservação. As imagens acolhem a tensão entre opostos — criação e destruição, segurança e risco —, sugerindo que nossa relação com essas intervenções não é simples, mas marcada por uma aceitação de nossas vulnerabilidades e uma visão fragmentada e fluida da realidade. Aqui, as estruturas dramáticas ou esquizomorfias expressam a complexidade e a desintegração, refletindo as preocupações com a sustentabilidade e as implicações a longo prazo dessas intervenções tecnológicas.

Nesse contexto, a Ecologia Humana contribui para a compreensão dessas imagens ao destacar a interdependência entre o ambiente natural e as ações humanas. Em todo contexto, em que a pesquisa se insere, é crucial reconhecer não apenas o papel da subjetividade humana na composição dessas imagens técnicas, mas também as interações complexas que envolvem fatores biológicos e sociais. Para Flusser (1985), as imagens técnicas, como fotos e vídeos, não são meros reflexos da realidade, mas construções culturais carregadas de intenções e ideologias. Complementando essa visão, Durand (2010) explora o imaginário como um campo onde símbolos emergem, organizando e estruturando nossa percepção e compreensão do mundo. Juntas, essas perspectivas destacam a profundidade cultural e simbólica das imagens, que vão além da representação objetiva.

No entanto, a principal diferença entre os autores reside no foco de suas análises. Flusser (1985) concentra-se nas imagens técnicas e na maneira como a tecnologia molda a produção e a interpretação dessas na era contemporânea, em que o advento da fotografia, do cinema e da mídia digital transformou radicalmente a forma como as imagens são criadas e consumidas, exigindo uma nova forma de entender e interagir com elas.

Já Durand (1988) vê as imagens como uma estrutura antropológica universal, manifestada por símbolos e arquétipos. Considerando tanto a influência tecnológica destacada por Flusser (1985) quanto as estruturas arquetípicas exploradas por Durand (1988) e os conceitos da Ecologia Humana, a Ecologia das Imagens surgiu como uma perspectiva integrada, reconhecendo que as imagens operam em uma rede complexa de significados, um ecossistema único que entrelaça o contemporâneo e o atemporal, o técnico e o simbólico.

O Antropólogo Tim Ingold (2002) argumenta que a percepção humana é moldada tanto por fatores objetivos, quanto subjetivos. Assim, embora as câmeras e outras ferramentas sejam utilizadas para capturar imagens objetivas, a escolha dos ângulos, filtros e enquadramentos é feita por seres humanos, imbuindo cada imagem com uma camada de vários elementos arquetípicos.

A interseção entre razão e sensibilidade revela que, por trás das tecnologias, há intenções que moldam a representação dos eventos. A Ecologia das Imagens surge como um ecossistema

simbólico essencial à espécie humana, onde traços genéticos e ambientais se cruzam com o cultural e a tecnologia para produzir sentidos complexos. Nesse espaço vital, as interações visuais e simbólicas refletem e influenciam as percepções humanas, reforçando as conexões entre nosso imaginário coletivo e o mundo natural.

Considerações finais

A Ecologia das Imagens, como proposta neste estudo, surge da interseção entre a Ecologia Humana e a Antropologia do Imaginário, revelando um ecossistema simbólico em que o técnico/material e o cultural/ biológico se encontram e se influenciam mutuamente. Ao longo desta pesquisa, constatamos que as representações visuais, como transmitidas pelo telejornalismo, com temas ambientais não são meros registros técnicos, mas expressões complexas que carregam significados profundos, moldados por fatores socioculturais, históricos e ecológicos, em que o telejornal desempenha um papel central na construção dessas imagens e na disseminação de narrativas que moldam a percepção pública sobre temas socioambientais.

A junção dessas abordagens (simbólica e material) permite entender como as imagens técnicas longe de serem neutras, se tornam veículos de narrativas que refletem tanto as interações humanas com o ambiente, quanto as estruturas arquetípicas que dão significado a vida. Nesse sentido, a Ecologia das Imagens amplia o olhar para além da análise cartesiana e positivista integrando o simbólico e o imaginário às discussões sobre sustentabilidade, cultura e sociedade.

Em um mundo mediado por imagens, os estudos do imaginário são essenciais para compreender como as representações culturais carregam profundidade simbólica e influenciam as relações das comunidades com o meio ambiente. A Ecologia das Imagens, ao integrar essas dimensões simbólicas e culturais, ajuda a promover uma conexão mais consciente com a natureza. Em tempos de crise ambiental, essa abordagem é especialmente relevante, pois imagens de desastres, heróis ecológicos ou intervenções em lagos e rios não apenas moldam percepções, mas também influenciam atitudes e políticas ambientais.

Referencial Bibliográfico

- Bachelard, G. (1966). *A formação do espírito científico*. Contraponto.
- Becker, B. (2005). *A linguagem do telejornal: Um estudo da cobertura dos 500 anos do descobrimento do Brasil*. Editora E-papers.
- Bacon, F. (2010). *Novum organum*. PUF.
- Durand, G. (1984). *Mito, símbolo e mitologia*. Presença.
- Durand, G. (1988). *A imaginação simbólica*. Editora Cultrix.
- Durand, G. (2010). *O imaginário: Ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem*. Difel.
- Durand, G. (2012). *As estruturas antropológicas do imaginário: Introdução à arquetipologia geral*. Martins Fontes.
- Flusser, V. (1985). *A filosofia da caixa preta: Ensaios para uma futura filosofia da fotografia*. Hucitec.

- Haeckel, E. H. (1866). *Generelle Morphologie der Organismen: allgemeine Grundzüge der organischen Formen-Wissenschaft, mechanisch begründet durch die von Charles Darwin reformierte Descendenz-Theorie* (Vol. 2). Verlag von Georg Reimer.
- Ingold, T. (2002). Culture and the perception of the environment. In *Bush base, forest farm* (pp. 38-56). Routledge.
- Jung, C. G. (2018). *Os arquétipos e o inconsciente coletivo* (Vol. 9/1). Editora Vozes.
- Maffesoli, M. (2001). O imaginário é uma realidade. *Revista Famecos*, (15), 74-81.
- Marques, J. (2012). *Ecologia da alma*. Franciscana.
- Odum, E. P. (1969). The strategy of ecosystem development: An understanding of ecological succession provides a basis for resolving man's conflict with nature. *Science*, 164(3877), 262-270.
- Park, R. E. (1915). The city: Suggestions for the investigation of human behavior in the city environment. *American Journal of Sociology*, 20(5), 577-612.
- Postman, N. (2000). The humanism of media ecology. *Proceedings of the Media Ecology Association*, (1), 10-16.
- Rede Bandeirantes de Comunicação - BAND. (2021). *Produção de alimentos aumenta com transposição do São Francisco* [Vídeo]. YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=5d8Ggl-ihmM>
- Sistema Brasileiro de Televisão - SBT. (2017). *Água da transposição do Rio São Francisco chega ao sertão nordestino* [Vídeo]. YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=n-vp6PeixDs>
- SBT. (2017). *Água da transposição do Rio São Francisco chega ao sertão nordestino - SBT Brasil* [Vídeo]. YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=n-vp6PeixDs>
- Steward, J. H. (1955). *Theory of culture change: The methodology of multilineal evolution*. University of Illinois Press.
- Thompson, J. B. (1995). *The media and modernity: A social theory of the media*. University Press.
- TV Brasil. (2020). *Água do Velho Chico chega ao Ceará* [Vídeo]. YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=9jcWoeoROAE>.
- TV Grande Rio. (2015). *Greve de fome* [Vídeo]. YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=2OZLMlbtN7Y>.

6 DISCUSSÃO GERAL

Esta tese buscou analisar as dimensões míticas e simbólicas associadas à transposição das águas do Rio São Francisco, revelando que este fenômeno transcende sua natureza como obra de engenharia, assumindo uma posição central como um processo cultural e simbólico que molda e é moldado pelas comunidades envolvidas. Os resultados obtidos destacam a importância de integrar os aspectos simbólicos e culturais às práticas socioambientais, considerando os mitos, símbolos e arquétipos como elementos fundamentais para compreender as interações humanas com o meio ambiente.

A contribuição central desta pesquisa foi a introdução do conceito de Ecologia das Imagens, que amplia e une os campos da Ecologia Humana e da Antropologia do Imaginário. Essa abordagem demonstra que as imagens não apenas registram realidades objetivas, mas também traduzem significados profundos e moldam narrativas simbólicas que influenciam as práticas ecológicas e culturais. A partir dessa perspectiva, as imagens são compreendidas como agentes ativos em um ecossistema simbólico, em que os arquétipos e símbolos interagem com dinâmicas políticas, históricas, naturais e socioculturais, criando novos sentidos e reconfigurando identidades.

A análise das representações telejornalísticas demonstrou que o telejornalismo atua como uma tecnologia do imaginário (MACHADO, 2012), transformando eventos em narrativas que ressoam no inconsciente coletivo. As reportagens sobre a transposição do Rio São Francisco revelaram a presença de mitos, como os de Prometeu, Sumé e Exu, que se manifestam como metáforas de progresso, resistência, sacrifício, renascimento e reconciliação. Essas narrativas midiáticas não apenas informam, mas também constroem significados culturais e ecológicos que moldam comportamentos.

Nesse contexto, os mitos revelam uma dualidade interessante: enquanto os arquétipos que os sustentam permanecem estáveis ao longo do tempo, suas manifestações simbólicas são frequentemente modificadas para dialogar com as realidades culturais e ambientais do presente. No caso da transposição do Rio São Francisco, percebe-se que os arquétipos de heróis, deuses e figuras simbólicas se adaptam às tensões contemporâneas, como o embate entre progresso tecnológico e preservação ambiental. Essa dinâmica não apenas reafirma a relevância dos mitos, mas também evidencia sua capacidade de se reinventar como ferramentas de sentido que conectam passado, presente e futuro, moldando a compreensão humana sobre o meio ambiente.

Do ponto de vista socioambiental, a Ecologia das Imagens oferece uma contribuição teórica e prática significativa. Ao analisar representações midiáticas, especialmente no

telejornalismo, a pesquisa revelou como as narrativas visuais, permeadas por mitos e arquétipos universais, ressignificam eventos ambientais e influenciam atitudes sociais. No entanto, essas narrativas também absorvem elementos do contexto ecológico, adaptando-se às transformações culturais e ambientais. Assim, o telejornalismo emerge como uma ferramenta de mediação técnico-simbólica que registra, interpreta e molda os significados atribuídos ao meio ambiente.

Além disso, a Ecologia das Imagens promove uma nova compreensão das intervenções humanas no meio ambiente, considerando que símbolos e arquétipos associados a essas ações impactam diretamente a coesão social e a identidade cultural. A transposição do Rio São Francisco, ao reconfigurar o imaginário das comunidades locais, exige políticas públicas inclusivas que respeitem e valorizem essas narrativas simbólicas, integrando-as às práticas de gestão ambiental.

Por fim, esta pesquisa revelou que as dimensões simbólicas não são meros acessórios culturais, mas estruturas fundamentais que permeiam as práticas humanas e suas interações com o meio ambiente. A abordagem interdisciplinar proposta, ao articular Ecologia Humana, Antropologia do Imaginário e o conceito de Ecologia das Imagens, apresenta um caminho para superar as limitações das abordagens estritamente técnicas e utilitárias. Esta tese propõe uma nova visão sobre os desafios ambientais contemporâneos, ressaltando que soluções verdadeiramente sustentáveis devem levar em conta tanto os aspectos técnicos/materiais quanto os simbólicos e culturais. Assim, a Ecologia das Imagens emerge como um campo integrador para explorar e transformar as relações entre natureza, cultura, tecnologia e mídia.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das análises realizadas, esta pesquisa oferece uma contribuição significativa tanto para a Ecologia Humana quanto para o jornalismo e os estudos do Imaginário. O estudo evidencia que as imagens técnicas — capturadas e difundidas por dispositivos móveis e digitais, como aquelas produzidas sobre a transposição do Rio São Francisco — transcendem a função de mero registro documental ou reflexo de um momento histórico. Essas imagens operam como mediadoras de significados, estando impregnadas de arquétipos, mitos e símbolos universais que estruturam nossa percepção da realidade.

Esse fenômeno pode ser compreendido à luz de pesquisas anteriores que exploram a relação entre imagem, imaginário e poder simbólico, como os estudos sobre a iconologia de Aby Warburg, que demonstram a persistência de padrões visuais ao longo da história, e as análises de Vilém Flusser, que apontam para a função programática das imagens técnicas na era digital. Da mesma forma, autores como Gilbert Durand ressaltam que o imaginário não é

um mero reflexo da realidade empírica, mas uma estrutura antropológica que influencia e é influenciada por contextos socioculturais e ecológicos. Ao se apropriar dessas discussões, esta pesquisa insere-se em um campo interdisciplinar que considera as imagens técnicas como parte de um ecossistema simbólico em constante transformação.

Além disso, o estudo dialoga com abordagens da ecocrítica e da antropologia visual, que investigam como as representações midiáticas do meio ambiente impactam discursos políticos e práticas socioambientais. A análise das imagens telejornalísticas sobre a transposição do São Francisco confirma que tais registros não apenas documentam a obra ou seus efeitos, mas também participam da construção de narrativas que legitimam ou contestam intervenções humanas na natureza. Esse processo ressalta a importância de compreender as imagens dentro de um contexto maior, no qual os dispositivos midiáticos desempenham um papel ativo na mediação simbólica das relações entre sociedade e meio ambiente.

Dessa forma, a pesquisa revela que as imagens não apenas moldam a percepção pública sobre o meio ambiente, mas também influenciam práticas culturais, políticas e ecológicas. Ao entrelaçar diferentes perspectivas teóricas, este estudo reforça a necessidade de uma abordagem integradora, que compreenda as imagens técnicas como elementos fundamentais na construção de significados, identidades e imaginários sobre o mundo natural e as ações humanas que o transformam.

Nesse sentido, a compreensão das dimensões míticas e simbólicas se aproxima de um caráter estético, em que a poesia e a arte também se revelam como produtoras de um conhecimento mais fluido e ancestral. Esse saber nos conecta à nossa condição de seres racionais, mas também imaginativos, capazes de criar significados que transcendem o tempo e o espaço.

No primeiro artigo/capítulo da tese, destacou-se a convergência entre a Ecologia Humana e a Antropologia do Imaginário, evidenciando que o ser ecológico e o ser simbólico são indissociáveis e convivem mutuamente. Essa relação abrange tanto a base racional e cartesiana quanto os aspectos poéticos e sensíveis da vida cotidiana. Essa perspectiva revelou como os mitos e símbolos contribuem para uma compreensão mais ampla e poética das interações humanas com a natureza, fundamentando-se na ideia de um trajeto antropológico que estrutura nossas práticas culturais e ambientais. Esse trajeto reforça o conceito de mito como algo que nos conecta a nós mesmos e aos demais elementos do planeta, longe de ser uma representação falsa ou inexistente da criação humana. Neste estudo, o mito é visto como uma riqueza da espécie, capaz de estabelecer conexões individuais e coletivas com os diversos cenários da vida. O Mito emerge como um elo essencial para compreender não apenas a cultura,

mas também a relação simbólica que desenvolvemos com o meio ambiente.

O segundo artigo adotou a Mitocrítica como metodologia de análise, conforme sistematizada por Gilbert Durand, para investigar a presença de mitos e símbolos em produções culturais. Aplicando essa abordagem às narrativas telejornalísticas, foi possível identificar como as reportagens sobre a transposição do Rio São Francisco não apenas informam os fatos, mas também ativam e ressignificam arquétipos e mitologemas que atravessam diferentes temporalidades e contextos socioculturais. Dessa forma, a pesquisa revelou que essas narrativas midiáticas desempenham um papel fundamental na construção do imaginário coletivo, consolidando sentidos simbólicos que influenciam a percepção da obra e suas implicações socioambientais.

Ao longo da análise, observou-se que os mitos e símbolos presentes nas reportagens cumprem um papel estruturante, conferindo sentido às práticas socioambientais e às percepções sobre a transposição. Essas narrativas constroem significados que ora reforçam a visão da obra como um marco de progresso e redenção para regiões áridas, ora evocam arquétipos de resistência e sacrifício diante das transformações impostas ao meio ambiente e às comunidades tradicionais.

O estudo evidenciou que a presença desses elementos simbólicos nas reportagens reflete as complexas interações entre desenvolvimento e conservação ambiental. Mais do que simples registros factuais, essas narrativas se ancoram em estruturas míticas que influenciam a maneira como a sociedade percebe e responde às grandes intervenções no território, demonstrando que a relação entre a mídia, a cultura e o meio ambiente se dá em um ecossistema simbólico dinâmico e multifacetado.

O terceiro artigo aprofundou a investigação sobre a influência dos arquétipos na construção das imagens técnicas, demonstrando que essas representações visuais vão além da mera documentação factual e operam como agentes na construção e manutenção de um ecossistema simbólico. Inicialmente concebidos por Jung como padrões universais enraizados no inconsciente coletivo, os arquétipos foram posteriormente refinados por Durand, que os compreendeu não como estruturas fixas, mas como matrizes dinâmicas que se manifestam por meio de símbolos e narrativas, moldando a experiência humana e a produção cultural. Nesse sentido, as imagens captadas e veiculadas pelos dispositivos midiáticos não são neutras ou isentas de significados; ao contrário, carregam camadas de sentido que emergem de um imaginário coletivo, atravessado por estruturas míticas e simbólicas que influenciam a percepção social dos eventos representados. Assim, a pesquisa evidenciou que essas imagens

técnicas não apenas refletem a realidade, mas também participam ativamente na ressignificação dos mitos e arquétipos que estruturam o imaginário contemporâneo.

A análise arquetípica revelou que essas imagens atuam como mediadoras de sentidos, promovendo uma interação contínua entre os aspectos técnicos da captação e edição e a carga simbólica que elas evocam. Esse processo evidencia como a mediação telejornalística não apenas registra a realidade, mas também a molda, inscrevendo nela esquemas narrativos profundos que ressoam em diferentes contextos históricos e culturais. No caso da transposição do Rio São Francisco, as imagens mobilizam tanto arquétipos heroicos, que enaltecem a grandiosidade da intervenção humana sobre a natureza, quanto arquétipos trágicos, que ressaltam os conflitos, as perdas e as resistências de comunidades afetadas pela obra.

A partir das reflexões construídas ao longo da pesquisa, tornou-se evidente que as imagens técnicas, mediadas por dispositivos midiáticos, não são meros registros visuais, mas atuam ativamente na construção de significados socioambientais. Essa percepção levou ao desenvolvimento do conceito de Ecologia das Imagens, que se insere na confluência entre a Ecologia Humana e a Antropologia do Imaginário. Inspirada na ideia de que a ecologia tradicional estuda os ecossistemas naturais e suas inter-relações, a Ecologia das Imagens propõe compreender as imagens como parte de um ecossistema simbólico, no qual as dimensões técnicas e mitopoéticas se entrelaçam, participando da configuração das percepções coletivas sobre o meio ambiente e as grandes intervenções humanas.

Em outras palavras, a Ecologia das Imagens se apresenta como um campo de estudo essencial para investigar como os dispositivos técnicos de captura e difusão de imagens não apenas documentam eventos, mas participam ativamente da produção de sentidos sobre o mundo.

Ao considerar esse entrelaçamento, torna-se possível perceber que a relação entre o ser humano e o meio ambiente, mediada pela imagem técnica, não se limita à transmissão de informações visuais, mas está inserida em um sistema dinâmico de referências míticas e culturais que estruturam nossa forma de ver, interpretar e narrar o mundo.

A Ecologia das Imagens é nesse ponto compreendida como um ecossistema simbólico em que o imaginário humano se entrelaça com as representações visuais e arquetípicas, moldando e sendo moldado por fatores socioculturais, históricos e naturais.

No entanto, mais do que uma conclusão fechada, esta tese se apresenta como um ponto de partida para novas reflexões. A Ecologia das Imagens, ao integrar perspectivas da Antropologia do Imaginário e da Ecologia Humana, abre caminhos para aprofundar pesquisas sobre o papel das imagens técnicas em diferentes contextos culturais, políticos e ambientais. O

diálogo entre esses campos convida a repensar como as narrativas visuais não apenas documentam eventos, mas também se tornam agentes ativos na formação do imaginário coletivo, na definição de políticas ambientais e na construção de identidades sociais.

Diante disso, a pesquisa não se encerra em si mesma, mas propõe novas possibilidades para compreender a complexidade das interações entre o simbólico e o tecnológico, entre o humano e a natureza. O conceito de Ecologia das Imagens se insere, assim, em um campo em constante construção, estimulando abordagens transdisciplinares e interdisciplinares que ampliem o entendimento sobre as formas como percebemos e narramos o mundo à nossa volta.

REFERÊNCIAS

- ABRAM, David. **The spell of the sensuous: Perception and language in a more-than-human world**. Vintage, 2012.
- BACHELARD, Gaston. **A poética do devaneio**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- BACON, Francis. **Novum organum**. PUF, 2010.
- BENETTI, Marcia. Jornalismo e imaginário: o lugar do universal. In: KUNSCH, Dimas (Org.). **Esfera pública, redes e jornalismo**. São Paulo: Epapers, 2009, pp. 286-298.
- BOFF, Leonardo. **Sustentabilidade: o que é, o que não é**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2021.
- CAMPBELL, Ralph. B.; BOWER, Carlton. A.; RICHARDS, Loren. A. **Change of electrical conductivity with temperature and the relation of osmotic pressure to electrical conductivity and ion concentration for soil extracts**. 1949.
- CASTRO, César Nunes de. **Transposição do Rio São Francisco: análise de oportunidade do projeto**. 2010.
- DUARTE, Alisson Jose Oliveira. Ecologia da alma: a natureza na obra científica de Carl Gustav Jung. **Junguiana**, São Paulo, v. 35, n.1, p. 05-19, Jun. 2017. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0103-08252017000100002. Acesso em: 20 jun. 2024.
- DURAND, Gilbert **O imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem**. Rio de Janeiro: Difel, 2010.
- DURAND, Gilbert. **A imaginação simbólica**. São Paulo: Cultrix e Edusp, 1988.
- DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arquetipologia geral**. São Paulo: Martins Fontes, 2012.
- DURAND, Gilbert. **Mito, símbolo e mitologia**. Lisboa: Presença, 1984.

- DURAND, Gilbert; MAFFESOLI, Michel. **Les mythes fondateurs de la franc-maçonnerie**. Dervy, 2024.
- ELIADE, Mircea. **Mito e Realidade**. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- FLUSSER, Vilém. **Filosofia da caixa preta: Ensaio para uma futura filosofia da fotografia**. São Paulo: Hucitec, 1985.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. Edições Loyola, 1996.
- GONÇALVES, Carlos Walter Porto. **Os (des) caminhos do meio ambiente**. 15. ed. São Paulo: Contexto, 2021.
- HARARI, Yuval Noah. **Sapiens: A brief history of humankind**. Random House, 2014.
- HARVEY, Graham. **Listening people, speaking earth: Contemporary paganism**. Hurst, 1997.
- HEISE, Ursula K. **Imagining extinction: The cultural meanings of endangered species**. University of Chicago Press, 2019.
- IOVINO, SERPIL; OPPERMANN, Serenella. **Material ecocriticism**. Indiana: Indiana University Press, 2014.
- JUNG, Carl Gustav. **O homem e seus símbolos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1964.
- JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- LEGROS, Patrick et al. **Sociologia do imaginário**. Porto Alegre: Sulina, 2007.
- MACHADO, Paulo de Almeida. **Ecologia humana**. São Paulo: Autores Associados, 1984.
- MAFFESOLI, Michel. **Elogio da razão sensível**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.
- MAFFESOLI, Michel. O imaginário é uma realidade. **Revista Famecos**, Porto Alegre, v. 1, n. 15, pp. 74-82, ago. 2001.
- MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do trabalho científico: projetos de pesquisa/pesquisa bibliográfica/teses de doutorado, dissertações de mestrado, trabalhos de conclusão de curso**. São Paulo: Atlas, 2017.
- MORIN, Edgar. **O pensar complexo: Edgar Morin e a crise da modernidade**. Editora Garamond, 1999.
- NIZ, Pedro Alcides Robertt *et. al.* **Metodologia em ciências sociais hoje: perspectivas epistemológicas, reflexões teóricas e estratégias metodológicas**. Paco e Littera, v. 1, 2016.
- PENA-VEGA, Alfredo. **O despertar ecológico: Edgar Morin e a ecologia complexa**. Editora Garamond, 2005.

PITTA, Danielle Rocha. **Iniciação à teoria do imaginário de Gilbert Durand**. Rio de Janeiro: Atlântica Editora, 2005.

SILVA, Elmo Rodrigues da. **O Curso da Água na História: Simbologia, Moralidade e a Gestão de Recursos Hídricos**. 1998. Tese (Doutorado em Saúde Pública) – Escola Nacional de Saúde Pública, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 1998

SILVA, Juremir Machado da. **As tecnologias do Imaginário**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2012.

TAYLOR, Bron. R. **Dark green religion: Nature spirituality and the planetary future**. California: University of California Press, 2010.

VIZEU, Alfredo. **Telejornalismo: o conhecimento do cotidiano**. Estudos em Jornalismo e Mídia, v. 2, 2005.

WARBURG, Aby. **Histórias de fantasma para gente grande**. Editora Companhia das Letras, 2015.

WEBER, Max. **Economie et société**. Tradução Jacques Chavy *et al.* Paris: Plon, 1971.